







MAGNO PAGANELLI

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA TIPOLOGIA BÍBLICA

A INTERPRETAÇÃO
DOS SÍMBOLOS, TIPOS E FIGURAS
DO ANTIGO TESTAMENTO

Geográfica editora

Qual a relação entre os sacrifícios do Antigo Testamento e a nossa salvação? Por que Jesus, o Cordeiro de Deus, foi coroado com espinhos? Pilatos lavou suas mãos por acaso ao encerrar o julgamento de Jesus?

Esses e muitos outros tipos bíblicos são revelados nesta obra que apresenta um expressivo estudo sobre o livro de Levítico e a carta aos Hebreus.

O pregador, o seminarista ou mesmo o cristão que estuda a Bíblia verá a riqueza de detalhes revelada por Deus desde os mais rudimentares ritos judaicos, incluindo o plano de salvação, oculto nos símbolos, e terá imensa satisfação ao ter contato com tais revelações de maneira completamente nova.

"Trata-se de uma obra de perfil teológico, que merece celebração maior, pois refere-se a um tipo de literatura muito mais difícil de se produzir. A abordagem desta obra é clássica e faz coro aos estudos tipológicos históricos da tradição cristã evangélica. Os principais aspectos que merecem especial consideração nesta leitura são os seguintes: em primeiro lugar ela vê um elo nítido entre o Antigo Testamento e o Novo, enfatizando sua unidade; segundo, elege Cristo como o centro das Escrituras Sagradas e finalmente, reforça o caráter de sobrenaturalidade e de inspiração da Bíblia, mostrando o propósito divino por meio da história sagrada."

Luiz Sayão
Pastor, escritor, linguista

Geográfica editora

cód.043555 / ISBN 978-85-8064-188-2

9 788580 641882 >

Referência

Introdução ao Estudo da

Tipologia Bíblica

A interpretação dos símbolos, tipos e figuras do Antigo Testamento

Magno Paganelli

Geográfica editora

Santo André / 2019
5ª edição

Copyright © 2014 por Magno Paganelli.
Todos os direitos reservados por Geográfica Editora.

Coordenação editorial: Maria Fernanda Vigon
Projeto gráfico: Magno Paganelli
Capa: Souto Crescimento de Marca

Revisão:
4ª edição - Carlos Alberto Buczynski
Patrícia Abbud Bumsara

Publicado no Brasil por Geográfica Editora

4ª Edição • 2016
5ª Edição • 2019

Esta obra foi impressa no Brasil com a qualidade
de impressão e acabamento da Geográfica

Printed in Brazil

Qualquer comentário ou dúvidas sobre
este produto escreva para:
produtos@geografica.com.br

P128i Paganelli, Magno
Introdução ao estudo da tipologia bíblica / Magno Paganelli.
– 4. ed. Santo André: Geográfica, 2016.

157p. ; 14x21cm.
ISBN 978-85-8064-188-2

1. Bíblia. 2. Antigo Testamenxto. 3. Levítico – crítica e interpretação. I. Título.

CDU 222.1

Catalogação na publicação: Leandro Augusto dos Santos Lima – CRB 10/1273

Este produto possui 160 páginas impressas em papel polen 70g e em formato 14x21cm(esta medida pode variar em até 0,5cm)

código 043555 - CNPJ 44.197.044/0001 - S.A.C. 0800-773-6511

Sumário

Mazinho Rodrigues!

Ao leitor. 7
Prefácio. 11

Unidade 1

1º Introdução. 15
• Introdução ao Levítico. 15

2º Introdução às Ofertas e Sacrifícios 19
• A linguagem das cerimônias. 22

3º As Ofertas. 29
• As ofertas de aroma agradável. 31
• As ofertas sem aroma agradável. 34
• A lei das ofertas. 40
• Jesus, o nosso cordeiro, a nossa oferta. 42

4º Os Sacrifícios. 47
• O sacrifício pelo Pecado. 48
• Os atos sacrificiais. 52
• O propiciatório e a propiciação por Cristo. 55
• Os sacrifícios abrangiam cinco etapas consecutivas (o significado espiritual para a Igreja). 57
• A identificação do sacrifício de Cristo. 63

5º A Expiação. 67
• A palavra. 67
• O seu significado. 68
• O dia da expiação. 69

6º O Incenso 71

7º O altar 77

• A origem do altar 77
• Os altares do Tabernáculo - formato e função 78
• O altar no decorrer da história 81

8º O Sacerdócio 85

• O sacerdote 87
• O sumo sacerdote 91

Unidade 2

9º O Tabernáculo e o Templo 95

• O Tabernáculo - sua construção 97
• O Tabernáculo e seu Átrio 99
• Entrando no tabernáculo - maiores detalhes 104
• O templo 114
• Um templo no céu 121
• Onde é esse tribunal? 123
• Que altar é este? 126
• A purificação do santuário 133
• A purificação do Templo espiritual 136
• A purificação do Templo no Antigo Testamento 138
• Jesus Purificou o Templo: o Novo Testamento 141
• A purificação do Templo celestial 145

Considerações finais 151

Referências Bibliográficas 155

Ao Leitor

Não nos falta testemunho de pessoas, cristãs ou não, que se propuseram a ler a Bíblia toda e ao começarem a ler o terceiro ou o quarto livro desistiram do projeto. Com isso deixaram de ter contato com esta preciosa fonte de vida e inspiração, que é a Bíblia.

Por que é tão difícil passar por esses dois livros, Levítico e Números? Números traz, basicamente, o recenseamento, a contagem do povo hebreu que deixou o Egito rumo à Palestina, a Terra Prometida. E Levítico, por ser um livro técnico em que estão sumarizadas as leis daquele povo. Realmente é um livro cuja leitura é monótona, cansativa em certo aspecto.

Se conseguir responder-me quem gosta de ler o Código Penal e o resultado do Censo brasileiro terá a resposta de quem gosta de ler eventualmente os dois livros inseridos no Pentateuco de Moisés.

Mas não são só leis e estatísticas que eles nos fornecem. De modo algum.

Tipologia Bíblica – anteriormente publicado com o título *Onde Estava o Cristo* – se propõe a despertar o seu interesse pelo livro de Levítico e identificar nele quais valores espirituais e ensinos sobre o plano da salvação estão "ocultos" no seu contexto.

O estudo apresentado aqui é precioso para a nossa informação histórica a respeito do povo hebreu, o seu cotidiano, os seus hábitos, a sua religião. Ele também contribui, sobremaneira, não somente para a formação do nosso caráter cristão, uma vez que aborda as bases das leis divinas - um reflexo do caráter moral de Deus – mas também as bases fundamentais do sacrifício de Cristo na cruz do Calvário – as suas causas e seus efeitos.

Após ler *Tipologia Bíblica*, o seu conceito sobre Levítico será outro, totalmente novo. O leitor compreenderá com maior clareza muitos textos bíblicos que antes eram incompreensíveis.

Partindo de uma introdução no livro de Levítico, *Tipologia Bíblica* está dividido em capítulos de acordo com assuntos específicos: as ofertas, os sacrifícios, a expiação, o incenso, o altar, o sacerdócio, o tabernáculo e o templo.

A importância das figuras de linguagem usadas em Levítico é tão grande que as vemos em outros livros da Bíblia, e em grande número no Apocalipse de João. Em seu livro João relata ter visto as peças do tabernáculo e diz que as via num templo no céu, em visões que apontam para os nossos dias.

No capítulo que trata das ofertas, o leitor terá contato com os tipos distintos de ofertas que eram oferececidas no Antigo Testamento. Descobrirá o motivo por que se derramava o sangue, e identificará Cristo como o nosso Cordeiro, a nossa oferta.

Quando abordar os sacrifícios, o leitor terá uma visão ampla de cada momento dos sacrifícios e ficará encantado em ver como Cristo cumpriu cada passo, cada detalhe deste maravilhoso processo.

Outro capítulo que também enriquece bastante o nosso conhecimento sobre a obra de Cristo é o capítulo sobre os altares. Falarei sobre os formatos, os diferentes tipos, seus nomes

e concluirei com o altar de Elias, um referencial de avivamento para todos.

O texto sobre o sacerdócio nos coloca, nós, os cristãos, diante da responsabilidade de sacerdotes-crentes, e fala como era o comportamento desejável daquele grupo de pessoas.

Concluo o livro levando o leitor a um passeio pelo templo, onde poderá identificar e associar cada detalhe, cada figura, cada peça anteriormente estudada. Este capítulo mostrará os compartimento do templo e o que se realizava neles.

Com isso o leitor obterá um conceito bastante concreto sobre tudo o que estudou anteriormente.

A conclusão deste capítulo não esgota o assunto. Pelo contrário, o conhecimento das figuras prévias do Cristo nos leva a um salto do Antigo para o Novo Testamento que culminará, como já disse, no Apocalipse de João, com uma conotação escatológica que acrescentará muito ao seu conhecimento.

Tenho certeza, será de grande proveito a leitura de *Tipologia Bíblica*.

Desejo que cada leitor seja saciado e despertado a buscar as verdades e as revelações do Nosso Senhor Jesus Cristo, hoje e sempre.

Prefácio

Um dos assuntos que merece reflexão aprofundada no contexto atual da igreja evangélica brasileira é a relação entre Antigo e Novo Testamentos. A questão por si só já é um grande desafio hermenêutico. Em função do aspecto ainda pueril da igreja e da teologia brasileira, a questão torna-se ainda mais relevante.

Entre as questões mais fascinantes dessa relação entre os dois testamentos está a questão da tipologia. Trata-se do estudo criterioso de como Cristo e sua obra são prefigurados no Antigo Testamento. Na verdade tal tarefa não é nada simples.

Diante desse quadro, devemos expressar grande alegria pela publicação de *Tipologia Bíblica*, de Magno Paganelli. Essa alegria merece ser ressaltada inicialmente por se tratar de uma obra nacional. Cada vez mais a igreja brasileira cresce em sua própria iniciativa de produzir literalmente para os povos de língua portuguesa. Além disso, trata-se de uma obra de perfil teológico, que merece celebração maior, pois trata-se de um tipo de literatura muito mais difícil de se produzir.

A abordagem dessa obra é clássica e faz coro aos estudos tipológicos históricos da tradição cristã evangélica. Os principais aspectos que merecem especial consideração nessa leitura são os seguintes: em primeiro lugar ela vê um elo nítido entre o Antigo Testamento e o Novo, enfatizando sua unidade; segundo,

elege Cristo como o centro das Escrituras Sagradas e, finalmente, reforça o caráter de sobrenaturalidade e de inspiração da Bíblia, mostrando o propósito divino através da história sagrada.

Devido à amplitude dos estudos tipológicos, nem todos os detalhes apresentados pelo autor serão consenso absoluto. Apesar de a grande maioria dos leitores evangélicos compartilharem do mesmo prisma do autor, sempre haverá pontos onde ressaltar-se-ão as tendências mais particularizadas. O leitor amadurecido deverá ler e avaliar detidamente as colocações aqui propostas e tirar suas próprias conclusões.

Nosso desejo é que esta obra seja uma grande bênção para a reflexão teológica e o aprofundamento bíblico em todos os países de fala portuguesa.

Luiz Sayão

Pastor, escritor, conferencista, linguista, mestre em hebraico pela USP; é professor da área bíblica da *Faculdade Teológica Batista de São Paulo* e do *Seminário Servos de Cristo*.

UNIDADE 1

"Porque, em parte, conhecemos..." (I Co 13.9a)

INTRODUÇÃO

Introdução ao LEVÍTICO

O terceiro livro do Pentateuco chama-se, em hebraico, *Vayikrah* (e Ele chamou), oração com que começa o livro. Entretanto, na linguagem talmúdica[1] chama-se *Sefer Torat Cohanim*, ou seja, Livro da Lei dos Sacerdotes. Quando o Antigo Testamento foi traduzido para o grego, a "Versão dos Setenta" (Septuaginta) deu-lhe o título de Levítico. Mas há rabinos que criticam esta denominação, indicando que ela não está de acordo com o seu conteúdo, já que o livro só trata dos levitas esporadicamente, dedicando a sua maior parte aos *Cohanim* (sacerdotes) e ao culto em geral. Chamaram-no assim, talvez, porque Arão e seus filhos, os sacerdotes, pertenciam a tribo de Levi.

O Levítico é um livro essencialmente legislativo. Uma vez que as leis incluídas nele não seguem qualquer ordem, pode ser dividido em diferentes partes, segundo o tema a que se referem as leis.

A primeira parte, do capítulo 1º até o 7º, inclui as normas referentes aos sacrifícios, suas categorias e as partes destinadas aos sacerdotes. Estabelece-se que o donativo sacro que se oferece a Deus pode ser animal ou vegetal (flor de farinha de

[1] Talmude é o estudo das Escrituras que os antigos sábios judeus faziam, expondo e desenvolvendo as leis religiosas e civis da Bíblia hebraica.

trigo [ou o melhor da farinha de trigo], azeite, vinho, incenso); se é animal chama-se geralmente *kobán* e se é vegetal, *minchá*. As ofertas vegetais constituíam, muitas vezes, tão somente um complemento dos sacrifícios de animais. Nesta primeira parte do Levítico está a essência do meu estudo.

A segunda parte do Levítico (capítulos 7-10) tem um caráter completamente diferente, sendo mais uma narração histórica da consagração de Arão e dos sacerdotes. Nela está também incluída uma exposição de direitos e deveres individuais.

A terceira parte (capítulos 11-16) refere-se às normas de pureza impostas aos sacerdotes. Não se trata de leis propriamente ditas, mas, sim, de um ritual e cerimonial que regulam minuciosamente o culto e lhe conferem ordem e dignidade.

Os rituais que aqui são mencionados têm um notável sentido moral. A compreensão do sentido moral desses rituais fornece aos cristãos uma preciosa revelação de ética a ser aplicada em nossas vidas. É oportuno e fundamental absorver o sentido dessa revelação, uma vez que formam as bases do caráter divino revelado no início da história bíblica. Essa revelação se estende ao longo das Escrituras até ser autenticada e cumprida por Jesus.

A última parte do Levítico, que engloba desde o capítulo 17 ao 26 (uma vez que o capítulo 27 é um apêndice que não tem com o livro nenhuma relação), é chamado entre o povo judeu de *Livro de Santidade*. Ele é indicado pelos críticos modernos com um "H", ou seja, com a letra da primeira palavra inglesa de *Holiness Book* (Livro Sagrado ou de Santidade). Esta denominação nasce do fato de que na base de todas as disposições incluídas nesta parte do livro encontram-se a santidade de Deus e a consequente santidade dos sacerdotes e do povo: "...Santos sereis, porque eu, o Senhor vosso Deus, sou santo" (Lv 19.2b).

Embora os sábios judeus não fizessem uma distinção do seguinte modo, Levítico também pode ser dividido em partes distintas, o que auxilia no seu estudo e compreensão. Podemos sumariar as leis como segue. A *Lei Moral* (regra de certo e errado), que compõe o Decálogo, ou dez mandamentos, foi inicialmente proferida por Deus, e então registrada em tábuas de pedra.

A Lei Moral mostra como o homem deve viver a fim de ser aceito por Deus e ainda nos ensina os seguintes pontos: a) a santidade de Deus; b) a pecaminosidade do homem; c) a necessidade de que o homem tem da retidão de Deus (Rm 3.19-31).

A *Lei Civil* (regras para o povo), as quais cobrem cada área da vida diária, necessárias para controlar a maternidade e a geração de filhos por causa das perversões sexuais, da prostituição e dos sacrifícios de crianças, pecados comuns entre os cananeus. Leis proibindo o casamento entre irmão e irmã também foram oficializadas, porque isso era comum entre os egípcios, exercendo influência sobre o povo hebreu.

A *Lei Cerimonial* (regras de adoração), que incluía preceitos relativos ao tabernáculo, ao sacerdócio, às festas, as ofertas e à organização do acompanhamento.

Do que foi dito, podemos concluir que Levítico contém não somente as minuciosas disposições para o sacrifício físico usando animais, mas também todas as regras do sacrifício moral. Isso porque o pedido para que o homem santifique sua alma lhe exige que observe uma vida moral exatamente conforme a vontade de Deus e lhe pede a oferenda de algo interior, do próprio coração.

No que se refere à forma literária de Levítico, não há muito o que dizer, uma vez que se trata de um conjunto de leis em que o legislador busca tão somente expressar-se precisamente e com clareza, sem preocupações estéticas. Devemos lembrar que

quando organizou o seu código de Leis, Moisés estava saindo do Egito com um povo que havia sido escravizado por cerca de quatrocentos anos. Tudo era rudimentar e o povo precisava organizar-se, conquistar a sua identidade como povo eleito e estabelecer regras rígidas que os diferenciasse dos cananeus e de seus cultos pagãos.

Está claro que o Levítico tem também sua importância do ponto de vista linguístico, apesar de não encontrarmos nele a emoção, a vivacidade e a beleza que amiúde notamos nos dois primeiros livros do Pentateuco: o Gênesis e o Êxodo.

O vocabulário do sacrifício permeia o livro. As palavras *sacerdote*, *sacrifício*, *sangue* e *oferta* ocorrem com muita frequência; e *qodesh*, traduzido para *santidade* ou *santo*, aparece mais do que 150 vezes. Observe também a repetida ordem já citada: *"Sereis santos, porque eu sou Santo"* (v 11.44,45; 19.2; 20.7,26).

Levítico contém oitocentos e cinquenta e nove versículos.

Introdução às Ofertas e Sacrifícios

A primeira sugestão de sacrifício na Bíblia encontra-se em Gênesis 3.21:

> *O Senhor Deus fez roupas de pele e com elas vestiu Adão e sua mulher.*

Este texto relata que o Senhor providenciou "mantas de peles" (em algumas versões encontramos "túnicas" ou até "vestimentas") para cobrir a "vergonha" ou nudez de Adão e Eva. Obviamente essas vestimentas teriam sido confeccionadas com peles de animais mortos. Já o primeiro exemplo explícito de sacrifício está registrado em Gênesis 4.4:

> *Abel, por sua vez, trouxe as partes gordas das primeiras crias do seu rebanho. O Senhor aceitou com agrado Abel e sua oferta.*

Esta segunda narrativa diz que Caim trouxe ao Senhor o fruto de seu plantio e foi surpreendido por Abel, seu irmão mais novo, que trouxe ao Senhor a gordura das primícias de seu rebanho, isto é, um sacrifício.

Esse sacrifício despertou a atenção do Senhor, que se alegrou com Abel e com sua oferta. Isto não quer dizer que Deus preferiu um sacrifício a outro por ter preferência por pessoas. Houve um sacrifício de animais e outro de vegetais; basicamente ambos são sacrifícios. O que diferenciou um do outro foi que no sacrifício de Abel o sangue foi derramado em função do reconhecimento dos seus pecados, ou em reconhecimento de seus pecados. Caim simplesmente deu a Deus a sua oferta, não levando em conta o cuidado de Deus com a redenção do homem e a necessidade do reconhecimento de suas próprias faltas.

A essa altura já encontramos algumas revelações de Deus sobre a condição pecadora do homem. Com o pecado de Adão, o homem perdeu o primeiro estado em sua relação de comunhão e unidade com Deus, o que, através da morte de um animal (derramamento de sangue), providenciaria novas vestimentas para o homem (Zc 3.3,4), símbolo da relação reatada.

Vimos que Abel fez o sacrifício com o derramamento de sangue, e pela fé alcançou testemunho (*Pela fé Abel ofereceu a Deus maior sacrifício do que Caim, pelo qual alcançou testemunho de que era justo;* Hb 11.4a), e por esse motivo o seu sacrifício ou oferta foi aceito por Deus.

Seria um grande erro confundir estes sacrifícios com os sacrifícios pagãos da antiguidade. Embora o aspecto exterior, "a plástica" do ritual fosse a mesma, os sacrifícios pagãos através dos seus rituais muitas vezes faziam descer as suas divindades ao nível das paixões humanas, atraindo-as para seu favor, e a praticar, algumas vezes, atos que posteriormente foram condenados pela Escritura.

Os sacrifícios mosaicos tinham como base a adoração a Iaweh, o agradecimento por suas bondades, o pedido de perdão por uma falta cometida involuntariamente ou por uma falta

voluntária, após tê-la reparado. Nisso se vê a diferença do nível espiritual entre os seguidores de Iaweh e os adeptos de outros cultos, especialmente os cananeus e egípcios. Os egípcios também cultuavam, e quando os hebreus quiseram usar animais que eram sagrados aos egípcios, a situação dos hebreus se complicou.

O envolvimento com o Criador tem uma característica universal; todas as culturas o buscam, e a necessidade de comunhão com este Ser abrange cada setor da vida humana. Transparece na Escritura do Antigo Testamento certa rejeição ao que os povos da antiguidade realizavam nos seus cultos, que procuravam satisfazer as suas paixões, mas nem sempre contavam com a necessidade de uma mudança de comportamento e volta para o Senhor. Sabemos pelos estudos sociológicos, como os de Durkheim e outros, que os rituais antigos eram feitos para alcançar favores divinos na fertilidade da colheita e na procriação, além de servir como mecanismo de agregação e organização social das tribos e clãs.

Os sacrifícios dos hebreus eram acompanhados pela *cavanah* (intenção) de voltar ao bom caminho, e geralmente por uma prece. O sacrifício, ao ser queimado, significava, de certo modo, a elevação para a espiritualidade. A fumaça que subia elevava o espírito humano a Deus, transformando a matéria em espírito agradável a Deus.

Por esta razão, quando os sacrifícios de Israel perderam este sentido, os profetas proclamaram imediatamente que não eram os sacrifícios que Deus desejava, e sim o conhecimento de Deus.

> *Pois desejo misericórdia, e não sacrifícios; conhecimento de Deus em vez de holocaustos (Os 6.6).*

A Linguagem das Cerimônias

Na linguagem cerimonial dos judeus havia cinco palavras intimamente ligadas entre si. Entretanto, elas possuiam definição e significado distintos.

- *Oferta:* a palavra oferta era usada para expressar a entrega, a doação do animal a ser sacrificado, ou o manjar (a substância alimentícia), objetos da oferta. As ofertas assumiam entre si características distintas: 1. ofertas de adoração; 2. ofertas de ações de graças; 3. ofertas de expiação de pecado; 4. ofertas pacíficas; 5. ofertas de aroma agradável; 6. ofertas sem aroma agradável.

Como os rituais antigos do povo judeu tinham caráter pedagógico, ou seja, pretendiam orientar e instruir o povo para um sentido mais elevado; esses gestuais todos tinham embutido um significado espiritual. A representação espiritual embutida nesses rituais era que o ato de apresentar uma oferta implicava o desejo de adorar ou render graças a Deus, ou mesmo o reconhecimento do erro ou culpa cometidos. Não havia oferta de sacrifício sem o reconhecimento da falta cometida.

Alguns estudiosos da Bíblia classificam as ofertas em cinco tipos: 1. ofertas pelo pecado; 2. ofertas pela culpa; 3. holocaustos; 4. ofertas pacíficas e 5. ofertas de manjares.

- *Sacrifício:* sacrifício é o ato ou o efeito de sacrificar um animal, o próprio ato de *sacrificar a oferta*. Em outras palavras, diz-se que a *oferta é sacrificada* (em algumas citações da Bíblia as ofertas são *queimadas*, o que não altera o seu significado). Repare que há uma ordem: primeiro se oferece, depois se sacrifica.

Havia ocasiões em que o termo sacrifício pode significar *abstinência de alimento*:

Não comi nada saboroso; carne e vinho nem provei; e não usei nenhuma essência aromática... (Dn 10.3a).

Existe uma classe muito diversificada de *tipos* ou *motivos* por que se sacrificavam ofertas a Deus. Sacrifício de pecado (*hattat*) por faltas involuntárias; reconhecimento a Deus pelas suas bondades (*shelamim*) e sacrifício de delito (*asham*), etc.

- *Holocausto:* o holocausto consistia em um tipo de sacrifício (hb. *olah*) que a oferta, animal ou substância alimentícia, era consumida completamente pelo fogo, no altar (salvo o couro, no caso do holocausto privativo, que pertencia ao cohen, o sacerdote).

Este sacrifício vinha acompanhado de uma oblação[2] (a *minshá*) de farinha misturada com azeite, e de uma libação de vinho (*nésseh*).

É comum encontrarmos passagens na Bíblia dizendo que "Deus cheirou o aroma suave", ou "e a sua fumaça subiu às narinas de Deus". Neste sentido a palavra *olah* significa *subir*. A fumaça do sacrifício subia às narinas de Deus quando expressava fidelidade e sinceridade, e Ele a recebia.

O holocausto exigia um animal (novilho, carneiro ou bode) macho e sem defeito. Esses animais podiam ser substituídos por pombos, rolas ou a boa farinha de trigo, segundo a situação financeira do ofertante. Tais sacrifícios eram realizados para expressar dedicação integral a Deus por parte daquele que o oferecia (em Gênesis temos algumas pessoas como ofertantes: Abel: 4.3,4; Noé 8.20; Abraão: 22.2,7,8,13).

---

[2] O significado literal em Língua Portuguesa da palavra *oblação é oferenda ou oferta feita a um Deus ou aos santos.* Para os judeus e os cristãos, entenda-se oferta ao Senhor.

A lei mosaica prescreveu os holocaustos para serem oferecidos em cada sábado:

> *No dia de sábado, façam uma oferta de dois cordeiros de um ano de idade e sem defeito, juntamente com a oferta derramada e com uma oferta de cereal de dois jarros da melhor farinha amassada com óleo. Este é o holocausto para cada sábado, além do holocausto diário e da oferta derramada.* (Nm 28.9,10).

E holocaustos a serem ofertados a cada mês: *No primeiro dia de cada mês, apresentem ao Senhor um holocausto de dois novilhos, um carneiro e sete cordeiros de um ano, todos sem defeito* (Nm 28.11).

Além destes, eram oferecidos também em outras ocasiões: a época da Páscoa (Lv 28.19-23), o Dia da Expiação (Lv 16), o Pentecostes (Nm 23.16) e a Festa das Trombetas (Lv 23.23-25).

- *Libação:* a primeira menção feita a uma libação se encontra em Gênesis: *e derramou sobre ela uma oferta de bebidas e a ungiu com óleo* (Gn 35.14b).

Esta passagem conta a história de Jacó em sua peregrinação, o momento em que ele edificou um altar em Betel e ofereceu uma libação ao Senhor.

A palavra libar, no sentido literal, significa *beber, tragar.* Mas na Bíblia a palavra *libação* é usada para expressar o *derramamento* ou o ato de *derramar* algo sobre o altar. Geralmente derramava-se vinho sobre o altar (Nm 15.5).

A libação não é encontrada entre as ofertas levíticas de Levítico 1-7, embora fosse incluída nas instruções para os sacrifícios na terra (Nm 15.5-7). Pelo fato de ser *derramada* e

nunca bebida, pode ser interpretada como um tipo do sacrifício de Cristo no sentido do Salmo 22.14 ou de Isaías 53.12.

> *Como água me derramei, e todos os meus ossos estão desconjuntados. Meu coração se tornou como cera; derreteu-se no meu íntimo* (Sl 22.14).

- *Gorduras:* Abel ofereceu ao Senhor as *gorduras* do seu rebanho (Gn 4.4; *comp.* Nm 18.17).

A Lei Mosaica estabeleceu que as gorduras dos animais sacrificados pertenciam ao Senhor: *Toda gordura será do Senhor* (Lv 3.16b; 7.23,25).

No processo de manipulação dos sacrifícios, as gorduras e o sangue não podiam servir de alimento: *nenhuma gordura nem sangue algum comereis* (Lv 3.17b). Eram queimados sobre o altar em oferta ao Senhor: ... *o lóbulo do fígado, e os dois rins com a gordura que os envolve, e queime-os no altar* (Ex 29.13c).

Quando o povo se assentou em Canaã e mediante o afastamento da maioria do povo para estabelecerem suas tribos e clãs longe do altar estas disposições foram praticamente abolidas. A distância entre os novos territórios das tribos e o altar principal dificultava a frequente visita e o ajuntamento do povo para realizarem as cerimônias. Com isso, pouco a pouco, perderam a sensibilidade e o desejo constante de oferecer sacrifícios. Isso está bem claro quando lemos livros como Esdras, Neemias, 1 e 2Reis, 1 e 2Crônicas.

O maior reflexo desse afastamento está na corrupção dos hebreus constantemente narrada pelos escritores bíblicos.

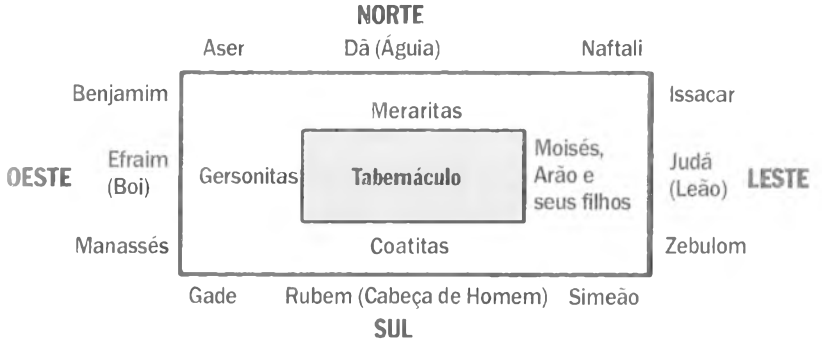
Para que não abandonassem por completo o culto ao Senhor lhes foi recomendado guardarem os preceitos e os manda-

mentos do Senhor para que fossem bem sucedidos (Dt 11.15,16). Na organização tribal primitiva, havia algum entendimento de que o local do altar preservava o poder da tribo, assim como o totem, isto é, o mastro que trazia o emblema de cada tribo. Judá, por exemplo, era representada por um leão. Em Gênesis 49 a profecia de Jacó apresenta os símbolos pelos quais cada tribo seria representada.



Totem Pole Groombridge, em Groombridge, Reino Unido. Exemplo de totem com motivos animais. O tribalismo judaico dá evidências de uma disposição totêmica tal qual as religiões primitivas se organizavam e organizavam o seu culto.

O ministério dos profetas por si não bastou para corrigir a obstinação dos judeus. Por isso temos 16 livros de profetas no Antigo Testamento, mais aqueles que têm suas histórias narradas em outros livros do Antigo Testamento. As mensagens dos profetas em sua grande maioria eram contra a corrupção do povo.



As Ofertas

À medida que a leitura avançar, você perceberá que os temas abordados serão especificados, isto é, distinguidos, porque fazendo assim será mais fácil a sua compreensão do significado de cada ritual e cada peça que compunha o tabernáculo.

Neste capítulo sobre as ofertas, tomei cuidado em separar as ofertas em grupos e relacionei os versículos que falam de cada grupo. Também relacionei o castigo devido a cada grupo de pecado. Isso se estende por todo o capítulo sobre ofertas. Se houver maior interesse do leitor em aprofundar mais em algum detalhe, basta apenas orientar-se por esses versículos e consultar a sua Bíblia ou uma concordância. Isso poupará espaço e deixará o texto mais objetivo.

Este capítulo trata das ofertas. Veremos os tipos de ofertas feitas relativos a cada grupo de pecados, ou seja, em função da natureza do pecado. Veremos os tipos de ofertas em que se derramava sangue. Veremos a lei das ofertas e o cumprimento de todas essas figuras na pessoa e obra de Jesus Cristo, o Messias.

É preciso lembrar que cada ingrediente que compunha uma oferta fazia referência a Ele, inclusive nas ofertas de aroma.

No Antigo Testamento encontramos referências que falam da oferta de vegetais:

> *E aconteceu ao cabo de dias que Caim trouxe do fruto da terra uma oferta ao Senhor* (Gn 4.3).

As primícias dos rebanhos:

> *E Abel também trouxe dos primogênitos das suas ovelhas, e da sua gordura* (Gn 4.4).

Dos holocaustos:

> *... e de toda ave limpa, e ofereceu holocaustos sobre o altar* (Gn 8.20; Ex 10.25).

Dos manjares consagrados:

> *E sacrificou Jacó um sacrifício na montanha, e convidou seus irmãos, para comerem pão...* (Gn 31.54), e das libações de vinho e de azeite.

> *... e derramou sobre ela uma libação, e deitou sobre ela óleo* (Gn 35.14).

As *ofertas* eram sacrificadas a Deus em caráter privativo (feitas pelo indivíduo) ou assumindo um caráter público (oferecidas pela nação), e consistiam de libações de vegetais e manjares (bolos, por exemplo), e de animais ou sacrifícios. Todos eles envolviam a *imolação* (morte) de animais porque ... *sem derramamento de sangue não há remissão* [de pecados] (Hb 9.22).

O derramamento de sangue deveria acompanhar todas as ofertas de acordo com as palavras do Senhor a Moisés, no Sinai (Ex 24.12).

As primícias ou as primeiras colheitas do campo, o fruto da terra (como de Abel, em Gn 4.4) eram trazidas em oferta a Deus, sendo aceitas apenas em virtude do sangue no altar: *Porque a alma da carne está no sangue; pelo que vô-lo tenho dado sobre o altar, para fazer expiação pelas vossas almas; porquanto é o sangue que fará expiação pela alma* (Lv 17.11).

No caso de Abel, como em outros casos, foram apenas *ofertas*, de caráter individual, sem valor *expiatório*, ou seja, não tinham caráter de salvação, pois não havia pecado mortal a ser expiado. Foram ofertadas em caráter de ação de graças pela prosperidade ou fertilidade do seu rebanho. Em alguns casos eram ofertas que expressavam *adoração* a Deus.

Em determinados casos, como de extrema pobreza daquele que oferecia o sacrifício, eram permitidas as ofertas *sem efusão de sangue*, aceitas somente em junção ou misturando-as com o sangue já existente no altar (Lv 5.11-13). Em algumas versões da Bíblia encontramos: *... se a sua mão não alcançar duas rolas, ou dois pombinhos.* Outras versões trazem: *...se as suas posses não lhe permitirem trazer...*, o que torna a compreensão mais clara e demonstra a situação social de algumas famílias na época.

As ofertas de aroma agradável eram divididas em categorias, a saber:

As ofertas de *manjares* (Lv 2.1; 6.14,23) consistiam em trazer a melhor farinha (também chamada flor de farinha), ou em pães asmos ou bolos, filhoses (bolinhos de ovos e farinha polvilhados com açúcar e canela ou passado em calda de

açúcar), espigas torradas ao fogo, tudo temperado com sal (Lv 2.1,4,13,14,15), exceto as ofertas pelo pecado, que eram temperadas com azeite (Lv 5.11).

Poderia formar-se uma oferta independente do sacrifício. Uma parte deveria ser posta sobre o altar, e o restante pertencia ao sacerdote, como no caso das ofertas voluntárias (cap. 2).

Quando eram aceitas como ofertas pelo pecado dos membros da comunidade que eram extremamente pobres (Lv 5.11-13), podiam ser totalmente consumidas sobre o altar. Neste caso correspondia ao sacrifício do altar, e se realizava por ocasião da consagração do sumo sacerdote e da purificação de um leproso (Lv 6.19-23; 14.10,20).

Também havia as ofertas dos vegetais, que poderiam ainda ser subordinadas a um sacrifício.

Todas essas ordenanças não eram sem sentido. Elas necessariamente traziam alguma relação com algo que Jesus iria realizar no futuro quando exercesse o seu ministério terreno, ou no seu sofrimento e morte, ou na ressurreição. Essas primeiras informações dadas sobre as ofertas apontam para Cristo da seguinte maneira:

Cada elemento que compunha uma oferta assume uma identidade com Cristo.

- *o melhor da farinha* fala da uniformidade e do equilíbrio do caráter de Cristo, dessa perfeição da qual nenhuma qualidade é excessiva e nenhuma está ausente;
- *o fogo* expressa a prova do seu sofrimento até a morte;
- *o incenso* fala da fragrância de sua vida diante de Deus;
- *a ausência de fermento* fala do seu caráter como *a verdade* (Jo 14.6); o *fermento* é o símbolo usado no Novo Testamento para referir a heresia, a falsidade; Jesus usou esta

linguagem ao referir-se ao "fermento dos fariseus e dos saduceus", ou seja, a heresia dos judeus daquelas seitas (Mt 16.6);

- *a ausência de mel,* sua doçura não era a doçura natural que pode existir totalmente à parte da graça;
- *o azeite misturado* fala de Cristo nascido do Espírito Santo (Mt 1.18-23);
- *o azeite por cima,* de Cristo batizado com o Espírito Santo (Jo 1.32; 6.27);
- *o forno* fala do sofrimento invisível de Cristo – sua agonia emocional, interior (Mt 27.45,46; Hb 2.18);
- *a assadeira,* de seus sofrimentos mais evidentes (por exemplo, Mt 27.27-31);
- *o sal,* da pungência da verdade de Deus – aquilo que impede a ação do fermento.

Ainda nessa categoria de ofertas (de aroma ou cheiro agradável), há as ofertas das primícias, que falam das primícias dos próprios manjares (*Deles trareis...*, diz Lv 2.12)

As ofertas de animais ou sacrifícios consistiam de bois, ovelhas e bodes de ambos os sexos, e pombas em casos especiais, como de pobreza extrema. Jesus, quando sua família foi apresentá-lo no Templo, recorreu a esse tipo de oferta, o que indica que ele não era de família abastada, como "ensinam" alguns pregadores (Lc 2.24). Esses animais deveriam ser sem defeito e deveriam ter ao menos oito dias de idade. Também estão descritas como ofertas de aroma agradável (cf. Lv 3.1: *E se a sua oferta for de sacrifício pacífico...*).

Para entender melhor as ofertas de animais, iremos estudá-las separadamente, mais à frente.

As Ofertas Sem Aroma Agradável

Há menção a dois tipos de ofertas que não tinham aroma agradável: a) a oferta pelo pecado; b) a oferta pelas transgressões.

Oferta Pelo Pecado (Lv 4.2,3,24c). Nesses versículos vemos quais são os tais pecados:

> *Quando alguém pecar por ignorância contra qualquer dos mandamentos do Senhor, por fazer contra algum deles o que não se deve fazer; se o sacerdote ungido pecar para escândalo do povo...*

Os infratores seriam punidos; a punição era o mecanismo para coibir o aumento no número de transgressões à Lei e servia como forma de conter o pecado e a violência. Do versículo 4 ao versículo 12 Moisés descreveu o ritual do sacrifício pelos erros do sacerdote. Já o sacrifício pelos erros do povo está descrito nos vv. 13 ao 21. O sacrifício pelos erros de um príncipe vemos dos versículos 22 ao 26. O versículo 27 também diz *qualquer outra pessoa*, o que nos leva a entender que seja uma pessoa que não tenha sido enquadrada nos versículos anteriores, pessoa esta que não teve sua ocupação discriminada, e o ritual é apresentado do versículo 28 ao versículo 35.

Como o processo ritual é semelhante em todos os casos anteriores, deixarei para explicá-lo mais detalhadamente no capítulo 3. Além disso, ficará melhor e menos complicado estudar os tipos de ofertas separadamente dos sacrifícios e as etapas para a sua realização. Por isso estou citando, neste capítulo, todos os tipos de ofertas, pois quando estudarmos o processo ritual o leitor terá uma visão mais ampla de toda a cerimônia.

Oferta Pelas Transgressões (Lv 5.1-4). O capítulo 5 de Levítico trata das transgressões, ou seja, os pecados ocultos.

Eles, por sua vez, estão descritos do versículo 1 ao versículo 4. O ritual do seu sacrifício é descrito nos vv. 5 ao 13.

A primeira parte do versículo 15 aponta também o pecado pelo sacrilégio, ou seja, o pecado contra as coisas sagradas do Senhor. Nesses casos, para se obter o perdão era necessário seguir os passos descritos nos versículos 15b ao versículo 19.

Ainda, no que diz respeito às ofertas, temos, no capítulo 6, versículos 2-5, a menção de mais um tipo de pecado: o de *culpa*, e sua devida restituição ou reparação. Este texto fala das pessoas que se negam a apontar o dono legítimo dos objetos encontrados, tomando-os para si em vez de devolvê-lo. O mesmo texto é usado para descrever o procedimento a ser adotado no caso de pessoas que devem restituir objetos furtados.

Ele também fala da injúria, do insulto e da injustiça que o pecado causa. Nesses versículos também se considera a dívida de cada ser humano, por direito, para com Deus. Assim, a oferta pelo pecado tem em vista a *culpa* do indivíduo

O Salmo 51.4 é uma perfeita expressão disto:

> *Contra ti, só contra ti, pequei e fiz o que tu reprovas, de modo que justa é a tua sentença e tens razão em condenar-me.*

A sua devida oferta é descrita nos vv. 6 e 7.

Ainda no capítulo 6, o texto do versículo 8 ao versículo 30, bem como todo o capítulo 7, fala das *leis das ofertas*. Há também instruções aos sacerdotes sobre o procedimento a ser tomado quanto às ofertas trazidas, bem como o ritual referente a cada grupo de pecado. As leis das ofertas estão melhor detalhadas no final deste capítulo, e também a sua representação na morte de Jesus.

Antes de oferecer o sacrifício, o judeu ofertante do Antigo Testamento deveria ter reparado o dano causado a alguém, com um acréscimo da quinta parte do prejuízo provocado. Somente assim ele poderia reconciliar-se com Deus por ter infringido seus mandamentos quando oferecia esse sacrifício de cuja carne ele não se aproveitava.[1] Isso se dava também com o sacrifício chamado *hattat*.

Darei mais detalhes sobre as ofertas pelo pecado e o sacrifício pelos pecados no decorrer do livro, em seções mais específicas, para que o leitor tenha melhor compreensão.

Havia três espécies de sacrifícios em que se derramava sangue para a expiação (Lv 1.4; 17.11).

A Bíblia, mais especificamente o livro do Levítico, deixa claro que *a vida da carne está no sangue*. O derramamento do sangue representa o "esvaziamento" da vida da carne. Em outras palavras, o pecado que condena e impregna a carne (vida) humana perde a força quando o sangue é derramado, fazendo assim a expiação. O resultado do pecado é a morte e o derramamento do sangue faz essa representação:

> *Pois a vida da carne está no sangue, e eu o dei a vocês para fazerem propiciação por si mesmos no altar; é o sangue que faz propiciação pela vida.*

É certo que muitas religiões "modernas" utilizam, ainda, os sacrifícios com derramamento de sangue para buscarem não só a redenção, como também toda a sorte de bênçãos e poderes espirituais. Inclusive usam a própria Bíblia para justificar seus atos.

---

[1] Havia casos quando o ofertante comia parte da oferta trazida. Inicialmente, o dízimo tinha esse aspecto, além do caráter de "redistribuição de renda" para que houvesse igualdade social na sociedade judaica. Para mais informações, veja meu livro *Dízimo, o que é e para que serve - sua história e função social* (Arte Editorial, 2010).

Infelizmente agem por ignorância, sem conhecimento devido do sentido apontado pela Bíblia. Como disse, os sacrifícios do Antigo Testamento, as peças do tabernáculo ou do Templo, os rituais e até as peças das roupas do sumo sacerdote ou dos sacertotes tinham caráter pedagógico. Eles serviam para conduzir o povo na direção de um aprendizado, como uma maneira de discipliná-los, e apontavam para um cumprimento pleno que se realizou na vida, sofrimento, morte e ressurreição de Cristo. Após isso, tudo o que foi feito no Antigo Testamento foi esvaziado do seu primeiro sentido, porque encontrou o sacrifício superior que eliminou a necessidade daquilo que era temporário. Como Paulo escreveu aos Colossenses 2.17, os rituais, alimentos, dias de festas e tudo o mais "são sombras das coisas que haveriam de vir; *mas a realidade é Cristo*". Se realidade é Cristo, as demais coisas da religião judaica não eram reais, mas provisórias. Como o cordeiro no Antigo Testamento era provisório, o Senhor Deus deu ao mundo seu Filho para ser o "Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo", já que o privisório não cumpria esse papel.

Jesus morreu, derramando seu sangue (sua vida) pelos pecados de todos os homens. Apenas por meio da fé alguém se apropria dos bens desse sacrifício único e só assim pode se apossar da salvação oferecida pela graça de Deus.

- *Holocausto.* Nos sacrifícios hebreus havia um tipo chamado *holocausto*, que era uma oferta inteiramente queimada, ato de consagração completa do ofertante (holocausto de um carneiro, de um cordeirinho ou de um bezerro).

O caso referido em 1Samuel 6.14, quando foram oferecidas vacas em holocausto, foi excepcional. O sangue da vítima geralmente era aspergido em torno do altar, e o animal todo era queimado, representando consagração pessoal do ofertante ao Senhor.

- *A oferta de expiação do pecado* (Lv 6.24 ss.). A oferta de expiação do pecado é distinta de *(a)* holocausto, de *(b)* expiação do pecado: *... onde se degola o holocausto se degolará a expiação do pecado...*"; e *(c)* expiação da culpa (Lv 7.1-10).

Não era feita a expiação pelos pecados capitais de uma pessoa (pecados provocados conscientemente, ou seja, pecados fundamentais ou principais, onde a pessoa era tirada do meio do povo; Nm 15.30,31), mas somente pelos *(a)* pecados involuntários; e *(b)* pecados confessados pelo culpado, que procurava fazer a devida reparação.

A oferta pela expiação do pecado consistia em um novilho, um bode, uma cabra, uma pomba ou um pombinho (Lv 4.4,23,28,32; 5.7), e a oferta pelas transgressões exigia um bode ou um carneiro, como no caso dos nazireus (*nazireu,* separado para o Senhor) e dos leprosos (Lv 6.6; 14.12,21; Nm 6.12), o sangue era espalhado de vários modos.[2]

Na oferta pelos pecados do sacerdote como pelos pecados do povo devia-se obedecer a uma ordem, digamos, de aproxima-

---

[2] 1. No fim do versículo 2 do capítulo 5, a palavra *culpado* quer dizer ter profanado a santidade. Todos os mortais, até o sumo sacerdote, estão sujeitos a pecar. O pecado do sumo sacerdote afetava toda a comunidade, pois o ritual da unção fazia incorporar, no sacerdote ungido, todas as forças vivas coletivas. O erro do sacerdote ungido, ou de qualquer pessoa que ocupa um alto cargo, é muito mais grave que o erro de qualquer outra pessoa, já que pode servir de exemplo para o povo ("Mas ai daquele homem por quem o escândalo vem!", Mt 1.7).
O sacrifício pelo pecado involuntário do sumo sacerdote e o da comunidade de Israel eram transportados para fora do acampamento ou da cidade (Jerusalém) e queimados, salvo algumas partes que se deviam queimar sobre o altar, como o sebo. A carne do hattat de uma pessoa pertencia aos sacerdotes, após ter tirado as partes sagradas, as quais eram queimadas sobre o altar. Em nenhum desses casos a pessoa aproveitava a carne da vítima.
2. Na tradução da Bíblia Hebraica, a palavra *culpa* (Lv 5.7 - trad. João F. de Almeida e outras) é traduzida por delito. Segundo comentário feito pelo rabino Meir Matzliah Melamed, o sacrifício de delito, chamado *asham*, era oferecido sempre por particulares, a fim de obter o perdão por um dos delitos descritos no capítulo 5.

ção. Começava-se *perante o Senhor, diante do véu do santuário* e *sobre as pontas do altar do incenso, e todo o resto do sangue do novilho derramará à base do altar do holocausto, que está a porta da tenda da congregação* (Lv 4.6,7).

Quando se tratava de pecados de outras pessoas, uma parte da oferta era colocada sobre o altar dos sacrifícios e o resto era derramado, como já foi dito.

No sacrifício pelas transgressões, todo o sangue da vítima era espalhado sobre o altar, e a carne era queimada fora do campo, enquanto a carne das outras vítimas pertencia aos sacerdotes (Lv 6.26,30; 7.6,7; *comp.* Ex 29.14; Lv 4.3,12,21;16.27; Hb 13.11,12). Nenhuma parte dessas ofertas podia ser comida pelo ofertante, como nas ofertas pacíficas. Isto porque o sacrificador era considerado indigno da comunhão com Deus, e tais ofertas tinham caráter expiatório.

A oferta pelo pecado era feita pelos pecados *cujo efeito terminava primariamente no pecador*. Se os efeitos do pecado terminavam sobre outra(s) pessoa(s) havia a necessidade de um sacrifício, além da própria restituição do dano ou prejuízo. Esta restituição era depositada nas mãos do sacerdote, que a transmitia à pessoa prejudicada. No caso de falecimento, a restituição passava à mão dos herdeiros, e se não houvesse herdeiros ficava com o sacerdote (Lv 5.16; 6.5; Nm 5.7,8).

Os pecados cometidos deliberadamente e punidos com a morte não tinham remissão (Nm 5.30,31). Os pecados intencionais podiam ser remidos pela expiação, tais como os pecados que não eram punidos com a morte: o furto, em que havia punição e restituição, e os pecados que o criminoso confessava voluntariamente e fazia as devidas compensações, quando possíveis.

- *As Ofertas Pacíficas* (Lv 7.11 e seg.). Havia três espécies de ofertas pacíficas: as que incluíam ofertas de *ação de*

graças, ou oferta de gratidão, em reconhecimento das bênçãos imerecidas e inesperadas: *Se o oferecer por oferta de louvores, com o sacrifício de louvores* (7.12); as ofertas *votivas*, cumprindo votos feitos, e as ofertas *voluntárias* (7.16ss), não como expressão de gratidão nem por motivo de algum favor especial, mas como fruto de um amor intenso a Deus (adoração). Elas estão descritas em Levítico 3.

As ofertas pacíficas representavam o desejo de renovar a paz e a comunhão com Deus (Jz 20.26; 21.4; 2Sm 24.25). Nessas ofertas era permitido empregar todo animal descrito na lei, menos as aves. O sangue devia ser aspergido e as gorduras queimadas sobre o altar.

Quando o ofertante fosse uma pessoa em particular, o peito e as espáduas pertenceriam ao sacerdote e o resto das carnes seria comido pelo ofertante e pelos seus amigos diante do Senhor no lugar do santuário (Levítico 3 e 7.11-21, *comp.* 22-27; Ex 29.20-28; Dt 12.7,18; 2Sm 2.15-17).

O banquete diante do Senhor era uma festa eucarística, e significava que Ele estava presente como convidado. Todos deveriam comer e se alegrar em Sua presença.

As ofertas pacíficas, apesar de estarem descritas nessa seção, são ofertas de aroma agradável (Lv 3.1).

A Lei das Ofertas

O *Midrash* [3] comenta que a oferta do sacrifício deve ser oferecida conforme os princípios da Lei como um todo: pureza, honestidade e integridade. Tanto nos sacrifícios, como nas demais práticas religiosas, o sentimento moral é a sua essência, antes de mais nada.

---

[3] As compilações Midrashicas contêm a literatura rabínica do período talmúdico.

O fim, por mais nobre que seja, não justifica a iniquidade dos meios. Não se pode cumprir o mandamento da caridade com dinheiro roubado. Somente a intenção determina o valor do ato, e não o ato em si. A esse propósito também se diz: *o mérito não se mede com a quantia, mas com a boa vontade e com a intenção.*

Na Lei das Ofertas, a oferta pacifica era retirada do seu lugar como a terceira das ofertas de aroma agradável e colocada sozinha, depois de todas as ofertas de aroma não agradável. A explicação é tão simples como o fato é lindo.

Ao revelar as ofertas, o Senhor se manifestava ao pecador. Todo holocausto vinha em primeiro lugar atendendo às exigências das afeições divinas, e a oferta pela culpa vinha por último, atendendo o aspecto mais simples do pecado – o prejuízo que causava.

Em outras palavras, Deus primeiro trata de vingar o pecado derramando o sangue. Depois cuidava de restaurar a consciência do pecador, seu complexo, seu trauma, sua culpa.

Mas o pecador começava necessariamente com aquilo que se encontrava mais perto de uma consciência recém-despertada. Brotava dentro de si o sentimento de inimizade com Deus. Ele não queria saber o que deveria fazer para vingar a justiça de Deus. Seu desespero é voltar à comunhão com o seu Criador.

Sua primeira necessidade, portanto, é a paz com Deus. Esta é precisamente a ordem do Evangelho. Após a sua ressurreição, a primeira mensagem de Cristo foi *paz:*

> *Ao cair da tarde daquele primeiro dia da semana, estando os discípulos reunidos a portas trancadas, por medo dos judeus, Jesus entrou, pôs-se no meio deles e disse: "Paz seja com vocês!"* (Jo 20.19).

Depois Ele mostrou suas mãos e o seu lado: *Tendo dito isso, mostrou-lhes as mãos e o lado.* (v. 20a)

É a ordem de 2Co 5.18-21, primeiro a *palavra de reconciliação* (v. 19), depois as ofertas pela culpa e pecado (v. 21).

A experiência, assim, inverte a ordem da revelação, ou seja, ao invés de atuar do Senhor para o pecador, o pecador busca primeiramente a paz com Deus, e assim sucessivamente (*Rogamos pois da parte de Cristo que vos reconcilieis com Deus*, nós buscamos a reconciliação depois de ter recebido a graça).

Jesus, o Nosso Cordeiro, a Nossa Oferta

O Antigo Testamento lança luz para a interpretação dos textos do Novo Testamento. Em outras palavras, o que era figura de linguagem provisória no Antigo Testamento torna-se realidade e tem seu real significado, seu sentido plenos nos fatos do Novo Testamento.

A redenção do homem é um dos temas de maior destaque nas Sagradas Escrituras, tanto a intenção, como foi demonstrado por Deus ao vestir o primeiro casal com peles de animal, como a realização, como na morte de Cristo na cruz. Este tema da redenção é o mais importante assunto de toda a Bíblia.

No Antigo Testamento, entre outras passagens, a que mais indica o interesse de Deus na salvação do seu povo foi quando Deus elegeu Moisés para diplomata e porta-voz hebreu para os egípcios. Mais especificamente para Faraó. Foi uma ação realmente muito linda, quando analisamos cada detalhe da obra do Cristo, as figuras propostas por Deus em sua presciência.

A retirada dos hebreus do Egito foi marcada por uma cerimônia religiosa importantíssima, lembrada até nos dias de hoje

pelos judeus. Essa cerimônia embutia uma figura belíssima de Jesus e da aliança no seu sangue.

Os hebreus deveriam sair do Egito após celebrarem a *Páscoa*.

Segundo nos conta o livro do Êxodo 12.1-12, próximo à meia-noite cada família (ou grupo delas) comeria a Páscoa apressadamente. Para preparar a Páscoa, cada família devia separar para si um cordeiro (ou cabrito). Este animal precisava possuir algumas características básicas, segundo o que Deus disse a Moisés. Seu sangue seria passado nas ombreiras das portas da casa onde estava sendo comido. Isso era um sinal para Deus e para que o anjo da morte não entrasse ali.

Na noite da Páscoa os hebreus comeriam a carne assada no fogo com pães asmos. Não poderiam comer a carne crua nem cozida em água.

Também deveriam comê-lo vestidos com roupas para partir do Egito; o versículo 11 do mesmo capítulo diz isto:

> *Ao comerem, estejam prontos para sair: cinto no lugar, sandálias nos pés e cajado na mão. Comam apressadamente. Esta é a Páscoa do Senhor.*

A figura do Cordeiro tem sido uma das grandes identidades do Cristo no Antigo Testamento. Até em Abraão encontramos a linguagem do Cordeiro substituto:

> *Mas o Anjo do Senhor o chamou do céu: "Abraão! Abraão!" "Eis-me aqui", respondeu ele. "Não toque no rapaz", disse o Anjo. "Não lhe faça nada. Agora sei que você teme a Deus, porque não me negou seu filho, o seu único filho. Abraão ergueu os olhos e viu um carneiro preso pelos chifres num arbusto. Foi lá pegá-lo, e o sacrificou como holocausto em lugar de seu filho* (Gn 22.11-13).

O cordeiro da Páscoa possuía quatro características que são identificadas na pessoa de Jesus Cristo. A começar pelo anúncio feito por João Batista, que disse: *Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo* (Jo 1.29b).

Vejamos, então, essas características:

- Não possuir mancha ou defeito. Deveria ser mantido separado durante quatro dias para verificar se realmente era perfeito (Ex 12.5 e 6). Vemos essa identificação com Cristo que, sob apuração hostil, foi testado em sua vida pública por diversas vezes:

  Quando Jesus saiu dali, os fariseus e os mestres da lei começaram a opor-se fortemente a ele e a interrogá-lo com muitas perguntas, esperando apanhá-lo em algo que dissesse (Lc 11.53 e 54).
  Quem dentre vós me convence de pecado? (Jo 8.46)
  Disse-lhe Pilatos: Que é a verdade? E, dizendo isto, tornou a ir ter com os judeus, e disse-lhes: Não acho nele crime algum (Jo18.38).

- Após esse período de observação, caso não houvesse nele defeito algum, o cordeiro deveria ser morto (Ex 12.6). Semelhantemente Jesus, após ser submetido a todos os tipos de questionamentos e perseguições, inclusive enfrentar um tribunal severo, foi sacrificado. O próprio Pilatos testificou de que em Cristo não havia defeito:

  Mais uma vez, Pilatos saiu e disse aos judeus: "Vejam, eu o estou trazendo a vocês, para que saibam que não acho nele motivo algum de acusação" (Jo 19.4).

  Finalmente Pilatos o entregou a eles para ser crucificado. Então os soldados encarregaram-se de Jesus (v. 16).

- Há também o caráter volitivo da oferta. Ela precisava

ser espontânea, e não por obrigação: *Se a sua oferta for holocausto de gado, oferecerá macho sem mancha; à porta da tenda da congregação a oferecerá, de sua própria vontade, perante o Senhor* (Lv 1.3). Nada difícil identificar isto em Cristo:

> *Indo um pouco mais adiante, prostrou-se com o rosto em terra e orou: "Meu Pai, se for possível, afasta de mim este cálice; contudo, não seja como eu quero, mas sim como tu queres"* (Mt 26.39).

- Por fim o cordeiro substituiria o pecador (Lv 1.4), porque Cristo o fez em lugar do pecador, obedecendo à determinação divina (caráter substitutivo). Esta é a prova do grande amor de Deus:

> *Mas Deus prova o seu amor para conosco, em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores* (Rm 5.8).

Estas figuras são identificadas na pessoa de Jesus, o Cordeiro de Deus, apropriado para satisfazer as necessidades divinas de justiça, juízo e santificação. Elas devem, também, ser identificadas nos cristãos que aceitam a morte de Cristo e sua ressurreição.

Se realmente morremos para o pecado quando assumimos o compromisso de nos tornarmos discípulos de Jesus, muita coisa não deve mais insistir em nossa vida e, ainda que insista, não devemos valorizá-las. Um defunto não se orgulha de si mesmo, pois está morto; o recém-nascido ama a vontade do seu pai. Um defunto não se irrita, mas um recém-nascido é manso. Um defunto não guarda mágoas, mas um recém-nascido perdoa. Um defunto não abandona o próximo, mas um recém-nascido o ajuda.

O centro de toda a teologia bíblica, cristã especialmente, não é Israel, nunca foi, nunca será. O centro da teologia bíblica não são as figuras e tipos do Antigo Testamento, nem mesmo a cultura religiosa judaica, que Deus rejeitou porque não favorecia a aproximação do homem a Deus.

O centro da teologia bíblica é o Cordeiro. De Gênesis a Apocalipse, o personagem central é o Cordeiro. Em Gênesis, quando Abraão estava para sacrificar Isaque, Deus providenciou o cordeiro. Nos sacrifícios levíticos do Antigo Testamento, o perdão vinha com o sacrifício do Cordeiro. Quando João Batista batizava judeus arrependidos no Jordão, ele disse "Eis o Cordeiro". João, o apóstolo, escreveu no Apocalipse que via o Cordeiro que havia sido morto, mas reviveu. A cultura e a história judaicas são belas e precisamos estudá-la para melhor compreender o Novo Testamento. Mas o Cordeiro é o centro da teologia; sem ele, a Bíblia não tem sentido.

Muitos cristãos se confundem neste ponto. Quem faz de Israel o centro da sua teologia ainda não experimentou o que é ser verdadeiramente cristão. Israel é o centro da teologia para fariseus, saduceus, Testemunhas de Jeová, sabatistas, grupos contra os quais Paulo, o apóstolo cristão, escreveu claramente aos Romanos (9 a 11), aos Gálatas (3), como também o autor da carta aos Hebreus.

Os Sacrifícios

Como disse anteriormente (no primeiro capítulo), os sacrifícios são:

a) o ato ou efeito de sacrificar;

b) o próprio ato de sacrificar a *oferta*. Em outras palavras, dizemos que a *oferta é sacrificada.*

Os sacrifícios têm por finalidade básica o cumprimento da justiça divina. Em Levítico 17.11 se lê:

> *Pois a vida da carne está no sangue, e eu o dei a vocês para fazerem propiciação por si mesmos no altar; é o sangue que faz propiciação pela vida.*

A alma é a expressão da *vida*. Então a vida está no sangue.

Uma vez consumado o pecado, a vida do ser humano pecador fica contaminada (*Porque o salário do pecado é a morte,* Rm 6.23). Para haver paz entre Deus e o pecador, a justiça divina exige o cumprimento da pena pelo pecado, e isto aponta para o sacrifício, e o sacrifício da oferta.

Cristo, a nossa oferta, foi sacrificado em nosso lugar para que pudéssemos ter *paz com Deus* (Rm 5.1).

Assim também é feito na justiça humana (ou pelo menos deveria ser). Quando alguém comete um crime, o criminoso deve submeter-se a um tribunal que irá condená-lo pelo crime cometido, e em seguida o réu irá cumprir a pena pelo crime. Portanto, pecando, o sangue deverá ser derramado, cumprindo a exigência divina, ou seja, *o sangue fará expiação pela alma.*

Se o pecador sacrificasse um animal em seu lugar, derramando o seu sangue sobre o altar, ele atenderia a justiça divina e se livraria da culpa, que recairia sobre o animal, substituto do pecador.

O Sacrifício Pelo Pecado

Das categorias de sacrifícios mencionadas em Levítico, o que aparece com maior frequência é o sacrifício pelo pecado. O sacrifício pelo pecado chamava-se *hattat.* Ele era oferecido por faltas involuntárias quando havia transgressão de algum mandamento da lei, como, por exemplo, ter recusado testemunhar sobre algum fato visto ou conhecido, ter tocado alguma coisa impura e usado, em seguida, um objeto sagrado por esquecimento, ou ainda ter quebrado um juramento. Este sacrifício era oferecido pelo pecador involuntário assim que tomasse ciência de sua transgressão.

Ele deveria confessar a sua falta perante o sacerdote encarregado de fazer o sacrifício, para perdoar o seu pecado. O caráter altamente moral desse ato obrigava a pessoa a reconhecer sua culpável negligência e ficar em paz com a sua consciência.

Identificando isso com Cristo, temos:

> *Pois a vida da carne está no sangue, e eu o dei a vocês para fazerem propiciação por si mesmos no altar; é o sangue que faz propiciação pela vida* (Lv 17.11).

Duas verdades especialmente importantes encontram-se aqui:

- O valor da *vida* é a medida do valor do *sangue*. Isto concede ao sangue de Cristo um valor incomparável. Quando seu sangue foi derramado, o Deus-homem sem pecado deu a sua vida em resgate daqueles que nele passariam a crer; ele assim o fez porque os rituais do Antigo Testamento eram insuficientes, eram representações imperfeitas do que é perfeito. *Porque é impossível que sangue de touros e bodes remova pecados,* explica Hebreus 10.4. O sangue de um homem que salva uma humanidade é o sangue perfeito que remove pecados.
- O sangue eficaz não é o sangue nas veias do animal, mas o sangue *sobre o altar.* As Escrituras não dizem nada sobre salvação pela imitação ou influência da vida de Cristo, mas apenas pela fé nessa vida entregue sobre a cruz.

O significado do sacrifício pelo pecado é explicado aqui. Cada oferta era uma execução da sentença da Lei sobre um substituto do *ofensor*, e apontava para a morte substitutiva de Cristo. Ele era o único que podia satisfazer a justiça de Deus, deixando impunes os pecados daqueles que ofereceram sacrifícios típicos (Rm 3.24,25).

Outro detalhe bastante importante que identifica a morte de Cristo pode ser adicionado a este texto. Se compararmos Êxodo 29.14; Levítico 16.27; Números 19.3; Hebreus 13.10-13 veremos que a última passagem é interpretativa. Leia os textos e acompanhe a interpretação:

O *arraial* (Hb 13.10-13) era o Judaísmo – a religião das formas e cerimônias provisórias, insuficientes, imperfeitas. *Jesus, para santificar o povo* [separá-lo, ou pô-lo de lado para Deus], *pelo seu próprio sangue, sofreu fora da porta* – porta do

Templo e porta da cidade, isto é, judaísmo religioso e civil, respectivamente – (Hb 13.12). O judaísmo falhou em sua missão de levar a mensagem de Deus aos povos. Mas Deus manteve firme o seu propósito de salvar o mundo (Jo 3,16). Se dependesse do compromisso do povo de Israel, você e eu estaríamos perdidos. Assim, Jesus veio para edificar a sua Igreja.

Observe que a palavra Igreja tem origem grega, e a palavra original é *eklesia*. *Eklesia* tem um sufixo ek, que em grego indica o ato de "tirar", ou "expulsar". Assim, a Igreja é a comunidade "tirada" da religião que fracassou em sua missão. Logo em seguida Jesus nos manda fazer missão, ir e ensinar a todas as nações da terra.

Voltando ao texto de Hebreus, como isto santifica ou separa um povo? A resposta está no próprio texto de Hebreus: *Portanto, saiamos até ele, fora do acampamento, suportando a desonra que ele suportou. (Hb 13.13)*

A santificação, a mudança de comportamento, está em deixar o vício religioso (o judaísmo da época, o cristianismo legalista ou institucionalizado de hoje). Daí o termo grego *eklesia* (igreja, sair para fora). A igreja saiu do arraial para fortalecer-se como um povo separado para Deus.

A oferta pelo pecado era queimada fora do arraial e tipifica esse aspecto da morte de Cristo. A cruz se torna um novo altar para o cristão, em um novo lugar, onde, sem o menor mérito de nossa parte, os remidos se reúnem para oferecer, como sacerdotes-cristãos, sacrifícios espirituais:

> Por meio de Jesus, portanto, ofereçamos continuamente a Deus um sacrifício de louvor, que é fruto de lábios que confessam o seu nome (Hb 13.15).

> *... vocês também estão sendo utilizados como pedras vivas na edificação de uma casa espiritual para serem sacerdócio santo, oferecendo sacrifícios espirituais aceitáveis a Deus, por meio de Jesus Cristo* (1Pe 2.5).



Nesta foto, que tirei num sítio na região de Judá, podemos ver um arco construído com "pedras vivas". Chamava-se pedra viva aquela que havia sido cinzelada, trabalhada pelo arquiteto para ser usada em uma edificação; a pedra bruta, virgem, é a pedra morta. Ao centro, a pedra que suporta ambos os lados do arco, é a Pedra de Esquina, como Jesus é a Pedra de Esquina que dá sustentação ao edifício da Igreja.

Os corpos dos animais que eram oferecidos pelo pecado eram queimados fora do arraial, não porque não fossem dignos do campo santo, mas antes porque um campo que não era santo não era digno de uma oferta santa.

Note que no capítulo 2 deste livro falei de ofertas, e consecutivamente, da oferta de expiação do pecado. Já nesta seção

apontei o sacrifício pelo pecado. Não se trata de uma repetição, mas no primeiro caso foram colocadas as condições para se sacrificar (por exemplo, o reconhecimento da falta ou o sentimento de culpa), ofertas a serem sacrificadas (o animal específico), acompanhamentos para os sacrifícios, ou seja, manjar, libação e outros. Já neste contexto (sacrifício) abordei o modo e os atos sacrificiais, o que, em outras palavras, poderia dizer que se trata da parte prática de todo o processo.

Os atos sacrificiais

Os sacrifícios seguiam um pequeno ritual composto por cinco atos. Nada muito complicado, mas nem por isso de pouco valor. Cada ato trazia uma belíssima linguagem figurada que aponta diretamente para o Cristo.

Em detalhes temos:

- *A apresentação da oferta* à porta do santuário pelo ofertante como ato pessoal. Neste primeiro ato o indivíduo demonstrava publicamente o seu íntimo desejo de livrar-se da sua culpa pelo pecado e estabelecer comunhão com Deus.
- *A imposição das mãos*. No hebraico, a *semichá* (pôr as mãos sobre o animal antes de sacrificá-lo) significava o mesmo que transmitir a alma do pecador ao animal através da imposição das mãos:

> *Então colocará as duas mãos sobre a cabeça do bode vivo e confessará todas as iniquidades e rebeliões dos israelitas, todos os seus pecados, e os porá sobre a cabeça do bode. Em seguida enviará o bode para o deserto aos cuidados de um homem designado para isso* (Lv 16.21).

Desse modo, o sangue derramado do animal substituía a alma do dono do sacrifício, como se ele próprio fosse sacrificado. Não se transmitia apenas a alma pecadora aos animais a serem sacrificados. Moisés transmitiu o seu espírito de sabedoria a Josué, pondo sobre ele as suas mãos (Dt 34.9).

A expressão *ter a alma na palma da mão* foi repetida várias vezes na Bíblia e tinha o sentido de uma vida que corria risco de morte (Jz 12.3; 1Sm 19.5; Jó 13.14) ou *a minha alma está na minha palma sempre* (Sl 119.109).

Fazendo a *semichá* sobre o sacrifício de pecado, de delito ou de holocausto, a pessoa deveria confessar a culpa pela qual trazia o seu sacrifício. Sobre o sacrifício de pazes e de gratidão, pronunciava palavras de louvores a Deus. Nos sacrifícios da Páscoa, de primogênito de rebanho, de dízimo de rebanho e de aves, não se fazia o rito da *semichá*, pelo simples fato de serem festas comemorativas, e não para perdão de pecados.

- *A morte do animal* pelo próprio ofertante. Nesse ato o animal, simbolicamente, aceitava a punição devida ao seu pecado. Tempos depois era o sacerdote quem matava o animal.
- *Aplicação simbólica do sangue.* O sacerdote aspergia o sangue, ou tingia com ele o altar, e derramava-o na sua base. Em casos especiais, uma porção era posta sobre o ofertante ou aspergida diante do véu do santuário (Lv 4.6). Poderia ser levado para dentro do tabernáculo (Lv 6.30) e até mesmo para dentro do véu (Lv 16.14). O sangue tinha de ser aplicado, no caso da redenção (*Passem, então, um pouco do sangue nas laterais e nas vigas superiores das portas das casas nas quais vocês comerão o animal* (Ex 12.7).

O cristão deve interpretar esse ato como sendo a apropriação da salvação pela fé pessoal. A salvação é dada pela graça, mas precisa ser recebida, e de fato o é, por meio da fé.

O sangue assim aplicado, sem mais nada, constituía uma proteção perfeita do juízo (Ex 12.13; Hb 10.10,14; 1Jo 1.7). Isso refuta o universalismo, ou seja, o indivíduo deve ter participação ativa no processo. O que crê no derramamento de sangue (fé) é salvo. O derramamento de sangue não salva independente da fé (universalismo). Neste último não há estímulo para a regeneração, para a mudança de comportamento (*metanoia*) de que fala Paulo aos romanos 12.1,2.

- *A vítima destruída pelo fogo.* No ato final do sacrifício, a vítima era queimada no seu todo ou em parte sobre o altar, de onde o seu cheiro subia até a presença de Deus. O fogo transmite a ideia da santidade de Deus (*Porque o nosso Deus é um fogo consumidor,* Hb 12.29). O fogo produzia o cheiro que subia às narinas de Deus, e isso o agradava (*E o Senhor cheirou o suave cheiro, e disse o Senhor em seu coração: Não tornarei mais a amaldiçoar a terra por causa do homem,* Gn 8.21).

O povo judeu cumpria cada ato e deveria ter em mente o seu significado essencial. Sem a consciência devida, todo o sacrifício que era feito seria vão e ignorado por Deus, como de fato foi. Basta ver as repetidas mensagens dos profetas quando Deus expressa a sua repugnância pelas ofertas e sacrifícios.

> *O Senhor pergunta: Para que me trazeis tantos sacrifícios? Estou farto dos holocaustos de carneiros e da gordura de animais de engorda. Não me agrado do sangue de novilhos, de cordeiros e de bodes* (Is 1.11).
>
> *Eu detesto e desprezo as vossas festas; não me agrado das vossas assembleias solenes* (Am 5.21).

E não é diferente hoje, porque o homem não é justificado pelas obras, mas pela fé (Rm 5.1). O que leva o homem à salva-

ção e às bênçãos do Senhor é o que encontramos registrado nas páginas do Novo Testamento, não nas promessas exclusivas para Israel que estão no Antigo Testamento. A nova aliança, como Jesus disse, foi feita no Seu sangue; a velha aliança caducou. perdeu o seu valor.

O Propiciatório e a Propiciação por Cristo

Na língua portuguesa a palavra *propiciar* quer dizer tornar propício, tornar favorável, a favor de. Obviamente conclui-se que *propiciatório* é o *lugar onde se torna algo propício, onde se torna algo favorável ou a favor de.*

Quando pecamos, Deus se faz "desfavorável", contrário, oposto ao pecador por causa dos seus pecados. O propiciatório é o lugar onde desfazemos essa inimizade, onde buscamos o favor imerecido de Deus para nossas vidas (favor imerecido é graça).

O propiciatório era aspergido com o sangue da expiação (ver capítulo 4) no Dia da Expiação (Lv 16.14). Feita a aspersão do sangue, a sentença justa da Lei era considerada executada, transformando o lugar de julgamento em um *propiciatório.*[1]

> *Pois assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para a condenação, assim também por um só ato de justiça veio a graça sobre todos os homens para justificação de vida* (Rm 5.18).

A palavra *propiciação* foi traduzida do grego *hilasterion*, significando *aquilo que expia ou propicia* (ou a *oferta que busca propiciação*).

---

[1] Hebreus 9.11-15; comp. *"trono da graça"* em Hebreus 4.14-16; lugar de comunhão em Êxodo 25.21-22 tornando o lugar de *condenação* em lugar de *absolvição* (*"Porque pela graça sois salvos..."* Ef 2.8b), passando da Lei Mosaica à Graça de Cristo.

A palavra também foi usada no Novo Testamento em relação ao lugar da propiciação, o *propiciatório: E sobre a arca os querubins da glória, que faziam sombra no propiciatório* (Hb 9.5a). Isto é, a *cobertura da arca*: *E porás o propiciatório em cima da arca* (Ex 25.21a).

Outra palavra grega, *hilasmos*, foi usada referindo-se a Cristo como nossa propiciação: *E Ele é a propiciação pelos nossos pecados.* (1Jo 2.2) ... *e enviou Seu Filho para propiciação pelos nossos pecados* (1Jo 4.10).

O pensamento nos sacrifícios do Antigo Testamento e em seu cumprimento no Novo Testamento é que Cristo satisfez completamente as justas exigências de um Deus santo quanto ao julgamento do pecado, com a sua morte na cruz. Deus previa a cruz em sua onisciência e por isso é declarado justo ao perdoar os pecados no período do Antigo Testamento, como também na justificação dos pecadores sob a nova aliança (Rm 3.25,26; *comp.* Ex 29.33).

A propiciação não tem a intenção de aplacar um Deus vingativo, mas, antes, satisfazer a justiça de um Deus santo, tornando assim possível para Ele demonstrar misericórdia com justiça.

O propiciatório era a cobertura da Arca (cf. Ex 25.21a); apenas a título de complemento a esta informação, a Arca Sagrada também chamava-se *Aron Hashem* (a Arca de Deus), *Aron Habrit* (a Arca da Aliança), *Aron Haedut* (a Arca do Testemunho), *Aron Hacódesh* (a Arca Sagrada), *Aron Oz* (a Arca da Força). Era feita de madeira de Sitim e continha as duas tábuas da Lei (Ex 25.21; 31.18; Dt 10.3-5). Segundo o Rabi Meir, a Arca Sagrada existiu até o tempo do rei Yoshiahu, que a escondeu num dos departamentos do Templo. O Talmude escreve (Yoma 52) que desde que desapareceu a Arca Sagrada, desapareceram com ela a garrafa que continha o maná (Ex 16.32-34), o frasco de azeite da unção, a vara de Arão (Nm 17.1-11) e uma caixa que os filisteus tinham enviado aos israelitas, quando lhes devolveram a Arca Sagrada (1Sm 6.11). A Arca Sagrada permanecia no Santo dos Santos, ou Santidade de Santidades, ou lugar Santíssimo, área do Tabernáculo ou do Templo destinada à manifestação de Deus. O sumo sacerdote era a única pessoa que tinha acesso a esse compartimento. Da porta do Templo para o lugar Santíssimo havia outro compartimento que o precedia: o Santidade ou Lugar Santo. O lugar da Arca Sagrada (que ficava entre dois querubins) era separado do Santíssimo apenas pelo véu, o qual se rasgou na morte de Cristo (Lc 23.45).

Os sacrifícios abrangiam cinco etapas consecutivas (o significado espiritual para nós)

Eram cinco os atos sacrificiais. Todo o processo expiatório do Antigo Testamento deveria apontar para o Cristo. Qualquer que fosse o nível de consagração, o ofertante deveria ter em mente que buscava paz com Deus e com o Cristo que estava por vir ao povo de Deus. Sem essa consciência os sacrifícios não expressavam valor algum para Deus, e atrofiavam a vida espiritual do ofertante.

Vejamos então qual é o simbolismo dos sacrifícios e seu apontamento para a cruz de Cristo:

• *A apresentação do sacrifício pelo ofertante.*

> *Porque a tristeza segundo Deus opera o arrependimento para a salvação* (2Co 7.10a).

O reconhecimento do erro cometido, fato ocorrido por intermédio da atuação do Espírito Santo (*segundo Deus*), nos leva à busca incessante do perdão divino para os nossos pecados (Sl 51.11). Isso nos traz a reconciliação com o nosso Criador (*Porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar,* Fp 2.13).

Nesses dois versículos encontramos uma das maiores demonstrações da misericórdia, benignidade e longanimidade de Deus. Através da sua graça salvadora ele nos dá condições de reconhecer o sacrifício de Cristo, de crermos que ele é o Filho de Deus, e ainda nos conduz ao arrependimento para perdão de nossos pecados.

> A fé no filho de Deus é o primeiro passo nesse processo, pois Ele é o "...autor e consumador da Fé..."*(Hb 12.2).*

- *A imposição das mãos na cabeça da vítima* (animal) *pelo ofertante* (cf. Lv 16.21).

> *E disse-lhes Pedro: Arrependei-vos...para perdão dos pecados* (At 2.38).

O ato da imposição das mãos sobre a cabeça da vítima consiste na demonstração do arrependimento que gera o perdão dos pecados. Ou seja, uma pessoa não-arrependida não apresentará uma oferta e muito menos imporá as suas mãos sobre animal algum. Isto representava o ato de reconhecimento público no qual a pessoa humilhava-se a si mesma *para* obter o perdão de Deus. Até aqui há o arrependimento e reconhecimento público, mas o perdão vem logo em seguida.

Durante esse ato, os pecados do ofertante eram simbolicamente transferidos para o animal, que assumia a posição de pecador (o Cordeiro, Jesus) em lugar da pessoa arrependida (nós). Identificamos aqui uma figura de Jesus recebendo os pecados em nosso lugar, no lugar da pessoa arrependida.

Outra figura encontrada nesta passagem é a da própria imposição de mãos. A colocação de uma *coroa de espinhos* na cabeça de Jesus representa cada um de nós colocando nossas mãos sobre Ele e imputando-lhe os nossos pecados. Dizemos então que a imposição das mãos do ofertante significava aceitação e identificação de si mesmo com a sua oferta.

Em figura também corresponde à fé do cristão aceitando e identificando-se com Cristo (Rm 4.5; 6.3-11). O cristão é justificado pela fé e sua fé é reconhecida como justiça porque ela o identifica com Cristo, que morreu como sua oferta pelo pecado (2Co 5.21; 1Pe 2.24). A isto chamamos *imputação*, que é o ato de Deus através do qual ele atribui justiça ao que crê em Cristo (o propiciatório), que assumiu os pecados do cristão para vindicar a Lei.

Os versículos 17 e 18 da Epístola de Paulo a Filemom ilustram perfeitamente a imputação:

> *"Recebe, como se fosse a mim mesmo"* – conceda-lhe os meus méritos. *"E se algum dano te fez, ou se te deve alguma coisa, lança tudo em minha conta"* – transfere para mim o seu demérito.

- A imolação do animal.

> *Porque, como pela desobediência de um só homem, muitos foram feitos pecadores, assim pela obediência de um, muitos serão feitos justos* (Rm 5.19).

Jesus substituiu o pecador porque se fez pecado por nós (2Co 5.21), obedecendo à determinação divina; isso dá a sua obra o que chamamos caráter substitutivo. Também assumiu o caráter volitivo, pois ofereceu-se a Deus satisfeito em fazer a vontade do Pai. Somente Cristo pôde fazer tal sacrifício em nosso lugar.

Jesus tipificou-se como o Cordeiro imaculado e santo, apropriado para satisfazer as nescessidades divinas de justiça, juízo e santificação.

- *O derramamento, ou espargimento do sangue* (se dava em casos especiais cf. Lv 4.6; 6.30; 16.14).

> *...havendo feito por Si mesmo a purificação dos nossos pecados...* (Hb 1.3b).

Uma vez reconhecida a falta, o ofertante arrependido buscava o perdão, derramando o sangue e cumprindo o processo sacrificial. A morte de Cristo na cruz determina o perdão de Deus em cumprimento da justiça divina.

Porém, há outro ponto a ser citado aqui. O simples fato de Deus nos perdoar *não* purifica os nossos pecados. O perdão é a "quitação" da dívida pela transgressão da Lei. O processo completo deverá envolver, ainda, a purificação, isto é, deixar o pecador que foi perdoado em novo estado e em condições de manter a sua comunhão com o Senhor. Tirar a roupa suja do pecado não significa colocar roupa limpa novamente.

Após trocar a roupa suja é que nos tornamos purificados (limpos) através do sangue de Cristo: *havendo feito por Si a purificação dos nossos pecados* (Hb 1.3b). Ele nos torna *limpos* diante de Deus, dignos de adentrar à sua santa presença, fato que foi citado pelo escritor aos Hebreus: *Tendo pois, irmãos, ousadia para entrar no santuário, pelo sangue de Jesus* (Hb 10.19). E também nos coloca em uma nova posição diante do Senhor: *Mas agora em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, já pelo sangue de Cristo chegastes perto* (Ef 2.13).

Fica claro que o simples fato de perceber a sujeira do pecado na roupa, e até mesmo enquanto caminhamos rumo ao guarda-roupa para trocá-la, não tira a sujeira que está em nós. Somente após trocá-la realmente é que ficamos limpos.

O cristão que se identifica com a cruz torna-se purificado de todos os pecados que carrega consigo *uma vez por todas* (Hb 10.1-12). Mesmo assim precisará apresentar os seus pecados diariamente em confissão ao Pai durante a sua vida, para permanecer em comunhão ininterrupta com Ele e com o Filho (1Jo 1.1-10).

O sangue de Cristo resolve tudo o que a Lei teria de fazer sobre a culpa do cristão, mas ele precisa de constante purificação dos pecados que comete diariamente. Veja Efésios 5.25-27; 2João 5.6.

- A queima do sacrifício inteiro.

> *E o Senhor cheirou o suave cheiro, e disse o Senhor em seu coração: Não tornarei mais a amaldiçoar a terra por causa do homem* (Gn 8.21).

Nesta fase do processo entramos em condição "propícia" com o Senhor; purificados, limpos, aproximados de acordo com as exigências divinas de Sua justiça.

Na queima do sacrifício está envolvido o elemento *fogo* (essencialmente este é um símbolo de santidade de Deus; Hb 12.29). Em todas as culturas primitivas o fogo tinha caráter purificador. Durkheim, que pesquisou as religiões primitivas, disse que em determinado momento do desenvolvimento da religião, a reflexão intelectual ordenou as ideias e, por conseguinte, começou a classificar. "Pensar o fogo, por exemplo, é colocá-lo nesta ou naquela categoria de coisas, de maneira a se poder dizer que ele seja isto ou aquilo, isto e não aquilo". Mas classificar também é nomear, "porque uma ideia geral só tem existência e realidade na e pela palavra que a exprime e que faz, por si só, a sua individualidade". É assim que o fogo ganhou o status de elemento purificador, porque em algum momento houve consenso em dada sociedade de que o fogo poderia ser nomeado agente de purificação.

Assim, como tal, o fogo expressa Deus de três modos:

a. em juízo, através do qual a sua santidade condena todo e qualquer pecado (e.g. Gn 19.24; Mc 9.43-48; Ap 20.15)
b. na manifestação de si mesmo e daquilo que aprova (e.g., Ex 3.2; 13.21; 1Pe 1.7), e
c. em purificação (e.g., Ml 3.2,3; 1Co 3.12-14).

Assim, em Levítico, o fogo que apenas manifesta o aroma das ofertas queimadas, dos manjares e ofertas pacíficas consome totalmente a oferta pelo pecado.

O sofrimento de Cristo até a morte foi o fogo que produziu o cheiro suave para Deus. Paulo chega ao ponto de mencionar o aroma de Cristo em sua segunda carta aos coríntos (2Co 2.14,15;) e aos Efésios 5.2: *e andai em amor como Cristo, que também nos amou e se entregou por nós a Deus como oferta e sacrifício com aroma suave*. Era desse modo que o apóstolo interpretava o sacrifício de Cristo, como substituto dos sacrifícios do Antigo Testamento, que em Cristo perdem o seu valor.

Provavelmente você poderá se perguntar: Se Cristo foi o nosso sacrifício, por que não morreu queimado? Nesse caso, posso pensar nos seguintes fatos:

a. Como vimos no capítulo que fala das ofertas, havia um tipo de oferta que era sacrificada em caráter público (pela nação). Cristo não morreu em caráter individual, mesmo porque n'Ele não havia transgressão alguma, mas morreu pelas nossas: *Mas ele foi ferido pelas nossas transgressões, e moído pelas nossas iniquidades* (Is 53.5a). Assim, foi humilhado publicamente: *E da mesma maneira também os príncipes dos sacerdotes, com os escribas, e anciãos, e fariseus, escarnecendo, diziam* (Mt 27.41), simbolizando assim o sacrifício pela humanidade;

b. No período do Antigo Testamento, o altar era o local indicado para a realização dos sacrifícios. Cristo, chamado *Cordeiro* apenas no simbolismo do plano da salvação, sendo homem, deveria cumprir as leis dos governadores do seu tempo: *Dai pois a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus* (Mt 22.21b).

O governador na época era Pôncio Pilatos. Toda e qualquer condenação deveria ser cumprida conforme prescrevia a lei em Jerusalém:

> *e tendo mandado açoitar a Jesus, entregou-o para ser crucificado. E logo os soldados do presidente, conduzindo*

Jesus à audiência, reuniram junto dele toda a coorte (Mt 27.26,27);

c. A lei na época prescrevia a crucificação:

> *Quando também em alguém houver pecado, digno do juízo de morte, e haja de morrer, e o pendurares num madeiro, o seu cadáver não permanecerá no madeiro, mas certamente o enterrarás no mesmo dia, porquanto o pendurado é maldito de Deus* (Dt 21.22,23a).

d. No sacrifício do Antigo Testamento havia um altar; no Novo Testamento, simbolicamente uma cruz;

e. No Antigo Testamento havia a imposição de mão sobre o animal; no Novo Testamento uma coroa de espinhos em sua cabeça;

f. No Antigo Testamento havia fogo; no Novo Testamento havia sofrimento;

g. No Antigo Testamento havia gordura; no Novo Testamento havia lágrimas;

h. No Antigo Testamento, o fogo provocava o "estalar" das chamas que ardiam; no Novo Testamento um enorme silêncio provocado pela ansiedade da Nova Aliança;

i. No Antigo Testamento apenas o sumo sacerdote entrava no Santo dos Santos; no Novo Testamento todos os que aceitaram o sacrifício entraram véu adentro na Sala do Trono com ousadia.

A identificação do Cristo com os animais do sacrifício

Vimos que apenas alguns animais eram aceitos para serem

sacrificados.

Em cada um deles podemos identificar Cristo de forma clara, onde cada animal possui características marcantes da personalidade de Jesus. Conheça mais um pouco sobre esses traços em sua personalidade.

- *O novilho*, ou *boi*, apresenta Cristo como o Servo paciente e sofredor (Hb 12.2,3), *obediente até a morte* (Is 52.13-15; Fp 2.5-8). Sua oferta neste sentido assume o caráter substitutivo, pelo fato de sermos desobedientes. Assim sendo, a nossa fé na obediência de Cristo é incorporada pela obediência que Ele demonstrou;
- *A ovelha*, ou *cordeiro*, apresenta Cristo em submissão sem resistência à morte da cruz (Is 53.7; At 8.32-35);
- *O cabrito* (ou bode) é a figura do pecador (Mt 25.33,41-46) e, do ponto de vista da cruz, a Bíblia diz que Ele *foi contado entre os transgressores* (Is 53.12; Lc 23.33). *Aquele que não conheceu o pecado,* Deus *o fez pecado por nós* (2Co 5.21). O Santo Filho de Deus foi feito *maldição em nosso lugar* (Gl 3.13) quando foi pregado na cruz;
- *A rola* e a *pomba*, naturalmente símbolos da inocência sofredora (Is 38.14; 59.11; Mt 23.37; Hb 7.26), estão associadas com a pobreza. Devemos entender por pobreza o esvaziamento interior da pessoa do Cristo; o desprendimento das riquezas materiais e temporais:

> *As raposas têm covis e as aves do céu, ninhos; mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça* (Lc 9.58).

Em Levítico 5.7 e 12.8 isto está claro. O Seu esvaziamento da glória que tinha antes de sua encarnação fala de Cristo deixando sua posição de Deus Filho para viver entre os homens,

sem, no entanto, abrir mão de seus atributos.

O caminho da pobreza começou quando se esvaziou da sua glória preencarnada e terminou no sacrifício através do qual nos tornamos ricos:

> *Porque já sabeis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, por amor de vós se fez pobre; para que pela sua pobreza enriquecêsseis* (2Co 8.9; Fp 2.6-8; comp. Jo 17.5).

O sacrifício do pobre Homem, Cristo Jesus, torna-se o sacrifício do homem pobre da graça de Deus (Lc 2.24; 1Tm 2.5,6; comp. Hb 9.26; 13.15). E esses graus de sacrifício testam a medida da nossa apropriação dos variados aspectos do único sacrifício de Cristo na cruz. O cristão amadurecido vê Cristo crucificado em todos esses aspectos. *Porque é impossível que o sangue de touros e de bodes tire pecados* (Hb 10.4).

A salvação provém daquele que foi prefigurado no sacrifício imaculado pelo pecador. É certo que muitas pessoas, muitos líderes religiosos e ateus têm tentado tirar de Jesus Cristo o seu título de Messias. Mas como ficou evidente até agora e principalmente neste capítulo, toda a bagagem de conhecimento religioso e espiritual dos hebreus aguardava a revelação do Messias, que culminou com o nascimento de Jesus. Também ficou nítido que durante sua vida, obra e morte, Jesus cumpriu as exigências relativas aos sacrifícios – a cerimônia religiosa dos judeus.

Ao longo de sua vida Jesus cumpriu mais de quarenta profecias diretas, sem falar nas figuras de linguagem e tipos proféticos. É inútil o esforço para separar Jesus do sacrifício expiatório que efetuou em favor da humanidade, obra de suas mãos (Jo 1.3).

Com este capítulo o leitor pôde perceber melhor a beleza e

a riqueza desta obra. Com certeza sua visão dos rituais levíticos começou a mudar. Aos poucos o leitor começa a ligar os fatos do Antigo Testamento com detalhes da vida e obra de Jesus.

Mas até aqui tivemos como que uma "grande introdução" ao assunto. Vimos os rituais em termos gerais. Os próximos capítulos trarão mais detalhes e com eles mais conhecimento sobre como Deus nos salvou.

A Expiação

A Palavra

Outro termo constantemente usado no Antigo Testamento é *expiação*. Mas o que significa esta expressão tão frequente na linguagem da salvação?

A palavra *expiação* surge pela primeira vez em Êxodo 29.33. O original hebraico é *kaphar*, que quer dizer *propiciar, expiar o pecado*. De acordo com as Escrituras, o sacrifício da Lei apenas "cobria" provisoriamente o pecado do ofertante pecador e assegurava-lhe o perdão divino. Repito, o sacrifício da Lei apenas *cobria provisoriamente o pecado*, mas não o removia.

Os sacrifícios do Antigo Testamento jamais removiam o pecado do homem: *Porque é impossível que sangue de touros e de bodes remova pecados* (Hb 10.4)

A oferta dos judeus implicava *confissão* de pecado e o reconhecimento de que a morte era a penalidade que ele merecia. Figuradamente se diz que Deus *passava por cima* do pecado, como passou por cima das casas dos hebreus que iriam sair do Egito.

Um texto que deixa isto bem claro é Romanos 3.25:

> *Ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue, para demonstrar a sua justiça pela remissão dos pecados dantes cometidos, sob a paciência de Deus.*

Finalmente Cristo *removeu* os pecados *anteriormente cometidos* (lit.) *na indulgência* (misericórdia) *de Deus* (Rm 3.25; Hb 9.15-26).

A palavra *expiação* não ocorre no Novo Testamento. A palavra usada em Romanos 5.11 é *reconciliação*.

O significado

O uso bíblico e o significado da palavra devem ser claramente separados do seu uso na teologia. Na teologia o termo é usado referindo-se a toda a obra sacrificial e redentora de Cristo.

No Antigo Testamento, expiação é a palavra usada para traduzir as palavras hebraicas que significam *cobrir*, *cobertura* ou *coberta*. A expiação é, portanto, um conceito puramente teológico, e não a tradução literal do hebraico.

As ofertas levitas *cobriam* os pecados de Israel em antecipação da cruz, mas não *removiam* ou *tiravam pecados* (Hb 10.4).

Foram os pecados cometidos no período do Antigo Testamento que Deus deixou cobertos (Rm 3.25), pois a justiça de Deus não foi vingada até que, na cruz, Jesus Cristo fosse proposto *como propiciação*.

Os sacrifícios no Antigo Testamento deram ocasião a Deus para continuar com um povo culpado porque eles, os sacrifícios, tipificavam a cruz. Para o ofertante eles eram a confissão do seu merecimento de morte e a expressão de sua fé. Para Deus eram as *sombras* das boas coisas futuras, das quais Cristo era a realidade:

> *Porque, tendo a lei a sombra dos bens futuros, e não a imagem exata das coisas, nunca, pelos mesmos sacrifícios que continuamente se oferecem cada ano, pode aperfeiçoar os que a eles se chegam* (*comp.* Hb 10.1).

A expiação é um tipo de oferta queimada (Lv 1.3). Os animais usados neste tipo de oferta e sua identificação com Cristo já foram citados anteriormente.

O Dia da Expiação

O Dia da Expiação era o dia mais importante do calendário hebraico. Geralmente é chamado de *o Dia*, e atualmente *Yom Kippur*:

> *Porque naquele dia se fará expiação por vós, para purificar-vos; e sereis purificados de todos os vossos pecados perante o Senhor* (Lv 16.30).

Em Levítico 6.31 é chamado de *um sábado de descanso*, ou *sábado dos sábados*. Apenas nesse dia o sumo sacerdote entrava no Santos dos Santos (Ex 30.10, *comp.* Hb 9.7,9), e apenas nesse dia o povo devia afligir suas almas (v. 29).

A importância deste sacrifício é enfatizada no fato do sumo sacerdote entrar três vezes no Santo dos Santos e do sangue da oferta pelo pecado ser aspergido sete vezes diante do propiciatório.

Nesse dia a tipologia dupla da morte do pecador (morte espiritual, seguida pela morte física) manifestava-se na morte de um dos bodes e na condução do outro ao deserto (o bode expiatório).

O Incenso

Outro ítem que compunha os cerimoniais religiosos dos judeus era o *incenso*. Citado inúmeras vezes nos textos sagrados, não poderia deixar de ter o seu capítulo à parte.

O *ketóret* (incenso) era composto, segundo o Talmude, de onze especiarias misturadas.

Queimava-se o incenso sobre o altar de ouro no interior do Tabernáculo ou do Templo, duas vezes por dia, de manhã e à tarde. Pela manhã o sumo sacerdote, metido nas suas vestes, queimava o incenso sobre o altar (Êx 30.1-9; Lc 1.10).

No *Yom Kipur* (Dia do Perdão) somente o sumo sacerdote queimava o incenso no *sanctum-santorium* (Santo-Santuário), sobre um incensário contendo brasas acesas, e não sobre o altar (somente nesse Dia). Esse ato fazia com que o fumo e o vapor cobrissem o oráculo:

> *Tomará também o incensário cheio de brasas de fogo do altar, de diante do Senhor, e os seus punhos cheios de incenso aromático moído, e o meterá dentro do véu* (Lv 16.12).

O incenso fazia perdoar os pecados da maledicência. Arão fez perdoar o pecado dos israelitas pondo o incenso aceso entre

os vivos e os mortos, na praga que causou a morte a 14.700 pessoas (Nm 17.12).

Para fazer o serviço do *ketóret* no Templo, dava-se preferência aos novos sacerdotes, que ainda não haviam feito, pois esse serviço lhes trazia prosperidade, segundo comentário do rabino Meir.

O cheiro era tão forte que podia ser sentido a longa distância. Por ser forte o seu cheiro e sentido a longa distância dizia-se que fazia "penetrar na alma" o temor do Templo e de Deus, pois era um cheiro divino. Uma lenda do Talmude dizia que "Os bosques de Jerusalém eram formados de cinamomos; quando queimados exalavam um agradável perfume" (*Mishna ben Shabbat*, 63ª). Conta-se que os comerciantes e fabricantes de aromas em Jerusalém diziam: "Se acrescentássemos um pouco de mel aos perfumes a queimar, o odor seria tão forte que o mundo inteiro não o poderia suportar".

A venda de bálsamos era conhecida em Jerusalém. Marcos e Lucas falam das mulheres da Galileia presentes aos pés da cruz de Jesus que "compraram aromas [misturados aos bálsamos] para ungir o Mestre" (Mc 16.1; Lc 23.56,57). A corte de Herodes, o Grande, contribuiu muito para o desenvolvimento da profissão dos comerciantes de bálsamos. As profissões de luxo foram as que mais prósperas se tornaram devido à corte herodiana, vindo em primeiro lugar o artesanato artístico.

Nos tempos de Jesus a fabricação de perfumes para queimar era hereditária na família de Entinos, como também a preparação dos pães da proposição era atribuída com exclusividade à família de Garmo. Em ben Yoma 38ª lemos de uma greve das duas famílias, que termina com a retomada ao trabalho depois que o salário foi dobrado. Mas nem tudo era feito com matéria-prima de Israel; os árabes traziam grande quantidade

de aromas (matéria-prima) para a fabricação de perfumes em Jerusalém além de pedras preciosas e ouro.

Nos arredores de Jerusalém encontravam-se pomares onde olivais proviam o fruto para a extração do azeite, ao menos para os moradores, que não deviam passar de 35 mil no tempo de Jesus. A cidade era tomada de turistas e peregrinos, mas eram poucos os que realmente moravam entre os muros de Jerusalém. Para dar conta da alta demanda, era preciso vir matéria-prima de outras regiões, da Galileia, por exemplo. Mas os sacerdotes rejeitavam o azeite para uso no Templo caso o produto tivesse atravessado a Samaria, por causa da rivalidade com os samaritamos. Só aceitavam se o fruto viesse em natura para ser manipulado em Judá ou na própria Jerusalém. Se o azeite fosse extraído na Galileia, deveria vir pela Transjordânia.

Nos lugares onde se ofereciam sacrifícios de animais, tanto nos átrios do tabernáculo, como no Templo, o cheiro do sangue corrompia o ambiente. Então, como desodorante, queimava-se o incenso.

Esse processo tinha significado simbólico. Servia para representar a expiação pelas ofensas (Nm 16.46,47) e a eficácia das funções sacerdotais intercedendo pelos pecadores; aí vemos um detalhe importante sobre o poder da oração, uma vez que o Apocalipse fala que a fumaça do incenso que sobe representa a oração dos santos (Ap 5.8).

O salmista pedia a Deus que a sua oração subisse à presença de Deus como o incenso (Sl 141.2). Enquanto todo o povo fazia oração na parte de fora do templo, o sacerdote Zacarias oferecia incenso dentro de seus muros (Lc 1.10).

Nas visões do Apocalipse, aparece um anjo com um turíbulo[1] de ouro em sua mão, e lhe foram dados muitos perfumes, das orações de todos os santos que estavam diante do trono de



Prensa para extração de azeite encontrada na regiaõ de Cesareia de Filipe, atual Banias. (arquivo pessoal do autor)

Deus. E subiu o fumo dos perfumes das orações dos santos da mão do anjo (Ap 8.3-5). O incenso é então uma figura da *oração*.

Os adoradores dos deuses falsos em Israel, imitando os que adoravam o verdadeiro Deus, também ofereciam incenso (2Cr 34.25; Jr 48.35).

Outras Características

- *O incenso* entrava na composição do óleo sagrado das unções sacerdotais (Ex 30.34), e se ajuntava ao azeite

[1] o *Turíbulo* ou *Incensário* é o nome de um vaso usado para queimar o incenso nos templos (Nm 16.6,7,39). Os incensários do Tabernáculo eram de bronze (Lv 16.12; comp. Ex 27.3). Os incensários do Templo eram de ouro (1Rs 7.50; 2Cr 4.22; Hb 9.4). De ouro são também os de Apocalipse, mencionados no capítulo 8.3,5.

das oblações (Lv 2.1,2,15,16) que depois eram queimados (6.15).

- Sobre os pães da proposição, derramava-se incenso puro (Lv 24.7; comp. 1Cr 9.29; Ne 13.5).
- Os dromedários de Midiã, de Efa e de Sabá transportavam-no da Arábia para a Palestina (Is 60.6; Jr 6.20).
- O outeiro do incenso, referido em Cantares 4.6, talvez fosse um lugar reservado, nos jardins do palácio, cercado de árvores aromáticas (comp. Ec 2.5).
- O incenso puro não deve ser confundido com incenso comum (o qual devia ser acrescentado), embora geralmente seja usado separadamente do incenso comum.

Falarei sobre os detalhes do Altar de Incenso no próximo capítulo.

O Altar

A origem do altar

Dada a importância e o grande número de informações, é possível escrever um livro exclusivamente sobre esse tema: o altar. Não é, porém, a minha intenção neste momento. O que cabe neste capítulo é procurar expor, de maneira clara e objetiva, qual a função, o valor sacro e a identificação do altar com Cristo.

Veremos também algumas referências no livro do Apocalipse que dizem respeito ao grau espiritual do tema abordado: a identificação do altar com os cristãos.

A Bíblia refere-se inúmeras vezes aos altares. Por exemplo, altar de Baal (Jz 6.25); altar de Deus (Sl 43.4); altar de Betel (Am 3.14); altar de madeira (Ex 27.1); altar para queimar o incenso (Êx 30:1); altar do holocausto (Êx 38.1).

De maneira figurada já ouvimos falar sobre o altar da oração, o altar da santificação, o altar da purificação, o altar

da inveja, o altar da contenda, o altar da murmuração, que são expressões de uso corrente no campo religioso. Enfim, estamos rodeados por altares.

Durkheim diz que "os primeiros ritos teriam sido mortuários, os túmulos seriam os primeiros altares e os primeiros sacrifícios e oferendas destinados a satisfazer as necessidades de defuntos". O altar que me proponho a abordar, originariamente falando, consiste de uma estrutura elevada, onde se queimavam os sacrifícios em honra aos deuses, ou ao Deus Iaweh. Poderia ser feito de terra ou de uma grande pedra ou de uma plataforma construída de pedras, cobertas ou não, ou ainda de um objeto de forma semelhante, feito de metal.

Nos tempos patriarcais levantavam-se altares no lugar onde se levantavam as tendas. Em circunstâncias especiais também levantavam altares para oferecerem sacrifícios a Deus (Gn 7.20; 12.7; 35.1,7; Êx 17.5; 24.4).

A lei fundamental do altar hebreu, incorporado no pacto teocrático, e que foi dada no Sinai antes da construção do tabernáculo, ordenava a edificação de um altar de terra ou de pedras no lugar onde a Divindade se manifestasse. Essa lei era a ordem primária para os altares que deveriam ser levantados no Tabernáculo e mais tarde no Templo, onde a presença de Iawéh sempre era manifesta. Essa ordenança também era válida para os altares transitórios por ocasião das teofanias (Jz 2.5).

Em seguida vamos ver maiores detalhes sobre essa peça tão importante nos tempos bíblicos.

Os Altares do Tabernáculo: formato e função

Cada altar possuía um formato diferente, dependendo da função a que se destinava, tanto no tabernáculo quanto no Templo.



Altar de Sacrifícios Original Achado em Tel Beersheva, a cidade bíblica de Berseba (Museu de Israel, Jerusalem)

O tabernáculo tinha dois altares.

- *O altar de bronze* ou dos holocaustos, que ficava ao lado de fora do tabernáculo, em frente à porta do tabernáculo. Media aproximadamente 2,5 metros de comprimento, cinco de largura e três de altura.

Era feito de madeira de Cedro ou Sitim e oco por dentro, coberto de chapas de bronze, tendo argolas dos lados por onde deviam passar os varais, também de madeira de Sitim. Esses varais eram usados no transporte do altar, para conduzi-lo o altar de um lugar para outro quando se mudavam de sítio no deserto. Nos seus quatro cantos erguiam-se quatro cornos (pequenos chifres ou pontas, vide acima), um em cada canto, cobertos de bronze. Não tinha degraus, mas em roda era guarnecido de um estreito andaime, onde oficiava o sacerdote.

Todos os sacrifícios eram oferecidos nesse altar. O fato de achar-se logo à entrada da porta, ensinava que ninguém podia

ter acesso a Iaweh, a menos que fosse purificado pelo sangue derramado sobre esse altar (Êx 27.1-8; 38.30; Sl 118.27; Hb 10.19, este último para a Igreja).

Segundo o rabino Meir esse altar era fabricado de madeira de Sitim, e se chamava *Mizbah anehoshét* ou *Mizbah haolá*.

- *O altar de ouro* ou o altar do incenso ficava diante do véu que pendia ante a Arca do Testemunho. Tinha um côvado de comprimento, um de largura e dois de altura, e era feito de madeira de Sitim,[1] revestido de chapas de ouro. Tinha uma cornija em roda, também argolas e varais para o seu transporte, e os cornos em cada um dos cantos.

Sobre ele queimava-se o incenso preparado conforme as prescrições dadas, de manhã e à tarde, à luz do candeeiro. Significava a obrigação que o povo tinha de adorar a Deus, e ao mesmo tempo que essa adoração lhe era agradável (Ex 30.1-10; 40.5; *comp.* Hb 9.4; 1Rs 6.22; Lv 16.19).

Quando se construiu o Templo de Salomão, o novo *altar de bronze* tinha cerca de quatro vezes o tamanho original (1Rs 8.64; 2Cr 4.1). Também foi construído um novo *altar de ouro* (1Rs 7.48; 2Cr 4.19).

---

[1] **a.** Apesar de ter sido citado madeira de Sitim para a fabricação dos altares, há muitas versões quanto à madeira empregada na construção do altar onde se queimava o incenso. Algumas versões defendem que sua fabricação era de cedro. Outras por sua vez citam madeira de acácia e outras ainda madeira de Sitim, sendo as duas primeiras usadas na construção do tabernáculo, no Templo de Jerusalém e no Palácio de Nabucodonozor (Ex 25.5,10,13,23; 26.15; 27.1,6). Porém, todas as versões concordam quanto à cobertura de chapas de ouro puro e sua posição dentro do Santidade (1Rs 6.22), defronte do véu que pende ante a Arca Sagrada, onde está o propiciatório. Mais detalhes sobre seu formato estão em Levítico 37.25-28.

b. Segundo Meir, as letras que formam a palavra *Mizbéah* (altar em hebraico), têm cada uma um significado: *M - mehilá* (perdão); *Z - Zehut* (direito e boa ação); *B - beracha* (bênção); *H - hayim* (vida). Todos os dias rodeava-se o altar uma vez (exceto o sábado) e diziam : *"Rogamos, ó Eterno, salva-nos, rogamos, ó Eterno, faze-nos prosperar"*.

Eram estes os únicos altares permanentes, em que se deviam oferecer os sacrifícios e o incenso aceitos por Deus (Dt 12.2,5,6,7).

Segundo o rabino Meir o altar usado para queimar-se o incenso chamava-se *Mizbah haketóret.*

O altar servia também de lugar de refúgio para os sacerdotes, servidores do Templo, quando matavam alguma pessoa acidentalmente (veja Deuteronômio 19, a lei sobre o criminoso acidental).



Altar decorado, encontrado na região de Cesareia de Filipe, atual Banias, Israel (arquivo pessoal do autor).

O Altar no Decorrer da História

Além dos altares e lugares já citados, a edificação de altares e a oferta de sacrifícios em outros lugares onde havia a manifestação da Divindade (teofania), estavam previamente autorizados pela lei fundamental.

Esse privilégio era dos israelitas em Boquim, ou lugar das Lágrimas, por Josué e também Manoá (Jz 2.1-5; 6.20-25; 13.15-23). Josué erigiu um altar no monte Ebal para servir em uma ocasião especial. Quando as doze tribos se congregaram para uma solenidade nacional, e a Arca do Testamento estava presente,

aquele altar era o altar da pátria (Js 8.30-35). Tudo feito com o espírito e a lei Deuteronômica (Dt 27.5-8).

A Lei do Altar deixou de ser cumprida duas vezes:

1º Quando a arca e o tabernáculo caíram nas mãos dos filisteus e ficou prisioneira em Quiriate-Jearim, não havia lugar onde se manifestasse a presença de Deus (Sl 78.60-64; 1Sm 6.20; 7.4).

Samuel, na função de profeta e de representante de Iaweh, edificou um altar ao Senhor em Ramá e sacrificou em várias localidades (1Sm 7.9-17).

Por causa da confusão produzida pelo aprisionamento da arca, pelo domínio dos filisteus e pelas complicações políticas entre Saul e Davi, surgiram e continuaram por algum tempo a existir altares e dois sumos sacerdotes, o tabernáculo original com o altar primitivo e o novo altar com a arca em Jerusalém (1Rs 3.2,4,15; 2Cr 1.3,6).

2º Quando houve a revolta das dez tribos, os judeus piedosos que habitavam a parte norte do país e que se viam privados de sua peregrinação a Jerusalém, foram obrigados ou a abster-se de adorar a Deus e oferecer-lhe sacrifícios, ou a edificar altares no lugar de sua residência. Em muitos casos adotaram a segunda alternativa (1Rs 18.30,32; 19.10).

Depois do cativeiro, num tempo em que as leis sobre a localização do culto eram bem conhecidas, os judeus que habitavam em Yeb, no Alto Egito, seis séculos antes de Cristo, e ainda no segundo século da mesma época, e alguns judeus residentes perto de Leontópolis, aventuraram-se a construir em cada um desses lugares um templo a Iaweh, a edificar um altar e a oferecer sacrifícios sobre ele em honra ao Deus do céu.

Nem sempre os altares edificados eram destinados a sacrifícios ou a oferta de incensos. As duas tribos e meia que se estabeleceram ao oriente do Jordão levantaram um altar com a

finalidade de conservar a lembrança de sua afinidade de sangue com as outras tribos que haviam atravessado o Jordão (Js 22.10-34).

O Sacerdócio

O propósito divino de que Israel fosse uma nação santa para comunicar ao mundo a missão de Deus de reunir todos os povos em torno de si requeria uma adoração sistematizada, um rito organizado. Para isso, Deus iniciou o seu plano convocando Arão, irmão de Moisés, para servir como *sumo sacerdote*.

Seus quatro filhos, Nadabe, Abiú, Eleazar e Itamar o ajudariam como *sacerdotes*.

Antes da instituição do sacerdócio oficial, o chefe de cada casa (o patriarca) representava sua família na adoração a Deus. Somente um sacerdote é mencionado antes disso na Bíblia. Trata-se do misterioso Melquisedeque, em Gênesis 14.18. Depois dele, Jetro, sogro de Moisés, também foi sacerdote de um povo na região do Sinai.

Desde a primeira Páscoa celebrada no Egito, o filho primogênito de cada família israelita passara a pertencer a Deus:

> *Então falou o Senhor a Moisés dizendo: Santifica-me todo primogênito, o que abrir toda a madre entre os filhos de Israel, de homens e de animais; porque meu é* (Ex 13.1,2).

O pecado dos israelitas no incidente do bezerro de ouro levou o Senhor a escolher os levitas (membros masculinos da tribo de Levi) como substitutos do filho mais velho de cada família israelita (Nm 3.5-13; 8.17).

Os sacerdotes ofereciam sacrifícios e lideravam o povo na expiação pelo pecado (Ex 28.1-43; Lv 16.1-34). Eles eram os encarregados do tabernáculo e da supervisão do mesmo, com a ajuda dos levitas. Na qualidade de guardiões da lei, eles também eram os mestres da nação.

Dos sacerdotes requeria-se que vivessem santamente: *Depois disse o Senhor a Moisés: Fala aos sacerdotes, filhos de Arão, e dize-lhes: O sacerdote não se contaminará* (Lv 21.1; 22.10).

Eles tinham vestimentas especiais (Ex 28.40-43; 39.27-29), como também o sumo sacerdote (Ex 28.4-39). Os sacerdotes e o sumo sacerdote tiveram uma bela cerimônia de consagração (Ex 29.1-37; 40.12-15; Lv 8.1-36).

Todas essas questões serão mais detalhadas no decorrer deste capítulo, o que talvez nos traga o maior número de informações práticas a ser aplicado a nossas vidas. Mas eu adianto que a Igreja de Cristo foi chamada para servir a Deus, assim como os sacerdotes, na função de facilitar o acesso das pessoas a Deus e trazer (ou levar) a presença de Deus para próximo às pessoas. Quem faz parte do Corpo místico de Jesus Cristo também tem a função de sacerdote.

O texto de 1Pedro 2.5-9 nos diz que os cristãos são como os sacerdotes do Antigo Testamento, quanto a alguns aspectos. Tal como aqueles sacerdotes, os cristãos devem viver separados do modo mundano de viver.

Muita coisa pode ser aprendida do sacerdócio do Antigo Testamento sobre o que significa servir a Deus.

E o leitor ficará entusiasmado com a beleza e os detalhes da vida dessas pessoas. Tenho certeza de que isso o despertará ainda mais em sua jornada espiritual.

O Sacerdote

Os sacerdotes (*Cohen*, pl. *Cohenim*) eram ministros diante do altar, descendentes de Arão, cuja família exercia a função sacerdotal, função restrita pela legislação levítica.

O sacerdote era sujeito a leis especiais (Lv 10.8ss). Seus deveres consistiam, principalmente em:

- ministrar no santuário,
- ensinar o povo e
- fazer conhecida a vontade divina.

Os sacerdotes também deveriam atender a um padrão de qualificação moral, espiritual e civil. Arão atendeu a essas necessidades.

O *Midrash* hebraico escreve que, ao escolher uma pessoa para preencher a função de chefe espiritual, levava-se em conta se essa pessoa correspondia a sua geração, se sabia elevar-se com o povo e descer com ele à presença de Deus.

Para se ter uma ideia do cuidado com a vida e o comportamento dos sacerdotes, o capítulo 29 de Levítico trata principalmente das vestes sacerdotais (*Bigdé Keuná*), tamanha a importância desses elementos. Fala também das cerimônias da consagração de Arão e de seus filhos.

Vejamos o que diz a Bíblia Hebraica a respeito dos detalhes mais significativos dessas vestimentas.

Os hebreus adotavam três tipos de vestimentas sacerdotais. O sacerdote comum vestia túnica, calças, mitra e cinto. O

sumo sacerdote (*Cohen Gadol*) vestia, além das quatro peças citadas, o manto, o éfode, o peitoral e a lâmina de ouro.

No *Yom Kipur* (Dia do Perdão) o sumo sacerdote vestia as quatro roupas brancas de linho: a túnica, a calça, o cinto e a tiara.

Segundo a fé dos judeus, as vestimentas sacerdotais faziam perdoar os pecados do povo, as quais eram:

- *O peitoral:* o pecado da injustiça
- *A capa:* o pecado da idolatria
- *O manto:* em cujas extremidades havia 72 campainhas: o pecado da maledicência
- *A túnica:* os crimes sanguinários
- *A tiara:* o orgulho
- *O cinto:* os pensamentos maus
- *A lâmina:* a impertinência
- *As calças:* os pecados sexuais.

Os sacerdotes andavam descalços sobre o chão do Templo, por ser proibido haver separação entre os pés do chão, pois este era considerado sagrado. Os sacerdotes foram divididos por Davi em vinte e quatro turmas, cada uma por seu turno, exercendo as funções inerentes durante uma semana. Até os tempos de Jesus as escalas de Davi ainda eram respeitadas.

"O segundo sacerdote" de 2Reis 25.18 provavelmente era denominado "o chefe da casa de Deus" (2Cr 31.13, ou "maioral da casa de Deus", em algumas versões) e "o capitão do templo": *E, estando eles falando ao povo, sobrevieram os sacerdotes, e o capitão do templo, e os saduceus* (At 4.1; 5.24).

Como mestres do povo, os sacerdotes tiveram atritos primeiramente pelos profetas e depois os escribas fizeram parte do trabalho que era dos sacerdotes. Cada vez que o sacerdote

negligenciava as suas funções, o Senhor enviava um profeta para anunciar o que estava errado.

Os principais sacerdotes do Novo Testamento incluem o sumo sacerdote efetivo, o sumo sacerdote anterior ainda vivo (como no caso de Anás, deposto pelos romanos, *cf.* Lc 3.2; Jo 18.13), e membros dessas famílias privilegiadas.



Menorah de Ouro preparada para o Terceiro Templo, exposta em Jerusalém em 2011 (arquivo pessoal do autor).

Regras de pureza corporal, muito severas, foram impostas ao sacerdote. Ele não podia tocar nas porções dos sacrifícios se estivesse impuro (Lv 22.6); não podia beber vinho ou qualquer outra bebida forte antes de entrar no tabernáculo (Lv 10.9).

Ao lado da pureza física, havia também a pureza moral e a proibição de que ele fizesse qualquer comércio com as porções sagradas. Nos tempos de Jesus isso havia mudado radicalmente, pois eles eram os donos de todo o comércio existente na região do Templo e no Monte das Oliveiras. Até mesmo o excedente de sangue derramado nos sacrifícios, especialmente nas festas, era vendido pelo sumo sacerdote. Nessas ocasiões, a grande quantidade de sangue, como diz o Pesahim (um escrito rabínico), diz que "era o orgulho dos filhos de Arão mergulhar os pés, até o tornozelo, no sangue [das vítimas]" (esse texto fala da quantidade de sangue no átrio dos sacerdotes, e não no canal por onde ele podia ser escorrido"). Os sacerdotes armazenavam o que podia ser armazenado em grandes quantidades e o vendiam para jardineiros. O sangue seco era, então, ralado e utilizado

como fertilizante nos hortos e jardins nos arredores de Jerusalém, uma vez que o solo era bastante precário para o plantio.

Atualmente os rabinos de Israel treinam os novos sacerdotes que comporão os quadros do Terceiro Templo, o Templo do Milênio em que o anticristo se assentará, segundo a profecia de Paulo.

O Sumo Sacerdote

Por sua vez, o sumo sacerdote (*Cohen Gadol*) era o regente espiritual da nação, cargo inicialmente ocupado pelo chefe da casa de Arão.



O sumo sacerdote era sujeito a leis específicas (Lv 21), como superintender o santuário, seu culto e seus tesouros; presidir os serviços do Dia da Expiação (Dia do Perdão), quando era exigido que ele entrasse no Lugar Santíssimo; consultar a Deus pelo Urim e Tumim (*Luzes e perfeições* - sortes sagradas colocadas no bolso do peitoral. Ex 28.30). Esses eram alguns deveres do sumo sacerdote.

Foi depois do exílio e quando Israel ainda estava sob o jugo estrangeiro que o sumo sacerdote tornou-se também o representante político da nação. Isso patenteou a

corrupção dos sacerdotes e dos sumos sacerdotes, que deixaram avançar o interesse pelo poder temporal e financeiro, "vendendo" a nação para as potências da época. No tempo de Jesus, os saduceus, partido dos sacerdotes, eram mancomunados com o poder romano e muitos sequer tinham fé no Deus de Israel.

Suas vestes oficiais, além do que anteriormente fora citado, consistiam de:

- *Peça dos ombros,* feita de linho fino, azul, púrpura e carmesim intercalada com fios de ouro, e tendo nas ombreiras as pedras memoriais de ônix engastadas em ouro e lavradas com os nomes das tribos de Israel;
- *O peitoral,* feito dos mesmos materiais que o éfode, tinha no lado exterior doze pedras preciosas, embutidas em ouro, dispostas em quatro fileiras, cada uma levando o nome de uma tribo de Israel, e por dentro do peitoral um bolso no qual se encontravam o Urim e o Tumim;
- *O manto do éfode,* sem mangas, azul, com as abas enfeitadas de romãs e campainhas;
- *A mitra,* espécie de turbante, com a lâmina da coroa sagrada de ouro, onde estava inscrito *Santidade ao Senhor* (cf. Ex 39; Lv 16).

Arão e seus filhos eram uma figura de Cristo e dos cristãos no tempo da Igreja. Arão é um tipo de Cristo como nosso sumo sacerdote. Cristo é um sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque (*cf.* Hebreus 7), mas ele executa o seu ofício sacerdotal segundo o padrão de Arão (*cf.* Hebreus 9).

Os filhos de Arão são um tipo de sacerdotes-cristãos da época da Igreja: *E nos fez reis e sacerdotes para Deus e seu Pai* (Ap 1.6); *Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa* (1Pe 2.9).

A agência divina na terra era representada pelos sacerdotes. Esse encargo hoje está com a Igreja. Olhando para os dois versículos citados anteriormente entendemos que Deus espera que cumpramos as funções dos sacerdotes antigos. Para isso, o povo judeu foi levantado e separado no passado, mas eles não se detiveram na missão que o Senhor deu a eles e se ufanaram dos privilégios, esquecendo-se dos deveres.

Hoje eles ainda têm algumas promessas, como as que foram feitas a Davi e a Abraão, mas, para serem salvos, precisam reconhecer Jesus como o Messias. Sua condição genética não dá a eles qualquer privilégio no plano da salvação, porque o Novo Testamento deixa claro que a salvação é pela fé, não por obras ou pela origem étnica.

Nós, Igreja, não vamos andar vestidos como sacerdotes. Seria ridículo, e é ridículo quando brasileiros se caracterizam com trajes israelenses. Os judeus em Israel não se sentem bem quando turistas se vestem com quipá (ou solidéu) ou talit e vão ao Muro das Lamentações orar. Pergunte isso a um guia israelense honesto e ele o confirmará.

O nosso comportamento como cristãos deve espelhar todas as virtudes sagradas que deviam ser apresentadas pelos sacerdotes. Por exemplo, assim como cada peça da roupagem sacerdotal fazia perdoar certos tipos de pecados, nosso comportamento e posição diante de Deus deve reivindicar o perdão para o nosso povo brasileiro. Somos nós, os cristãos, que devemos interagir em favor do povo carente de Deus e do seu perdão. E não é só isso, pois o povo é carente também de modelos, de homens e mulheres que sirvam de referenciais a serem imitados.

UNIDADE 2

"... e em partes, profetizamos (1Co 13.9b)

O Tabernáculo e o Templo

Chegamos à segunda parte deste livro. Na primeira você viu com detalhes os elementos, a linguagem, as referências bíblicas e a identificação do Cristo com as figuras dos sacrifícios cerimoniais do Antigo Testamento.

Nesta segunda unidade o foco é sutilmente ampliado.

Com isso vamos poder dar destaque também à Igreja, buscando figuras no Antigo Testamento que são associadas a algum aspecto presente. Esta segunda unidade possui ênfase escatológica, remontando a textos do Antigo Testamento.

A Bíblia Sagrada refere-se inúmeras vezes a *tabernáculo* e *templo*. Na grande maioria das vezes, a referência é feita ao *tabernáculo da presença do Senhor* ou, em sua devida época, *templo do Senhor* ou *Santuário*, muitas vezes citado.

Mais uma vez falarei em termos literais para haver melhor compreensão. Vejamos a diferença.

- *Tabernáculo*. É uma palavra usada especificamente para descrever a *tenda portátil* que foi santuário do Deus dos hebreus durante a sua peregrinação pelo deserto. Sua primeira menção na Bíblia está em Êxodo 25.9, quando o Senhor instruiu a Moisés no Sinai sobre sua construção.

- *Templo*. Já o templo diz respeito a um edifício público reservado para os cultos. Ao contrário do tabernáculo, os templos são edificados em um determinado local, ou seja, não são portáteis, e sua construção geralmente é de pedras: *E, saindo ele do templo, disse-lhe um dos seus discípulos: Mestre, olha que pedras, e que edifícios!* (Mc 13.1; Mt 24.1; Lc 21.5).

Outra diferença é que o tabernáculo é de madeira (Ex 25.5), enquanto o Templo que Salomão construiu e que posteriormente foi reformado e ampliado por Herodes foi feito com pedras e mármore nas cores branca, preta e amarela.

- *Santuário*. Lugar santo, lugar de adoração a Deus ou ainda lugar reservado à *habitação* de Deus. Falando mais diretamente, dentro do nosso contexto, posso dizer que santuário é o *ambiente espiritual* que o tabernáculo, o Templo, ou até mesmo nossos corpos proporcionam à adoração a Deus. E em alguns casos é uma referência ao edifício do próprio Templo. Em Êxodo 28.8 está escrito: *E me farão um santuário, e habitarei no meio deles.*

Deus deu a entender que não era uma construção de pedras que Ele desejava. Ele desejava um santuário no interior das almas, em hebraico *veshachanti betocham*, o que quer dizer *e morarei dentro deles*.

Se reservarmos a sala de nossas casas para adorar ao Senhor, poderemos dizer que ela se "transformou" em um santuário.

Hoje em dia o nosso verdadeiro santuário é o nosso próprio corpo:

> *Ou não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos?* (1Co 6.19).

Note que a relação entre santuário, templo e tabernáculo é tão próxima, que o próprio Senhor disse que o santuário seria a sua habitação no meio do povo hebreu: *E me farão um santuário, e habitarei no meio deles* (Ex 25.8).

E em seguida, no versículo 9, Ele mesmo diz *tabernáculo*, referindo-se ao mesmo lugar, porém no sentido *físico*, e não *espiritual*.

Em Ezequiel 11.16, o Senhor se autonomeia como *santuário de refúgio* para o povo israelita durante a dispersão:

> *Portanto, dize: Assim diz o Senhor Jeová: Ainda que os lancei para longe entre as nações, e ainda que os espalhei pelas terras, todavia lhes servirei de santuário, por um pouco de tempo, nas terras para onde forem.*

Vamos então falar sobre as duas primeiras construções (tabernáculo e Templo) dentro do contexto bíblico, referente ao povo de Israel e Igreja, bem como à identificação de Cristo que esses dois nomes nos fornecem.

O Tabernáculo, sua construção

O tabernáculo ou tenda é mencionado em muitos capítulos da Bíblia. Por exemplo, mais de um terço dos versículos da Epístola aos Hebreus referem-se ao tabernáculo.

O tabernáculo foi erguido para prover um local para o povo ter comunhão com o seu Deus, pois Deus queria viver entre eles (Êx 25.8).

Deus concedeu a Bezaleel, da tribo de Judá, e a Aoliabe, da tribo de Dã, habilidades especiais para agirem como artífices na construção do tal tabernáculo.

O povo de Deus foi convidado a fazer contribuições voluntárias para a construção (Ex 25.1,2). Os homens trouxeram ouro, prata e bronze como contribuição na construção do tabernáculo (veja o significado desses metais no decorrer do texto). Também derrubaram acácias (árvores de 5 a 6 metros, produtoras de madeira de lei, de cor vermelha-alaranjada), fizeram tábuas e as trouxeram.

As acácias eram admiráveis no deserto, com raízes profundas que sugavam água de filetes subterrâneos. A madeira era praticamente indestrutível.

As mulheres trouxeram tecidos e bordados, linho, ou talvez tecido fino de algodão.

De acordo com os trechos de Gênesis 15.14 e Êxodo 12.35,36, os israelitas levaram consigo as riquezas do Egito e, portanto, tinham com que ofertar. Do Egito os israelitas conseguiram o material mais valioso que foi usado na construção do tabernáculo.

Também se utilizaram de pelos de cabras e peles de carneiros; pelos de dudongos, talvez o golfinho, e também não faltou o azeite para a luz, as especiarias para o óleo da unção e as especiarias para o incenso (Êx 25.2-6).

Desse modo, foi construída uma estrutura portátil da mais excelente qualidade. Por centenas de anos continuou sendo o lugar onde o povo de Deus se reunia e adorava.

Na primeira vez que estive no Cairo, visitei o Museu Nacional e pude ver uma estrutura que os egípcios chamam de tabernáculo. Era uma tenda semelhante às que conhecemos e cremos ter sido construída pelos hebreus. Ela era datada de um período anterior ao Êxodo. Assim, Moisés pode tê-la tomado como referência na construção do seu tabernáculo, embora tivesse registrado que o Senhor revelou o modelo e a função das divisões e posições que os utensílios seriam dispostos no seu interior.

Há, no entanto, uma profunda diferença entre a finalidade do tabernáculo egípcio e o tabernáculo hebreu. Aquele era usado para depositar as urnas funerárias, os sarcófagos dos faraós e reis em período longínquo; o tabernáculo dos hebreus construído no deserto não celebrava a morte, mas a vida de Deus no meio do Seu povo e a vida do povo na aproximação ao seu Deus.

O Tabernáculo e seu Átrio

O tabernáculo foi posto no meio de um átrio (pátio interno que dava acesso ao santuário, ou lugar santíssimo) cercado por 137 metros de cortinas de linho fino que, montadas, cercavam um terreno em forma de retângulo.

As cortinas foram dependuradas em pilares de bronze espaçados a cada 2,3 metros. A única entrada ficava na extremidade oriental, e tinha 9 metros de largura (Ex 27.9-18; 38.9-20).

Quando um israelita entrava no átrio, deveria fazer a sua oferta sobre o altar do sacrifício, ao ar livre. Esse altar era coberto com chapas de bronze, e era portátil, tal como os demais móveis (Êx 27.1-8; 38.1-7).

Nesse átrio também havia uma bacia de bronze, na qual os sacerdotes deveriam se lavar (Ex 30.17-21; 38.8; 40.30). Esse átrio, cujos móveis eram feitos principalmente de bronze, representa o julgamento divino contra o pecado. As ofertas feitas ali eram consumidas no fogo.

Na metade ocidental do átrio era armado o próprio tabernáculo. Tinha 13,7 metros de comprimento e 4,6 metros de largura. Estava dividido em duas partes, o Lugar Santo e o Santo dos Santos.

O Lugar Santo media 9,1 metros por 4,6 metros e o Santo dos Santos media 4,6 metros quadrados.

No Tabernáculo havia somente uma entrada, que dava para o oriente. Somente os sacerdotes podiam entrar ali.

Dividindo o Lugar Santo do Santo dos Santos, havia um véu. Neste compartimento nem os sacerdotes podiam entrar. Somente o sumo sacerdote podia penetrar para além do véu, e isso somente uma vez por ano – no Dia da Expiação, quando os pecados da nação eram simbolicamente cobertos.

Na extremidade norte do Lugar Santo havia uma mesa em que os pães da proposição eram expostos. Na extremidade sul havia um candeeiro. Defronte do véu que dividia o Lugar Santo do Santo dos Santos, havia o altar do incenso. Todos esses móveis eram cobertos de ouro puro por dentro e por fora.

O Santo dos Santos abrigava o objeto mais sagrado da religião de Israel, a Arca da Aliança. Era uma caixa feita de madeira de acácia, recoberta por dentro e por fora de ouro puro. Tinha 1,1 metro de comprimento, e 84 centímetros de largura e de altura, de acordo com os trechos de Êxodo 25.10-22 e 37.1-9. A tampa dessa caixa chamava-se *propiciatório*, conforme estudamos anteriormente.

Dois querubins alados feitos de ouro batido faziam sombra sobre o centro do propiciatório. Esse centro era considerado o local reservado à presença de Deus.

Isso distinguia-os das outras nações, que representavam seus deuses por meio de ídolos. Israel não se utilizava de qualquer objeto para representar o seu Deus. No entanto, o propiciatório era o lugar do encontro entre Deus e o homem:

> *E porás diante do véu que está diante da arca do testemunho, diante do propiciatório, que está sobre o testemunho, onde me ajuntarei contigo* (Ex 30.6).

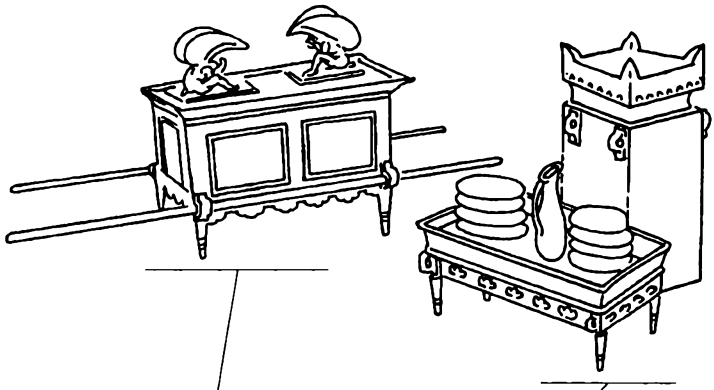
Ali Deus vinha falar com o homem: *E ali virei a ti, e falarei contigo de cima do propiciatório, do meio dos dois querubins* (Ex 25.22). *E, quando Moisés entrava na tenda da congregação para falar com Ele, então ouvia a voz que lhe falava de cima do propiciatório* (Nm 7.89).

Esse era o lugar onde, no Dia da Expiação, o sumo sacerdote aspergia o sangue de um animal pelos pecados da nação de Israel: *E tomará do sangue do novilho, e com o seu dedo espargirá sobre a face do propiciatório* (Lv 16.14)

A construção e os móveis do tabernáculo retratam certos aspectos de Cristo e sua obra. Por exemplo, cada uma das sete peças do mobiliário (contando o propiciatório como uma peça separada) representa uma verdade espiritual específica. Assim temos:

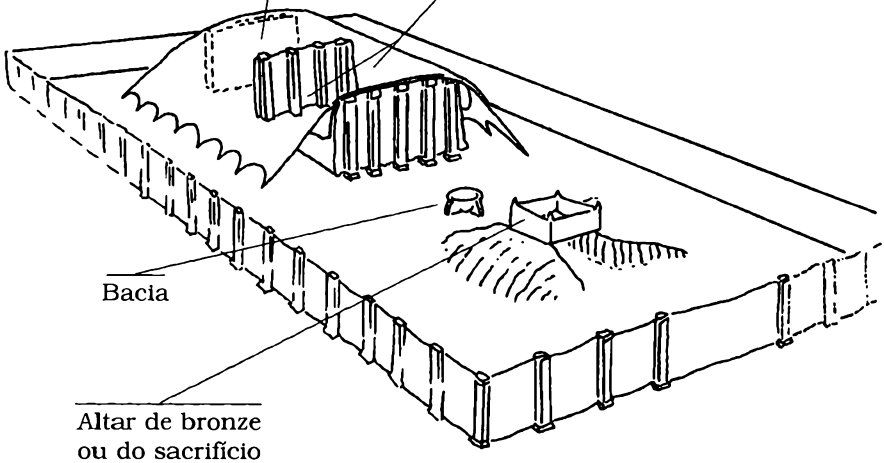
- *Altar dos sacrifícios* – A cruz de Cristo e o julgamento dos pecados
- *Bacia de bronze* – Perdão e purificação dos pecados
- *Mesa dos pães* – Comunhão com Jesus, o pão da vida
- *Candeeiro* – Cristo, a luz do mundo
- *Altar do incenso* – Louvor, oração e a fragância da perfeita vida de Cristo
- *Propiciatório* – Misericórdia em face do sangue vertido
- *Arca da aliança* – Deus habitando no meio do Seu povo.

Naturalmente esses são apenas alguns dos significados espirituais que esses objetos podem representar. Cada peça aponta para uma virtude que necessariamente se cumpriu na vida e obra de Cristo. Sendo assim, não é mais necessária qualquer representação em nossos dias, pois tudo foi cumprido Nele.



A arca da aliança ficava no Santo dos Santos e o propiciatório estava sobre ela

Após a mesa dos pães da proposição, encontrava-se o altar de ouro ou do incenso



Bacia

Altar de bronze ou do sacrifício

Segundo comentário de Scofield, o tabernáculo é identificado no Novo Testamento como figura de três verdades básicas relacionadas à Igreja:

- Da Igreja como uma habitação de Deus através do Espírito Santo (Ex 25.8; Ef 2.19-22)
- Do próprio cristão (2Co 6.16) e
- Como uma figura das coisas celestes (Hb 9.23,24).

Em detalhes, tudo fala de Cristo:

- *A arca*, em seu material (madeira de acácia e ouro) é uma figura da humanidade e divindade de Cristo, a madeira fala da humanidade e o ouro da divindade de Cristo.
- *O conteúdo da arca*, uma figura de Cristo, pois tem a Lei de Deus em seu coração (as tábuas, Êx 25.16); o alimento (ou porção) do seu povo no deserto (o maná, Êx 16.33), e Ele mesmo é a ressurreição, da qual a vara de Arão, que tinha florescido é a figura:

> *Então o Senhor disse a Moisés: torna a pôr a vara de Arão perante o testemunho, para que se guarde por sinal para os filhos rebeldes; assim farás acabar as suas murmurações contra mim, e não morrerão* (Nm 17.10; Hb 9.4).

- *No seu uso*, a arca, especialmente o propiciatório, é uma figura do trono de Deus. Era, ao israelita pecador, como um trono da graça e não do juízo. Isso devia-se ao fato do propiciatório ser feito de ouro e aspergido com o sangue da expiação, que vindicava a Lei e a santidade divina, guardada pelos querubins (Gn 3.24; Ez 1.5).

Essas peças, como foi visto, eram de significado especial para os israelitas. Eles traziam consigo todos esses valores espirituais identificados nas figuras materiais.

Mas com o passar do tempo perderam essa consciência, descaracterizando a beleza dos detalhes e banalizando o ritual e o seu significado se perdeu. Nós, hoje, devemos aprender sobre esses detalhes. Isto é muito importante. E mais importante e de real valor é identificarmos todos esses detalhes e essa linguagem que são traduzidos em Cristo.

Em verdade, todas as figuras do Antigo Testamento já apontavam para o Cristo. E todas as pessoas do Novo Testamento (até agora) devem identificar essas figuras com Jesus Cristo. Somente a interpretação de cada símbolo em Cristo provê sentido para o cristão. Do contrário, cria-se uma nova religião tal qual a judaia, cuja aparência já foi rejeitada por Deus. A religião judaica, a cultura religiosa antiga, não tem valor algum para a espiritualidade do cristão hoje nem para o Senhor. Serve para ser estudada, como estamos fazendo. Mas a sua reprodução nos dias de hoje é pura idolatria, "judeolatria gospel".

Entrando no Tabernáculo, maiores detalhes.

Quero fazer aqui uma descrição dos *utensílios do tabernáculo*, bem como sua identificação com Cristo. Descreverei tanto os utensílios, quanto o tabernáculo, imaginando que estivéssemos entrando nele, como se fôssemos sumos sacerdotes.

A descrição dos utensílios do tabernáculo começa com a *arca* (Êx 25.10) que, como já a descrevi, ficava no Santo dos Santos.

Consideramos que na revelação Deus começa consigo e se dirige ao homem, operando na sua direção, assim como no culto o homem começa a partir de si e segue em direção a Deus, que está no Santo dos Santos. Porém, por questões didáticas, inverterei essa ordem, começando pela visão que se tinha do lado de fora.

Quem olhava pelo lado de fora via, primeiramente, uma imensa cortina de linho fino. O linho fino nas Escrituras é a expressão da justiça. Essa imensa cortina de linho media 137 metros, cercando todo o átrio (pátio interno que dava acesso ao santuário ou lugar santíssimo). As cortinas eram dependuradas em pilares de bronze espaçados a cada 2,3 metros. O tabernáculo estava localizado no centro desse átrio.

- As cortinas do átrio (Êx 27.9) tinham um significado especial. Elas representavam a justiça divina exigida na Lei, e a Lei se limita a dar ao homem o conhecimento do seu pecado. Portanto, conhecido o pecado, o homem se mantinha longe do contato com Deus, ou seja, do lado de fora do átrio. A Lei não resolvia o problema do pecado, apenas apontava na sua direção, indicando que houve uma transgressão.

Elas, as cortinas, excluem igualmente a justiça própria do homem com seu pecado. Isto estava figurado na altura das cortinas, que era de cinco côvados, aproximadamente 2,5 metros. Era impossível a qualquer homem israelita ver o que acontecia no interior do átrio, porque a altura das cortinas o impedia.

Mas como, com todas essas barreiras e alturas, o homem se aproximava de seu Criador?

- Havia uma única entrada que ficava na extremidade oriental, que no entanto media 9 metros de largura (Êx 27.9-18; 38.9-20).

Aqui identificamos Cristo mais uma vez. Em João 10.9 Ele diz: *Eu sou a porta*. O único modo para o homem alcançar o interior do átrio era pela porta. Isso figura Cristo, o único homem que conseguiu comunhão com O Pai: *Ninguém vem ao Pai, senão por mim*, disse Jesus Cristo (Jo 14.6b).

Essas cortinas de linho eram dependuradas em vergas e *ganchos de prata* (Ex 27.17).

- A prata é apresentada nas Escrituras como expressão da redenção. Cortinas de linho dependuradas em ganchos de prata nos dizem, em linguagem figurada, que é na virtude de sua obra redentora que Cristo é nosso caminho de acesso ao Pai, e não pela virtude de sua vida justa (simbolizada pelo linho fino). Além do mais, as hastes que sustentavam as cortinas eram apoiadas em bases de prata, pois tudo o que é feito pela salvação do homem deve apoiar-se no entendimento da salvação e redenção.

Ao entrar pela porta do átrio, que era não somente a entrada principal, mas a *única entrada*, nos defrontamos com o Altar do Sacrifício. Esse era o altar em que os israelitas faziam suas ofertas ao ar livre.

- O *altar de bronze* ou *altar dos holocaustos*, como também era chamado o altar do sacrifício, ficava no pátio em frente ao tabernáculo. Media cerca de 2,5 metros quadrados e 1,5 metro de altura. Era feito de madeira de acácia, coberto de bronze. Este era o altar em que eram oferecidos os sacrifícios (Ex 27.1-8).

Esse altar de bronze é identificado como a cruz sobre a qual Cristo, nosso completo holocausto, *a si mesmo se ofereceu sem mácula a Deus* (Hb 9.14).

Esse altar era de bronze não por um mero acaso. Esse material fala do juízo divino, como na serpente de Moisés, que é uma figura do pecado julgado:

> *E Moisés fez uma serpente de metal, e pô-la sobre uma haste; e era que, mordendo alguma serpente a alguém, olhava para a serpente de metal, e ficava vivo* (Nm 21.9)

Compare Êxodo 27.1 com 25.10 e veja que o altar dos holocaustos media o dobro da altura do propiciatório. Isso porque a expiação, além de nos salvar, glorifica a Deus:

> *Eu glorifiquei-te na terra, tendo consumado a obra que me deste a fazer* (Jo 17.4).



Serpente de Bronze no Monte Nebo, na atual Jordânia. Obra artística que marca o local por onde Moisés passou (arquivo pessoal do autor).

- Ao lado esquerdo desse altar está o chamado *mar de bronze* (algumas versões dizem cobre). É nesse recipiente que se colocavam as cinzas do altar.

Passando pelo altar e pelo Mar de Bronze, seguimos em direção à entrada única do Tabernáculo.

- As plantas arquitetônicas do tabernáculo e a do Templo são semelhantes. Sabemos que nesse lugar (o átrio) havia dez bacias ou pias (1Rs 7.38,39) para lavar os holocaustos, cinco do lado direito (norte) e cinco do lado esquerdo (sul) indo na direção oeste, à porta do tabernáculo, que dava sua frente para o oriente. Essas bacias de bronze falam do *autojulgamento* ou próprio reconhecimento (conscientização) da falta praticada. Outro detalhe, estamos ainda ao ar livre.
- Êxodo 26.36 e 37 fala de uma cobertura ou um *véu* (chamado *véu exterior*), que é o lugar da entrada da tenda ou tabernáculo. Passando pelo vestíbulo, caminhando no

interior do tabernáculo, saímos do ar livre e entramos no lugar conhecido como Santidade ou Lugar Santo. Uma enorme repartição da tenda onde era permitida a entrada do sacerdote.

- No santuário do templo construído por Salomão havia, nesse compartimento, dez candelabros. Esses candelabros não são os de Moisés, apesar de seu simbolismo espiritual a Cristo ser semelhante.

Seguindo em frente, vamos deparar-nos com o *altar do incenso*, já dentro do Lugar Santíssimo, onde somente o sumo sacerdote tinha autorização para entrar.

- O *altar de ouro* ou *altar de incenso* media um côvado quadrado, por dois côvados de altura. Também de madeira de acácia coberta de ouro, ficava diante do propiciatório, mas do lado de fora do véu, no Lugar Santo (Êx 30.1-10; 40.5; cf. Hb 9.4).

O altar de incenso também é figura de Cristo, nosso Intercessor (Jo 17.1-26; Hb 7.25), através de quem nossas orações e louvores sobem a Deus, e do sacrifício de louvor e adoração do sacerdote-cristão (Hb 13.15; Ap 8.3,4).

Ao lado sul (esquerdo) do altar de ouro, temos a *mesa do candelabro e as sete lâmpadas.*

- Os *candelabros* ou *castiçais* (havia dez no Templo) eram feitos de ouro e de uma só peça. Tinham seis braços (Êx 25.32) sete lâmpadas (Ex 25.37) e por base algo parecido com uma pequena gaveta e a peça toda ficava apoiada em bases ou "pés".

As ilustrações do modelo para fazer o candelabro eram tão difíceis de ser interpretadas que o próprio Moisés não compreendia como fazê-lo, até que Deus mostrou-lhe o modelo (Êx 25.40). O Candelabro prefigurava Cristo, nossa Luz (Jo 1.4,9; 8.12; 9.5) e luz do mundo, brilhando na plenitude do poder do Espírito em sete aspectos (Is 11.2; Hb 1.9; Ap 1.4).

A luz natural estava excluída do tabernáculo. Veja o porquê em 1Corintios 2.14,15:

> *Ora o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente. Mas o que é espiritual discerne bem tudo, e ele de ninguém é discernido.*

Para alimentar as luzes, comenta o rabino Meir, teriam que empregar azeite puro, pois o azeite simbolizava o povo de Israel. O azeite não se mistura com os outros líquidos. Assim Israel, dispersado nos quatro cantos do mundo, não se deixa absorver.

O azeite permanece sempre na superfície. Israel também não pode permanecer por baixo. Tende sempre a subir. Quando o veem embaixo, no fundo do abismo, perdido para sempre, de repente aparecem na superfície, conforme o azeite puro da oliveira.

- Do lado norte do *altar de ouro* (à direita), temos a *mesa dos pães da proposição* ou *mesa sagrada*. A respeito da mesa sagrada também sabemos que devia ser feita de madeira de Sitim, toda coberta de ouro puro. Seu comprimento era de dois côvados, sua largura de um côvado e sua altura de um côvado e meio.
- Nessa mesa serviam-se doze pães em duas fileiras de seis pães, feitos com farinha de trigo. Esses eram consumidos pelos sacerdotes e, para mostrar que o Deus de Israel não comia, pois é uma divindade espiritual, alçavam a mesa com os pães, antes de trocá-los de sábado a sábado, para que o povo visse que não faltava nenhum pão. Os pães eram chamados *pães da proposição* ou *pães da presença* (Êx 25.23-30; Lv 24.5-9).

Cristo, tipificado através desses pães, é o *pão de Deus*, nutrição para a vida do cristão como sacerdote-crente (1Pe 2.9; Ap 1.6).

Em João 6.33-58, o Senhor tinha em mente mais do que o maná, o alimento que *desceu do céu*; mas todos os significados típicos do pão estão reunidos em Suas palavras.

O maná é o Cristo doador da vida. A propiciação, já dito, é o Cristo mantenedor da vida. A propiciação tipifica Cristo como o *grão de trigo*:

> *Na verdade, na verdade vos digo que, se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas se morrer, dá muito fruto* (Jo 12.24)

Fala também do Cristo moído pelo sofrimento (Jo 12.27) e passado pelo fogo do juízo (Jo 12.31-33). O cristão, na condição de sacerdote, se alimenta d'Ele pela fé no que Ele passou em seu lugar e por seu amor.

Olhando em frente, continuando nossa visitação ao tabernáculo, vemos o véu que se rasgou na morte remidora de Cristo.

• O *véu interior* é uma figura do corpo humano de Cristo (Mt 26.26; 27.50; Hb 10.20). Este véu, barrando a entrada no Santíssimo, era o símbolo mais expressivo da verdade que *ninguém será justificado diante dele por obras da Lei* (Rm 3.20; Hb 9.8).

O véu, rasgado por uma mão invisível quando Cristo morreu (Mt 27.51), marcou o fim de toda a legalidade. O caminho ficou livre para todos os que vêm pela fé no Filho, permitindo assim o acesso imediato a Deus.

O versículo 15 do capítulo 26 nos fala de *tábuas*. Segundo comenta o dr. Scofield, elas falam claramente de Cristo.

A madeira de acácia, uma árvore do deserto, é um símbolo adequado de Cristo em sua humanidade como *raiz duma terra seca*: *Porque foi subindo como renovo perante ele, e como raiz duma terra seca* (Is 53.2).



Maquete do Templo construído por Salomão exposta no Museu de Jerusalém (do arquivo pessoal do autor).

- A *cobertura de ouro* (v. 29), figura da divindade em manifestação, fala de sua glória divina. Quando aplicada ao cristão individualmente, o significado das tábuas é menos claro.

A conexão pode ser encontrada em João 17.21-23; Efésios 4-6 e 1João 4.13. Apenas quando consideradas em Cristo é que as tábuas podem ser representativas ao cristão.

Veja a representação: no mundo, separados dele pela prata da redenção (Ex 30.11-16; 38.25-27; Gl 1.4), assim como as tábuas do tabernáculo eram separadas da terra pelas bases de prata e unidas pela travessa do meio (v. 28). Representam assim ambos uma mesma vida (Gl 2.20) e um só espírito (Ef 4.3), onde *todo edifício bem ajustado, cresce para santuário dedicado ao Senhor* (Ef 2.21).

- No período bíblico *a prata* (v. 19) era diversamente usada para dinheiro, joias e ídolos. Na construção do tabernáculo, Deus disse a Moisés que recolhesse de cada israelita o preço do resgate em meio siclo de prata (Êx 30.11-16). Este

dinheiro é descrito como sendo o *dinheiro das expiações* para ser usado como *expiação pelas vossas almas* (Êx 30.16). Por isso a prata tem o seu significado associado à redenção.

A prata recolhida deste modo foi usada para as bases do santuário e para as vergas e os ganchos, já citados anteriormente. Assim, o tabernáculo repousa sobre as bases de prata.

A prata usada como dinheiro de expiação era apenas um pagamento simbólico. Finalmente, o preço da redenção teve de ser pago por Cristo com o derramamento de seu próprio sangue (1Pe 1.18,19). Portanto, a prata é um simbolo da redenção de Cristo.

- Finalmente, após passar pelo véu, nos deparamos com a *arca do testemunho* ou arca da aliança, ou outros títulos já comentados. Ela está no Santo dos Santos ou Santidade das Santidades, onde somente o sumo sacerdote podia penetrar. Estamos no Santo dos Santos. Saiba que neste local o sumo-sacerdote estava inteiramente na presença de Deus.

Cristo, através de sua morte, nos deu ousadia para entrar ali pelo seu sangue (Hb 10.19-22), e reivindicarmos a presença e o perdão de Deus através de nossas orações (Jo 14.13). Como membros do corpo de Cristo, podemos, juntamente com Ele, entrar na presença santa de Deus. Creio que não há necessidade de comentarmos sobre a Arca, pois estaríamos repetindo textos já inseridos.

Nas extremidades da arca estavam os querubins.

- A respeito dos *querubins,* eram eles que guardavam a presença de Deus. Eles aparecem na expulsão do casal do Éden e são ordenados a guardar o acesso ao jardim.

Feitos com ouro batido, eram colocados cada um numa extremidade do propiciatório (tampa da arca), ou seja, um do

lado direito e outro ao lado esquerdo. A palavra querubim foi mencionada pela primeira vez na Bíblia em Gênesis 3.24: *E pôs ao oriente do jardim do Éden, os querubins.*

O rei Salomão fez esculpir no templo dois querubins de madeira de oliveira (2Re 6.23) cujo modelo foi dado pelo Rei Davi (1Cr 28.18).

Os rabinos souberam, por tradição, que os querubins tinham rostos de crianças, um de menino e outro de menina. Os querubins são símbolo da presença santa de Deus e de sua inacessibilidade.

Os querubins são seres celestiais que guardam e vingam a justiça de Deus (comp. Gn 3.24; Êx 26.1,31; 36.8,35), a misericórdia de Deus (comp. Êx 25.22; 37.9), e o governo de Deus (comp. 1Sm 4.4; Sl 80.1; 99.1; Ez 1.22,26).

Alguns acham que os viventes de Apocalipse 4 são querubins (além dos pontos de semelhança, observe a diferença do número de asas: Ez 1.6; 10.21; Ap 4.8; comp. Is 6.2). Anjos não têm asas, arcanjos têm duas, querubins têm quatro e serafins têm seis asas. Esta diferença pode indicar que esses seres têm poder de aparecer em diferentes formas com propósitos de revelação simbólica

Este é então, o trajeto percorrido pelo sumo-sacerdote, desde o lado de fora do templo, até a presença de Deus, passando por todos os compartimentos do mesmo, vendo peça por peça.

Tudo eram tipos ou símbolos usados por Deus, que posteriormente foram substituídos, ou melhor, cumpridos na pessoa de Jesus, e tivemos acesso pela fé à sua obra, ao que Ele fez em nosso favor. Já não é necessário resgatar esses símbolos, porque eles perderam a validade, tendo sido completados na pessoa de Jesus.

O Templo

O projeto do tabernáculo foi dado por Deus a Moisés. Sua finalidade era ser o lugar do culto hebreu durante a peregrinação deste povo pelo deserto. Por esse motivo ele era desmontável e móvel. Após a passagem pelo deserto o povo hebreu conquistou a Terra Santa, Canaã, a Terra Prometida a Abraão centenas de anos atrás. Uma vez fixados na Terra Prometida, a necessidade do povo era instalar-se em seus territórios, e desejaram uma "sede" onde pudessem cultuar ao seu Deus.

Com isso Davi, o soldado também conhecido por ser o homem segundo o coração de Deus, propôs a construção do templo. Nessa época ele era o rei do povo hebreu. Impedido por Deus por ter as mãos sujas de sangue, resultado das muitas batalhas que lutou, esse templo só foi erguido por seu filho Salomão, anos mais tarde.

A Bíblia cita um determinado número de templos. Por exemplo, templo de Salomão, o templo de Herodes, o corpo humano – templo do Espírito Santo – enfim, o assunto é muito amplo e diversificado. Comentarei, então, os detalhes e características de alguns deles, concluindo com o Templo do Reino Milenial, no período da Grande Tribulação, e um templo no Céu, visto pelo apóstolo João, em visão na ilha de Patmos.

O leitor terá uma visão mais ampla do assunto, o que lhe dará maior compreensão em outras áreas da revelação bíblica.

O templo de Salomão, o primeiro templo, seguiu modelo do tabernáculo. No entanto, para a sua construção dobraram-se as antigas dimensões. A mobília e a ornamentação do templo eram em escala mais magnificente. O artesão dessa mobília foi Hirão, de Tiro (não o rei).

O templo media cerca de 30 metros de comprimento, 10 de largura e 15 de altura. Foi construído, como já disse, de

pedras antecipadamente preparadas, e coberto com pranchões e tabuados de cedro (1Rs 6.2,7,9). O soalho era de cipreste coberto de ouro. As paredes do interior, que eram de cedro, também foram forradas com ouro. Nenhuma pedra era vista (1Rs 6.15,18,20,22,30; 2Cr 3.5).

O Lugar Santíssimo ou Oráculo tinha a forma de cubo, medindo cerca de 10 metros de cada lado (1Rs 6.16,20). Nele se encontravam a arca do pacto do Senhor e dois querubins feitos de madeira de oliveira cobertos de ouro, cada um da altura de 5 metros e com asas de 2,5 metros (1Re 6.19,23-28; 8.6,7; 2Cr 3.10-13; 5.7,8).

O véu com cadeias de ouro e duas portas fazia divisão entre o Lugar Santíssimo e o Lugar Santo, ou o Santuário (1Rs 6.21,31,32).

O Lugar Santo tinha 20 côvados de comprimento, 10 de largura e 15 de altura (1Rs 6.17). Nas paredes, possivelmente perto do teto, havia janelas. O Lugar Santo continha o altar do incenso, de cedro coberto de ouro (1Rs 6.20,22; 7.48), dez castiçais e dez mesas (2Cr 4.7,8). No Santuário as portas eram de cipreste (1Re 6.33,34). O vestíbulo, que tinha duas escadas laterais que davam para as galerias ou câmaras superiores, era como uma antessala entre o santuário e o pórtico.

Contra as paredes laterais e a dos fundos da casa edificaram-se três andares de câmaras, que eram usados para os oficiais e como depósito (1Rs 6.5,6,8,10).

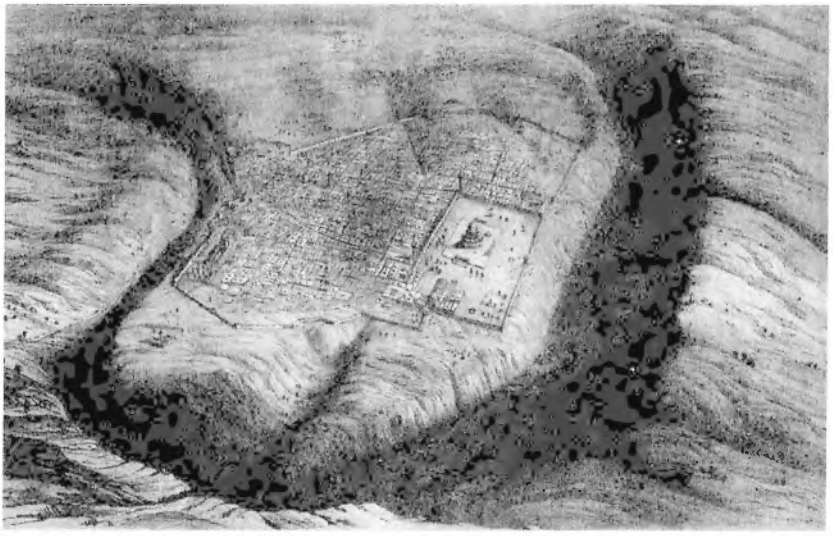
À frente ficava o pórtico (átrio amplo, com o teto sustentado por colunas) com 10 metros de comprimento e cerca de 5 de largura (1Rs 6.3, cf. 1Rs 6.29,30; 2Cr 3.4), diante do qual havia duas colunas de bronze. Uma era chamada, em hebraico, *Yachin* (ou *Jaquim*, no grego), que significa *Ele estabelecerá*), e a outra, que tem o nome mais conhecido, *Boaz* (*nEle há força*), à

direita, ou seja, para os lados do norte. A altura dessas colunas eram de aproximadamente 9 metros, tendo capitéis em formato de lírios (1Rs 7.15-22; 2Cr 3.15-17).

Quanto aos pátios, alguns acreditam que eram dois – o pátio grande (2Cr 4.9) para Israel e o pátio interior (1Rs 6.36) para os sacerdotes. Outros entendem que existia um só pátio, com uma parte reservada para os sacerdotes. Fosse como fosse, lemos que se cercava de três ordens de pedras lavradas com uma ordem de vigas de cedro e que tinha portas (1Rs 7.12; 2Cr 4.9).

No pátio, perante o Templo, encontravam-se o altar de bronze ou de fundição (2Cr 4.1), e o mar de bronze assentado sobre doze bois em grupos de três (1Rs 7.23,25,39; 2Cr 4.2-5,10). Esse Mar de Fundição media, de uma borda à outra, 5 metros e era mais trabalhado em sua obra (1Rs 7.24 e seg.), e dez pias de bronze (1Rs 7.38,39; 2Cr 4.6).

Este templo foi incendiado por Nebuzaradão, general de Nabucodonozor, 587 a.C. (2Rs 25.8,9).



Vista aérea de Jerusalém a partir do sul (cópia de uma gravura), por W. F. Witts (c. 1880). Na esplanada das mesquitas, o Domo da Rocha.

O templo de Zorobabel. Ao voltarem do cativeiro, sob a liderança de Zorobabel, os judeus edificaram esse templo. Para a sua contrução seguiu-se o modelo do templo que ficou conhecido como o templo de Salomão, ainda que com proporções diferentes e em escala menos magnificente (Ed 6.3,4).

No segundo ano depois da volta, lançaram-se os alicerces do templo (Ed 6.1ss.). Mesmo assim as obras foram impedidas pelos samaritanos, que acusaram os judeus perante Artaxerxes (Ed 4.1ss.). Recomeçado o trabalho em 520a.C., no segundo ano do reinado de Dario, rei da Pérsia (Ed 6.1ss.), foi terminado quatro anos mais tarde, em 516a.C. (Ed 6.15).

O templo de Herodes. Substituiu o Templo de Zorobabel. A área para este templo aumentou o dobro das dimensões anteriores. O próprio templo reproduziu o plano antigo com exceção da altura, que foi de 20 metros em vez de 15.

O Lugar Santíssimo era separado do Lugar Santo por um véu e estava vazio. A extremidade oriental era ladeada por duas paredes fazendo com que a frente do templo medisse 50 metros de comprimento.

Além do pátio dos sacerdotes havia um pátio grande, do qual a parte adjacente ao Santuário era reservada para os homens de Israel e a parte oriental às mulheres. Esses pátios estavam cercados por muros grossos (Ef 2.14). A porta magnífica do muro oriental talvez fosse a porta Formosa de Atos 3.2.

Fora desses recintos ficava o pátio grande dos gentios, onde os cambistas se assentavam e onde os negociantes exibiam seu gado para venda.

O templo de Herodes foi o maior e o mais suntuoso dos três. Durante o cêrco de Jerusalém, em 70 d.C., na ocasião da Páscoa, desobedecendo às ordens de Tito, um soldado romano

o incendiou, cumprindo assim a profecia de Jesus dizendo que não ficaria pedra sobre pedra (Mt 24.2).



Parte do muro oriental do Templo em Jerusalém hoje, conhecido por Muro das Lamentações. Observe as diferenças no tamanho das pedras, o que indica as diverentes reconstruções (do arquivo pessoal do autor).

O Templo do Milênio. Os últimos nove capítulos do livro de Ezequiel apresentam numerosos problemas para os expositores. Há quem ache que esses capítulos descrevem o templo de Salomão antes de sua destruição em 586 a.C. Isto não é possível por causa da discordância dos detalhes com as narrativas dos livros dos Reis e das Crônicas. Há quem defenda ser uma descrição do templo da restauração que foi concluída no século sexto a.C. Este ponto de vista também é insustentável, porque as descrições não correspondem.

Outros defendem que os capítulos descrevem um templo ideal jamais construído. Esta posição não explica por que o retrato é apresentado, nem porque existem tantos detalhes.

Ainda um outro ponto de vista reivindica que é um quadro da Igreja e suas bênçãos neste tempo. Este ponto de vista não explica o simbolismo, nem porque grandes áreas da doutrina cristã são omitidas. A interpretação preferível é de que Ezequiel dá uma figura do templo do milênio.

A julgar ao largo do contexto da profecia (o período subsequente ao reajuntamento e conversão de Israel) e o testemunho de outras passagens (Is 66; Ez 6; Ez 14), esta interpretação está de acordo com o programa profético de Deus para o milênio. A Igreja não está sendo considerada nesta narrativa, antes, é uma profecia da consumação da história de Israel.

Como no passado Israel foi uma teocracia (o poder emanava de Deus) que seguia a lei de Deus, durante o milênio a experiência se repetirá, com a enorme vantagem de que não haverá a intromissão humana nos assuntos divinos, nem a tentação de desejar um rei humano como as demais nações, como ocorreu quando Saul foi proposto como o primeiro rei de uma monarquia humana. O mundo será regido por essa forma de governo em que, a meu ver, embora creia na possibilidade de divisões étnicas na sociedade do milênio (porém, sem os presentes conflitos), haverá um único reino sacerdotal (conforme 1Pedro 3) pairando sobre todos os demais interesses das diferentes nações.

Penso que as passagens de Ezequiel (Ez 43.1-5 e caps. 40-48) que descrevem um novo e futuro Templo, que tem sido interpretado como o Templo do Milênio, deverão ser vistas dentro dessa perspectiva. A glória do Senhor estará naquele lugar, mas a função sacerdotal não fará mais sentido, pois já temos (e teremos) o sumo sacerdote entre nós. Assim, o templo

de Ezequiel será o centro do governo no milênio, mas não será utilizado para que se ofereçam sacrifícios de qualquer natureza.

Em conformidade temos, em Ageu 2.3, uma passagem onde o profeta convoca os idosos que se lembravam do templo de Salomão para testemunharem, diante da nova geração, de como aquela estrutura excedia a atual em magnificência; e, então, ele faz a profecia (vv. 7-9) que só pode referir-se ao futuro templo do Reino profetizado por Ezequiel.

É certo que o templo da restauração e todas as construções subsequentes, incluindo o de Herodes, eram muito inferiores em preço e esplendor ao de Salomão. O presente período é descrito em Oseias 3.4,5. O versículo 6 foi citado em Hebreus 12.26,27. O versículo 7, *farei abalar todas as nações,* refere-se à grande tribulação que é seguida pela vinda de Cristo em glória, como em Mateus 24.29 e 30.

O desejo de todas as nações, na Septuaginta (*a riqueza de todas as nações*, isto é, os tesouros ou coisas desejáveis), é uma expressão que se refere em última análise a Cristo, em quem todas as verdadeiras riquezas atingem seu ápice.

Num sentido mais amplo, todos os templos, isto é, o de Salomão, o de Zorobabel, o de Herodes, aquele que será usado pelos judeus incrédulos sob a aliança com a besta, sendo profanado pelo anticristo (Dn 9.27; Mt 24.15; 2Ts 2.3,4), e o futuro templo do Reino de Ezequiel (Ez 40-47) são considerados como *casa do Senhor*, uma vez que todos eles professam sê-lo. Por esta razão Cristo purificou o templo do seu tempo, construído por um usurpador idumeu para agradar os judeus (Mt 21.12,13).

Um Templo no Céu - a visão em Patmos

Apenas para haver maior clareza nos próximos textos, farei algumas definições. Peço atenção neste texto, pois o simbolismo é uma constante, ou seja, a linguagem simbólica está bastante acentuada.

Se levarmos em consideração os seguintes itens relacionados com nossas vidas:

- O nosso corpo físico é templo do Espírito Santo
- Somos pessoas espirituais
- Nossos atos devem ser considerados também como sendo atos espirituais, ou seja, se transgredirmos mandamentos, o faremos contra a Palavra de Deus, e então seremos julgados, não por um tribunal físico ou material, mas por um tribunal espiritual (segundo a Palavra de Deus)
- Nossa esperança é de uma vida eterna em corpo glorificado, e não eternamente na matéria... entre outros pontos, então pergunto: – onde será esse tribunal, e onde será esse novo local de adoração para a eternidade?

O Tribunal. De fato haverá um julgamento, dentre muitos, mesmo para a Igreja: *Porque todos devemos comparecer ante o tribunal de Cristo* (2Co 5.10). Esse julgamento depende das obras que estamos realizando e trará à luz a motivação para elas, isto é, a motivação para que as façamos. Com base nisso, elas serão julgadas e galardoadas – recompensadas: *O qual recompensará cada um segundo as suas obras* (Rm 2.6).

Essas obras estão classificadas na figura de seis materiais: *E, se alguém sobre este fundamento formar um edifício de ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno, palha* (1Co 3.12-15).

Aquí são citados três tipos de materiais, os quais representam o tipo de obra que realizamos: ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno e palha. Veja o simbolismo.

Três materiais de caráter positivo:

- *Ouro:* expressa, em figura, a glória de Deus; representa tudo aquilo que realizamos para a glória de Deus, tudo o que fazemos para que Deus apareça, não visando à exaltação própria.
- *Prata:* símbolo da redenção; é tudo aquilo que fazemos em prol do resgate das almas perdidas através do evangelismo ou outros meios.
- *Pedras Preciosas:* de acordo com o texto, as pedras preciosas serviam de adorno, enfeite; o adorno da Igreja são os dons espirituais, ou seja, tudo o que é feito com os dons de acordo com aquilo que está escrito nas Escrituras, obras do espírito. Vale lembrar que os dons espirituais servem para *edificação, exortação e consolação* da Igreja (1Co 14.3).

Há três materiais de caráter negativo:

- *Madeira:* simboliza a natureza humana; é tudo aquilo que fazemos buscando glória para nós mesmos e exaltação do nosso ego.
- *Feno:* erva seca; todas as obras que não experimentaram renovação espiritual serão comparadas a feno.
- *Palha:* simboliza inutilidade; são as obras que não têm proveito algum.

Tais obras serão provadas no fogo: *porque pelo fogo será descoberta, e o fogo provará* (1Co 3.13b). Esse fogo se obtém no altar, ou seja, as obras serão provadas no fogo de um altar, e esse é o altar de Bronze que fica na entrada do átrio do tabernáculo.

No Antigo Testamento, esse altar servia para fazer o sacrifício pelo pecado. Hoje não há mais serviço nem templo. Assim, hoje não se fazem esses rituais, mas as nossas obras serão julgadas e elas passarão pelo fogo. Voltaremos então aos tempos do tabernáculo? Não, mas passaremos à eternidade pela porta da frente, a única que dá acesso ao Santuário de Deus, um Santuário no céu!

Onde é esse tribunal?

Para se compreender algumas passagens do Novo Testamento é necessário usar os fatos do Antigo Testamento, pois o Novo interpreta o Antigo Testamento. O que era figura no Antigo se torna fato no Novo.

Jesus usou esse método de interpretação em muitas ocasiões. Por exemplo, disse em algumas cidades que o único sinal dado seria o do profeta Jonas, que esteve três dias no ventre do grande peixe, e depois saiu (referindo-se a sua morte e ressurreição após três dias).

No passado, o altar de Bronze permanecia na entrada do átrio, ou seja, bem próximo à porta. Volte sua atenção para o futuro e entenderá que esta é uma representação da porta do céu!

Rute 4.1,2 concorda com isso. Rute, na Bíblia, simboliza a Igreja de Cristo e Boaz, seu parente remidor, simboliza Cristo. Boaz, por sua vez, não só *julgou* a causa de Rute, mas também a recompensou (galardoou-a) na *porta* da cidade de Belém: *E Boaz subiu à porta, e assentou-se ali* (v. 1). Por isso entendo que o Tribunal de Cristo se localiza dentro destas referências.

Por outro lado o Tribunal de Cristo não será para condenar, tampouco para salvar. Os pecados não aparecem para serem julgados, mas sim as nossas obras.

Se a obra de alguém se queimar, sofrerá detrimento; mas o tal será salvo, todavia como pelo fogo (1Co 3.15).

Essa referência nos direciona para o altar onde serão provadas as nossas obras. Em seguida passaremos para o *lado de dentro*, para as bodas do Cordeiro.

Na revelação do Antigo Testamento o sacerdote não podia entrar no átrio, e consequentemente no tabernáculo se não houvesse expiado sua culpa no altar de Bronze, à entrada do átrio.

Nossa entrada ao céu se dá em cumprimento a essa revelação. A passagem pelo tribunal e pelo fogo dá acesso ao Templo celestial.

Esses trâmites todos não são comparados à burocracia que temos em nosso meio, não há burocracia para se entrar no céu, para projetar-se na vida eterna. O que a Bíblia expõe e nos dá a entender são essas figuras de linguagem que são celebrações para os que participarem desse grande dia. Talvez nossa mente humana não alcance a plena realidade dessas revelações. Essas comemorações são como as do Antigo Testamento.

Segundo alguns expositores da Bíblia, nós também seremos julgados baseados naquilo que a própria Palavra de Deus nos adverte.

Não me aprofundarei muito nesse assunto, mas darei um exemplo. Seremos então julgados de acordo com:

- *O nosso tempo*, ou seja, seremos julgados de acordo com o tempo que Deus nos "dá" para arrepender-nos, para nos "concertar" diante da Sua presença. Mas o peso maior está em aproveitar as oportunidades. O apóstolo Paulo escreve em Efésios 5.16, que devemos *remir o tempo.* E no versículo seguinte ele diz o porquê:

Pois que não sejais insensatos, mas entendei qual seja a vontade do Senhor.

Qual é essa vontade após obtermos a salvação? *Fazermos a obra de Deus* através do testemunho de uma vida transformada.

- *A evangelização*, conforme Daniel 12.3:

Os entendidos, pois, resplandecerão, como o resplendor do firmamento; e os que a muitos ensinam a justiça refulgirão como as estrelas sempre e eternamente.

Isto diz respeito a evangelização (comp. Dn 12.1 e 2).

- *A verdade*, conforme Romanos 2.2; *bem sabemos que o juízo de Deus é segundo a verdade.* E a verdade é a Palavra de Deus, que nos determina um padrão de conduta moral e social.

Seremos então julgados de acordo com o nosso *comportamento.*

- *No cuidado com os doentes e perseguidos*, conforme Mateus 25.35-40; seremos também julgados de acordo com o atendimento aos necessitados. A religião de Deus é *visitar os órfãos e as viúvas* nas suas tribulações, e *guardar-se da corrupção* do mundo (Tg 1.27).

Estes são alguns critérios que aparecerão como *exortações* aos cristãos. Esses são alguns dos critérios pelos quais seremos julgados naquele dia, no Tribunal de Cristo.

O Templo. A Igreja, após passar pelo Tribunal de Cristo, terá acesso ao templo no céu, de que falou João.

João citou várias vezes a palavra *Templo* em Apocalipse (7.15; 14.15,17). O livro do Apocalipse fala de um templo, do qual o terreno nos serve de figura para o templo futuro (no céu).

Sabemos que as almas dos cristãos mortos estão em um lugar chamado *Paraíso*: *E disse-lhe Jesus: Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso* (Lc 23.43).

O apóstolo Paulo foi arrebatado ao terceito céu, a habitação de Deus (2Co 12.2); o nome deste lugar é *Paraíso* (v. 4). Este lugar localiza-se abaixo de um altar no Céu, visto pelo apóstolo João:

> *E, havendo aberto o quinto selo, vi debaixo do altar as almas dos que foram mortos por amor da palavra de Deus e por amor do testemunho que deram* (Ap 6.9).

Portanto, as almas dos cristãos que já morreram estão embaixo de um altar no céu.

Que altar é este?

A resposta está em Apocalipse 8.3 :

> *E veio outro anjo, e pôs-se junto ao altar, tendo um incensário de ouro; e foi-lhe dado muito incenso, para o pôr com as orações de todos os santos sobre o altar de ouro, que está diante do trono* (Veja também Ap 9.13).

Logo, as almas estão *abaixo do altar de ouro* que está diante do trono de Deus, ou seja, no Lugar Santíssimo. O altar de ouro e a arca que representam a presença de Deus (o trono citado no versículo), e ficavam no Lugar Santíssimo.

Observe também, neste mesmo versículo, por um outro ponto de vista, a presença de um outro ítem do Santuário: o *incenso* (Ex 30.1-3; 40.26). João viu este altar diante do trono de Deus, e diz que *muito incenso* subia com as orações dos santos. Também foi dito que o incenso são *as orações dos santos* (Ap 8.3,4).

Recapitulando, no pátio ou átrio estava o altar dos sacrifícios onde os holocaustos subiam como cheiro suave ao Senhor:

> *Holocausto é oferta queimada, de cheiro suave ao Senhor,* (Lv 1.9), tipo de Cristo que *se entregou a Si mesmo por nós, como oferta e sacrifício a Deus em aroma suave*". (*E andai em amor, como também Cristo vos amou, e se entregou a si mesmo por nós, em oferta e sacrifício a Deus, em cheiro suave,* Ef 5.2).

Também havia uma bacia para se lavar (Ex 30.18). A água também representa o Espírito Santo (Jo 7.37-39), a Palavra (Jo 13.10; 15.3; Ef 5.26) e o batismo (Jo 3.5; Rm 6.3-6; 1 Jo 5.8).

Entrando no Lugar Santo, à direita, se encontrava a mesa dos pães (Êx 25.30) com os doze pães feitos de flor de farinha (Lv 24.5), expressando Jesus, o pão da vida: *Eu sou o pão da vida.* (Jo 6:48). Isto expressa também o corpo espiritual de Cristo, Sua Igreja: *Porque nós, sendo muitos, somos um só pão e um só corpo* (1Co 10.17).

Ao lado esquerdo estava o *candelabro de ouro* (Êx 40.24), que tinha *sete lâmpadas* (Êx 25.37) que ardiam continuamente (Lv 24.2). João também viu o candelabro no céu:

> *E virei-me para ver quem falava comigo. E, virando-me, vi sete castiçais de ouro* (Ap 1.12).

Viu também as sete lâmpadas ardendo diante do trono de Deus:

> *E do trono saíam relâmpagos, e trovões, e vozes; e diante do trono ardiam sete lâmpadas de fogo, as quais são os sete Espíritos de Deus* (Ap 4.5).

João viu Jesus no meio dos candelabros:

> *E no meio dos sete castiçais um semelhante ao Filho do homem, vestido até aos pés com um vestido comprido, e cingido pelos peitos com um cinto de ouro* (Ap 1.13-18).

Jesus mesmo disse que Ele é a luz do mundo: *Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andará em trevas, mas terá a luz da vida* (Jo 8.12b).

Dentre os móveis vistos por João, também relacionei a importante arca da aliança: *E abriu-se no céu o templo de Deus e a arca do seu concerto foi vista no seu templo* (Ap 11.19).

Sobre a arca, estava, como tampa, o propiciatório e a presença de Deus, que falava com Moisés pessoalmente (Êx 25.21,22; Nm 7.89).

João também viu o Senhor sentado sobre um trono excelso, que seria o local da sua presença:

> *E logo fui arrebatado em espírito, e eis que um trono estava posto no céu, e um assentado sobre o trono* (Ap 4.2).

Temos então termos peculiares relativos ao tabernáculo (ou templo). Este foi claramente visto e citado pelo apóstolo João em sua visão na ilha de Patmos. Essas visões estão registradas no livro do Apocalipse, que traz as revelações de Jesus sobre as coisas passadas, *as coisas que viste*, isto é, a visão de Patmos (1.1-20); as coisas presentes, *as que são*, isto é, as igrejas existentes à época (2.1 - 3.22); e as coisas futuras, *as que hão de acontecer depois destas*, isto é, os acontecimentos depois da dispensação da Igreja (4.1 - 22.5).

Portanto, são revelações referentes ao Templo da era vindoura, onde estarão os que adoram o Senhor em espírito e em verdade, na cidade santa, a cidade do Grande Deus, a Jerusalém Celeste.

Vamos identificar as figuras. Quando os salvos do Antigo Testamento morriam, seus corpos eram sepultados em um lugar chamado em hebraico, *queber* (sepultura). Porém seu espírito era levado ao *seio de Abraão*, que alguns expositores chamam de o *Paraíso nos dias de Jesus Cristo*. Mas não podemos demonstrar isso biblicamente.

Já o espírito da pessoa não salva era conduzido para o *sheol* (hebraico) ou *hades* (grego), que significam a mesma coisa, ou o mesmo lugar, *lugar de punição dos espíritos imundos, ou sem salvação*.

> *Originalmente, Hades era o nome do deus do submundo que, segundo os gregos, ficava no seio da terra. Hades era o filho de Cronos (Tempo), o deus mais alto. Zeus, outro filho de Cronos finalmente o substituiu através do uso de força. Assim, ele ficou o deus mais poderoso da mitologia grega. Hades continuava reinando no submundo compartilhando seu poder com sua esposa, Perséfone. Com o desenvolvimento da mitologia, o termo hades começou a ser usado para significar o próprio submundo, a habitação dos fantasmas de homens desencarnados.*[1]

Para demonstrar biblicamente a questão de como os judeus compreendiam o caso, vamos recorrer a Lucas 16.20-31, onde temos a chamada *Parábola do rico e Lázaro.* Provavelmente ela não é uma parábola, mas narrativa, pois em seu texto são citados nomes de personagens reais (Lázaro e Abraão).

Quando Lázaro morreu, foi conduzido ao seio de Abraão: *E aconteceu que o mendigo morreu, e foi levado pelos anjos para o seio de Abraão* (v. 22a). Quando o rico morreu, foi conduzido ao hades: *E morreu também o rico, e foi sepultado. E no hades, ergueu os olhos, estando em tormentos, e viu ao longe Abraão, e Lázaro no seu seio* (vs. 22b e 23).

---

[1] Champlim, apud SANTOS, p. 131-2.

Ora, o seu corpo foi sepultado no *queber*, e seu espírito levado ao *hades* (em algumas versões encontramos *inferno*). Quando Jesus morreu, diz a Bíblia que Ele *desceu às partes mais baixas da terra* (Ef 4.9b).

O que Jesus teria ido fazer às partes mais baixas da terra?

A resposta está em 1Pedro 3.19 e 4.6: *no qual também foi e pregou aos espíritos em prisão.*

Nestes dois versículos encontramos o fato de que Jesus *pregou* aos espíritos que lá estavam (em prisão). Mas a palavra grega para *pregar* significa que Ele *proclamou.* Proclamou o quê?

Cristo anunciou a sua vitória sobre o inimigo e a maldade conforme Colossenses 2.15 (gr. *kerussein,* proclamar; não *evanggelizein,* evangelizar os anjos caídos, *cf.* 2Pe 2.4,5).

Ele proclamou *liberdade ao cativo*, ou seja, aos vivos que se salvassem aceitando a morte remidora de Cristo, seriam agora levados ao paraíso, assim como o ladrão da cruz (Lc 23.43).

Note que, antes da morte de Cristo, os salvos eram levados ao seio de Abraão (*cf.* Lc 16.22a), e após a Sua morte, seriam conduzidos ao paraíso (*cf.* Lc 23.43).

Por que houve a mudança?

Existem dois aspectos a serem considerados.

- Para que todo aquele que também morrer salvo após a morte de Cristo, *vá imediatamente à presença de Jesus* (2Co 5.8; Fp 1.23). Jesus disse ao ladrão: *Hoje estarás comigo no paraíso*, ou seja, num lugar determinado, *fixo* (figura do templo).
- o tabernáculo do Antigo Testamento era algo móvel, como já vimos. Vamos encontrar o *último* movimento desse tabernáculo em Efésios 4.8a:

Pelo que diz: Subindo ao alto, levou cativo o cativeiro,
e o verso 9:
Ora, isto – ele subiu – que é, senão que também antes tinha descido às partes mais baixas da terra?

Este verso diz que Ele *desceu*, certamente ao seio de Abraão (Lc 16.22a), levando os salvos do Antigo Testamento à glória: *trazendo muitos filhos à glória* (Hb 2.10).

Ele não trouxe o "lugar" propriamente dito (Hb 2.10). Ele trouxe as vidas para estarem com Ele no Paraíso, como o ladrão salvo.

Isto foi figurado no transporte dos salvos de um lugar "provisório" para um lugar determinado, a passagem de *tabernáculo* para *templo.*

Levou cativo o cativeiro (Ef 4.8a e Sl 68.18a) tem sido interpretado por alguns expositores como sendo o transporte do Paraíso (provavelmente ao lado do *hades*, dividido pelo abismo) ao céu. Esta interpretação não é correta, pois isso se trata de uma *profecia* que irá cumprir-se, e é decorrente da vitória de Cristo na cruz.

Quanto ao cumprimento dessa profecia, se dará quando a morte e o inferno (*o cativeiro*) forem lançados (*levou cativo*) dentro do lago de fogo (Ap 20.14), na segunda morte.

Ora, os salvos do Antigo Testamento não estavam cativos, porque não nos convertemos a Cristo para sermos cativos. E eles também não se encontravam em um cativeiro.

Quando essa multidão do Antigo Testamento entrar na glória, cumpre-se o Salmo 24. Isso nos ajuda a concordar com o que acabei de expor.

Note primeiro a ordem cronológica exposta por Davi neste salmo profético: o Salmo 22 tem por título *O Messias sofre,*

mas triunfa; o Salmo 23.4 diz: *Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte*, que seria o abismo, tão próximo do lugar onde estavam, e o Salmo 24, *Quem subirá ao monte do Senhor, e quem entrará no seu lugar santo?*

Esta sequência mostra que primeiramente Jesus morreria, para em seguida conduzir os salvos do Antigo Testamento para o Santuário, para a glória (tudo isso ocorreria em pouquíssimo tempo, no mesmo dia, pois disse ao ladrão que estariam juntos *ainda hoje* no paraíso).

No Salmo 24.6 Davi *apresentou* a geração que entraria na glória: *Esta é a geração daqueles que buscam, daqueles que buscam a tua face, ó Deus de Jacó.*

No versículo seguinte ele dá a *ordem* para se abrirem as portas para eles entrarem: *Levantai, ó portas, as vossas cabeças; levantai-vos, ó entradas eternas, e entrará o Rei da Glória.*

Neste versículo, os salvos bradam para que se abram as portas, para entrarem. Isaías faz a mesma referência: *Abri as portas, para que entre nela a nação justa, que observa a verdade* (Is 26.2).

Passando pelas portas, os antigos salvos, bem como os que agora se salvam em Cristo, vão diretamente ao Paraíso, abaixo do altar, para encontrar com Jesus, e estarem juntos eternamente; mas os que morrem sem salvação vão diretamente para o *hades*, que *não sofreu* alteração alguma após a morte de Cristo, e permanece no mesmo lugar, *nas partes mais baixas*.

Eis aí então as características do novo e eterno templo, no céu, reservado aos que seguem a justiça e a verdade, onde *não permanecerá quem usa de engano e profere mentiras* (Sl 101.7).

A Purificação do Santuário

Existe, eu creio, uma forma equivocada de comparar *purificação* e *santificação*, ainda que sejam equivalentes em seu significado. Mas, não é bem assim. Vamos ver qual é essa distinção e isto nos ajudará a compreender determinadas passagens bíblicas em que os autores adotam um e outro termo.

- *Santificação.* Literalmente quer dizer o *ato de tornar santo, santificar.* A Bíblia traz *santificação* e *santidade*, em ambos os Testamentos. Mas as palavras no hebraico e grego foram traduzidas pelas palavras *santidade* e *santo*, nos variados modos de aplicação. Apesar de parecer complicado, o significado é o mesmo: *separado para Deus.*

Em ambos os Testamentos as palavras foram usadas para *coisas* e *pessoas*. Quando *santificação* é usada para coisas, não está implícita a qualidade moral; são santificadas ou tornadas santas porque são separadas para Deus.

Quando *santificação* é usada para pessoas, tem um significado triplo:

1º *Em posição*, os cristãos são separados por Deus para redenção, mediante a oferta do corpo de Jesus Cristo, uma vez por todas: *Na qual vontade temos sido santificados pela oblação do corpo de Jesus Cristo, feita uma vez* (Hb 10.10).

Ou seja, uma vez aceito o sacrifício de Cristo, fazendo parte integrante de seu corpo, o cristão é *santificado* porque Deus é santo. Posicionalmente, portanto, os cristãos são *santos* desde o momento em que crêem: *A todos os santos em Cristo Jesus* (Fp 1.1).

2º *Na experiência*, cristãos estão sendo santificados pela obra do Espírito Santo através das Escrituras: *Santificai-vos na verdade; a tua palavra é a verdade* (Jo 17.17; Veja 2Co 3.18; Ef 5.25,26; 1Ts 5.23,24)

Daí a grande importância de *ler, ouvir* e *praticar* a Palavra de Deus (Tg 1.22);

3º *Na consumação*, a completa santificação dos cristãos aguarda o aparecimento do Senhor:

> *Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não é manifesto o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele; porque assim como é o veremos* (1Jo 3.2; Veja Ef 5.27).

Em suma, então, podemos afirmar que uma pessoa, quando é *separada* para Deus, adquire qualidade moral. Ou seja, sempre se espera que essa pessoa *espelhe* ao mundo a santidade de Deus, a separação do pecado e da corrupção, que conduzem à morte.

Sem dúvida, essa pessoa separada para o serviço/obra de Deus experimenta progressivamente o desprendimento íntimo do mal: *E quem é justo, faça justiça ainda; e quem é santo, seja santificado ainda* (Ap 22.11). A vontade e desejo estão de acordo com essa separação (a vontade e o desejo devem ser dirigidos por Deus).

- *Purificação.* Distinguindo santificação de purificação, a língua portuguesa diz: ato ou efeito de purificar; tornar puro física ou moralmente. A *purificação* na Bíblia tem dois aspectos.

No Antigo Testamento o pecador deveria ser purificado da culpa de seu pecado. Nesse caso, no dia da purificação, ele usava *hissope* e *água* (*hissope* é um pequeno arbusto, 1Rs 4.33, cujos ramos eram usados para aspergir o sangue e a água purificadores). Vemos isso em Números 19.18:

Um homem limpo tomará hissope, e o molhará naquela água, e a espargirá sobre aquela tenda, e sobre todo utensílio e sobre as pessoas que ali estiverem..."

E também em Levítico 14.6,7, Davi, culpado por um assassinato (2Sm 11.17), desejou a purificação com hissope: *Purifica-me com hissope, e ficarei puro* (Sl 51.7a).

No segundo aspecto, a purificação é feita pela água, a água da purificação (Lv 14.6; Nm 19.18). Esse mesmo aspecto também foi requisitado por Davi, no mesmo caso do Salmo 51: *Lava-me e ficarei mais alvo do que a neve* (v. 7b).

Portanto, existem esses dois aspectos de purificação, se assim posso dizer: *pelo sangue* e *pela água*.

Jesus fez menção aos dois, não os invalidou. A passagem que veremos o ajudará a entender melhor o duplo significado da *purificação* e também o da *santificação*. *Disse-lhe Jesus: Quem já se banhou não necessita de lavar senão os pés, pois no mais todo está limpo* (Jo 13.10).

Banhou: a lavagem completa do discípulo (cristão) realiza-se no batismo; neste ato o cristão se identifica pela fé com o batismo de Cristo na cruz (Jo 3.3-5; At 2.38; Rm 6.1-11; Tt 3.5; Hb 10.22; 1Pe 3.18).

Lavar os pés: representa a necessidade da confissão diária dos pecados para manter a comunhão com Cristo: *Se eu não te lavar, não tens parte comigo* (cf. v. 8).

Ainda que o cristão peque após o batismo, e isso acontecerá, não deve ser rebatizado. Pela confissão e arrependimento é restaurado à comunhão com Deus e a Igreja (1Jo 1.3-9; Tg 5.16).

O sangue de Cristo resolve tudo o que a lei teria de fazer sobre a culpa do cristão, mas ele precisa de constante purificação da sujeira do pecado (Veja Ef 5.25-27; 1Jo 5.6).

De maneira típica, a ordem da aproximação à presença de Deus era, primeiro, o altar de bronze dos sacrifícios; depois, a bacia da purificação (Êx 40.6,7). Cristo não terá comunhão com um santo sujo, mas Ele pode e vai purificá-lo.

Enquanto andarmos nos caminhos de Deus, a seu dispor, mediante a sua palavra, sempre seremos considerados *santos*. Porém sempre correremos o risco da *impureza*, o que reivindica a *purificação*.

A Purificação do Templo Espiritual

Leia este versículo:

> *Ou não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos?* (1Co 6.19).

O Espírito, sendo Santo, não pode morar em um templo poluído.

Vosso e vós. Deus resgatou o cristão individualmente e a Igreja como um corpo místico espiritual (Corpo de Cristo) para habitar-nos pelo Espírito e para que essa Igreja atuasse como agência de Deus entre os homens.

Existe, então, um compromisso do cristão com Deus. Não um compromisso forçado, que se consegue pela chantagem. O cristão que provou experiências com o Criador é voluntário incondicional naquilo que faz para Deus. Por isso as suas ações buscam manifestar e propagar a mensagem e a grandeza moral de Deus.

O cristão não pode simplesmente buscar seus interesses próprios. Jesus viveu em submissão total ao Espírito (Jo 15.8; 17.4). Bom será se conseguir nos conscientizar e incorporar a advertência do versículo anterior ao que citei:

> *Fugi da impureza! Qualquer outro pecado que uma pessoa cometer, é fora do corpo; mas aquele que pratica a imoralidade peca contra o próprio corpo* (1Co 6.18).

E permanecer no versículo 17: *Mas aquele que se une ao Senhor é um espírito com Ele.*

Nos tempos atuais há uma diferenciação considerável na aparência dos templos. No passado, a forma *física*, no presente, a forma *espiritual*. Somos então o templo do Espírito Santo, e, unidos. *Formamos* a Igreja de Cristo, o santuário de Deus: *Não sabeis que sois o Santuário de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós?* (1Co 3.16).

Apesar da semelhança entre esse versículo e 1Coríntios 6.19, vimos que o primeiro refere-se aos cristãos individualmente (*vosso corpo* indica individualidade). A responsabilidade e o compromisso são individuais (o cristão para com Deus). O segundo versículo, por sua vez, é referente à Igreja como um todo (*sois o Santuário* indica coletividade).

Sendo integrantes de uma Igreja, temos de respeitar suas normas e padrões estabelecidos. Uma vez transgredidos, acarretam problemas consideráveis. Por exemplo:

> *Se alguém destruir o Santuário de Deus, Deus o destruirá; porque o Santuário de Deus, que sois vós, é santo* (1Co 3.17).

A penalidade aplicada para a profanação do templo era a *exclusão*:

> *Porém o que for imundo, e não purificar-se, a tal alma do meio da congregação será extirpada, porquanto contaminou o santuário do Senhor; água de separação sobre ele não foi espargida; imundo é* (Nm 19.20).

Com ênfase ainda podemos citar o Salmo 101.7:

> *O que usa de engano não ficará dentro da minha casa; e o que profere mentiras não estará firme perante os meus olhos.*

A tempo:

> *Mas, se andarmos na luz, como Ele na luz está, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus Cristo seu Filho, nos purifica de todo o pecado* (1Jo 1.17).

Esta é a lei da purificação do templo espiritual: *E quem é justo, faça justiça ainda; e quem é santo, seja santificado ainda* (Ap 22.11b).

A Purificação do Templo no Antigo Testamento

> *E, demais disto, fez imagens fundidas a Baalim. Também queimou incenso no vale do filho de Hinom, e queimou a seus filhos no fogo, conforme as abominações dos gentios que o Senhor tinha desterrado de diante dos filhos de Israel. Também sacrificou, e queimou incenso nos altos e nos outeiros, como também debaixo de toda a árvore verde. Pelo que o Senhor seu Deus o entregou na mão do rei dos siros, os quais o feriram, e levaram dele em cativeiro uma grande multidão de presos, que trouxeram a Damasco. Também foi entregue na mão do rei de Israel, o qual o feriu de grande ferida. Porque sacrificou aos deuses de Damasco, que os feriam, e disse: Visto que os deuses dos reis da Síria os ajudam, eu lhes sacrificarei, para que me ajudem a mim. Porém eles foram a sua ruína, e de todo o Israel. E ajuntou Acaz os vasos da casa do Senhor, e fez em pedaços os vasos da casa do Senhor, e fez para si altares em todos os cantos de Jerusalém"* (2Cr 28. 2,3,4,5,23,24).

Dá calafrio ler o que fez Acaz. Acaz foi um rei idólatra que não andou diante de Deus. Não é de se surpreender que o Senhor o tenha entregue nas mãos de seus inimigos mais famintos, para que o destruíssem.

Após longo período na idolatria, promovido por reis rebeldes à, Lei de Deus (pois não foi somente Acaz que agiu deste modo), Israel se viu diante da esperança de promover novamente cultos de adoração ao Senhor.

Sob o reinado de Ezequias, sucessor do profano Acaz, o então novo rei em Jerusalém (2Cr 29.1) deu ordens aos levitas para que se purificasse o templo de Salomão:

> *E lhes disse: Ouve-me, ó levitas! Santificai-vos agora, e santificai a casa do Senhor, Deus de vossos pais; tirai do santuário a imundícia* (2Cr 29.5).

Então os levitas se levantaram, ansiosos por cumprir uma ordem que colocaria em prática a Palavra de Deus. Esta palavra havia sido profetizada por Zacarias e reestabeleceria a prática do culto em Israel.

> *Os sacerdotes entraram então na casa do Senhor, para a purificar, e tiraram para fora, ao pátio da casa do Senhor, toda imundícia que acharam no templo do Senhor; e os levitas a tomaram, para a levarem fora, ao ribeiro Cedron* (2Cr 29.16).

Uma vez purificado o templo, todos os israelitas que se achavam ali saíram às cidades de Judá e quebraram as estátuas, cortaram os totens tribais, derrubaram os lugares altos e altares por toda Judá e Benjamim, como também em Efraim e Manassés. Fizeram isso até destruírem tudo. Então todos os filhos de Israel retornaram, cada um para sua casa, para as cidades deles: *estava reestabelecido o culto a Deus, e purificado o templo!*

Essa foi uma das grandes reformas realizadas no Antigo Testamento, ainda que não tenha sido a primeira, nem a última.

Relacionei os nomes dos homens que lideraram reformas morais, extinguindo assim a profanação dos templos.

• Antes de Ezequias:

Asa. Porque tirou da terra os prostitutos-cultuais, e removeu todos os ídolos que seus pais fizeram (1Rs 15.12);

Jeú. Também quebraram a própria coluna de Baal, e derrubaram a casa de Baal, e a transformaram em latrinas até ao dia de hoje (2Rs 10.27);

Joiada. Então todo o povo da terra entrou na casa de Baal, e a derribaram; despedaçaram os seus altares e as suas imagens, e, a Matã, sacerdote de Baal, mataram perante os altares; então o sacerdote pôs guardas sobre a casa do Senhor (2Rs 11.18);

Josias. Então o rei ordenou ao sumo sacerdote Hilquias e aos sacerdotes da segunda ordem, e aos guardas da porta, que tirassem do templo do Senhor todos os utensílios que se tinham feito para Baal, e para o poste-ídolo e para todo o exército do céu, e os queimou fora de Jerusalém, nos campos de Cedrom, e levou as cinzas deles para Betel (2Rs 23.4);

Josafá. Boas coisas contudo se acharam em ti; porque tiraste os postes-ídolos da terra, e dispuseste o coração para buscares a Deus (2Cr 19.3).

• Após Ezequias:

Manassés. Tirou da casa do Senhor os deuses estranhos e os ídolos, como também todos os altares que edificara no monte da casa do Senhor, e em Jerusalém, e os lançou fora da cidade (2Cr 33.15);

Esdras. Agora, pois, façamos aliança com o nosso Deus de que despediremos todas as mulheres, e os seus filhos, segundo o

conselho do Senhor, e o dos que tremem ao mandado do nosso Deus; e faça-se segundo a lei (Ed 10.3);

Neemias. Dando já sombra as portas de Jerusalém, antes do sábado, ordenei que se fechassem; e determinei que não se abrissem, senão após o sábado; às portas coloquei alguns dos meus moços, para que nenhuma carga entrasse no dia de sábado (Ne 13.19).

São estas as referências que temos no Antigo Testamento que, por intermédio de homens tementes ao Senhor, foram feitas as reformas morais e o estabelecimento normal do culto de adoração a Deus.

A palavra *purificação* não ocorre nesses versículos, porém os cultos não ocorrem sem que haja a purificação. Então entendo que, após as reformas, purificava-se o Templo, segundo rezava a lei.

Jesus Purificou o Templo: o Novo Testamento

> *E encontrou no templo os que vendiam bois, ovelhas e pombos, e também os cambistas assentados; tendo feito um azorrague de cordas, expulsou a todos do templo, bem como as ovelhas e os bois, derramou pelo chão o dinheiro dos cambistas, virou as mesas* (Jo 2.14,15).

Na manhã de segunda-feira (Mc 11.12) Jesus continuava a obra de moralização do templo. A profanação passou a invadir novamente o recinto sagrado. Era necessária uma transação financeira para poder vender os animais do sacrifício e cambiar moedas do Templo com os que vinham de longe. Os sacerdotes não aceitavam qualquer animal, somente os que fossem vendidos pelos vendilhões do Templo; esses já eram "aprovados" pelo rigor da Lei. Mas não era correto ocupar o recinto inteiro para extorquir e roubar o dinheiro dos peregrinos.

O culto estava se tornando apenas uma desculpa para o comércio fraudulento. A venda dos animais aceitos para o sacrifício era realizada a preços elevados. Diga-se de passagem, os animais recebiam o visto de *"sem defeito"* que era exigido.

Também as moedas estrangeiras não eram aceitas nas urnas (caixas de ofertas), por serem cunhadas com as imagens dos Imperadores, considerados deuses ou divindades pagãs.

Um dos motivos da vinda de Cristo foi a restauração do culto com motivação verdadeira, racional e aceitável por Deus.

O templo contaminado pela avareza (Jo 2.13-22) não serve mais. Logo, no ano 70 A.D., ele foi destruído (cf. Mt 24.2) como sinal que dá crédito às palavras de Jesus.

No seu lugar Jesus ofereceu o seu próprio corpo como sacrifício de uma nova aliança, e a Igreja invisível e verdadeira é o seu templo, o santuário do seu Espírito (1Co 3.16).

Tendo Jesus anulado simbolicamente o culto em Templo feito por homens, adotou como culto racional a apresentação de nossas vidas como um testemunho da transformação que Ele pode realizar no homem. Transformação moral, comportamental e existencial. A isto a Bíblia chama de *culto racional*, pois apresentamos nossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus (Rm 12.1).

Por isso temos grande responsabilidade de manter o templo em constante processo de purificação, para que não sejamos exclusos nem destruídos (Nm 19.20; 1Co 3.17).

Após esse ato simbólico, nos tornamos participantes do ,corpo de Cristo e temos comunhão uns com os outros, e automaticamente, com Cristo. Agora é necessário manter a purificação individual, para que um não contamine todo o corpo, pois somos parte integrante do corpo de Cristo, membros uns dos outros.

Esse foi o motivo de Jesus instituir a Ceia do Senhor ou Santa Ceia, como alguns denominam, para que, quando participamos dela, confirmemos nossa inclusão, não só no corpo de Cristo, mas também no seu sangue:

> *Tomando o pão e tendo dado graças, partiu-o e o entregou a eles, dizendo: Isto é o meu corpo dado em favor de vós; fazei isto em memória de mim. Da mesma forma, depois da ceia, tomou o cálice, dizendo: Este cálice é a nova aliança em meu sangue, derramado em favor de vós* (Lc 22.19,20).

Sabemos que as palavras mais importantes da passagem são "Este cálice é a nova aliança em meu sangue". Dizendo "nova aliança", tornou a velha aliança sem valor. A nova aliança é a melhor aliança, porque foi feita no sangue do Cordeiro e é definitiva. Assim, todos os ritos, símbolos, liturgias, sinais e procedimentos da Antiga Aliança já não têm qualquer valor. Podemos estudá-los para compreender melhor o que significa a Nova Aliança, mas não há qualquer motivo para resgatar os símbolos da Antiga Aliança. Templos, candelabros, vestuário, arcas, tudo isso faz parte de um passado que já se foi e não exerce nenhuma influência sobre a fé ou sobre a vida espiritual do cristão, do indivíduo que recebeu e aceitou o sacrifício pleno e eterno de Jesus. A expressão "uma vez por todas", indicando o sacrifício de Jesus como definitivo, aparece sete vezes no Novo Testamento (Rm 6.10; Hb 7.27; 9.12; 9.26; 10.2; 10.10; Jd 1.3).

> *Não por meio do sangue de bodes e novilhos, mas por seu próprio sangue, entrou de uma vez por todas no lugar santíssimo e obteve eterna redenção* (Hb 9.12).

Deve haver comunhão sincera para participar da Ceia:

> *Não podeis beber o cálice do Senhor e o cálice dos demônios: não podeis ser participantes da mesa do Senhor e da mesa dos demônios* (1Co 10.21).

Neste versículo vemos a necessidade de nos separar para dedicação a Deus a fim de participar da Santa Ceia do Senhor. A participação de um cristão indigno no sangue do Cordeiro acarreta maiores problemas de ordem espiritual, que não sabemos exatamente quais são. Certamente existem tais implicações , pois o apóstolo Paulo falou sobre elas, sem, no entanto, esclarecer quais eram:

> *Examine-se pois o homem a si mesmo, e assim coma deste pão e beba deste cálice. Porque o que come e bebe indignamente, come e bebe para sua própria condenação, não discernindo o corpo do Senhor* (1Co 11.28,29).

Note que, no versículo 28, há um convite para *examinar-se* a si mesmo. É uma oportunidade de purificar-se para participar dignamente, para não correr o risco da condenação própria, ou mesmo o próprio enfraquecimento: *Por causa disto há entre vós muitos fracos e doentes, e muitos que dormem* (v. 30).

Encontramos, então, na Santa Ceia do Senhor, em primeiro plano, uma grande responsabilidade no que diz respeito à comunhão com o seu corpo. Em segundo plano a manutenção da purificação própria, constantemente, para que não nos sobrevenha juízo: *Porque, se nós nos julgássemos a nós mesmos, não seríamos julgados* (v. 31). E em terceiro plano, se é que posso assim classificar (pois o mais correto é dispôr os três em um único plano), a Ceia *visa* ao arrebatamento e, por conseguinte, às Bodas do Cordeiro:

> *E digo-vos que, desde agora, não beberei deste fruto da vide até àquele dia em que o beba de novo convosco no Reino de meu Pai* (Mt 26.29).

A purificação Do Templo Celestial

Tomamos ciência dos tipos de templos e do conceito sobre santuários existentes até o presente momento, bem como seus respectivos processos de purificação. Falei a respeito dos templos terrestres e do templo celeste, visto por João em Patmos. Falei sobre o templo espiritual, o corpo de Cristo, e agora resta verificar o templo celestial, bem como a sua purificação, se é que ela existe.

Como vimos anteriormente, o apóstolo João contemplou um templo no céu: *E abriu-se no céu o templo de Deus, e a arca do seu concerto foi vista no seu templo* (Ap 11.19).

Lendo Apocalipse 21.22, que fala da nova Jerusalém, ficamos confundidos: *E nela não vi o templo, porque o seu templo é o Senhor Deus Todo-poderoso, e o Cordeiro.*

O fato de João não ter visto mais o templo indica que não necessitaremos mais de um lugar determinado para adorar a Deus. Adoraremos a Deus em Seu santuário, não físico, mas espiritual. Veja João 4.23: *Mas a hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade.*

O fato de João dizer que não viu mais o *templo* significa que a presença do templo na Jerusalém Celeste era uma lembrança perpétua de que todo pecador carece da glória de Deus, e que precisa da salvação (*cf.* Rm 3.23,24).

Mas agora (nesse tempo futuro) não necessitaremos mais de um templo para adorá-lo, pois o faremos em todos os lugares, num verdadeiro espírito de adoração (santuário é o *espírito de adoração*, e não o *lugar físico* em si).

Entrar no Santo dos Santos significava a morte imediata da pessoa que o fizesse. Na nova terra, todo lugar é lugar de plena comunhão entre Deus e os remidos; não necessitaremos mais

de um lugar específico, pois o adoraremos e o serviremos em todos os lugares (Ap 22.3,4). O ambiente será de plena adoração.

O que se purificará então?

Não o santuário, mas o templo. Esse sim necessita ser purificado. No período bíblico, quando se realizava o serviço figurativo do antigo Templo, os pecados confessados eram simbolicamente transferidos para o templo (Lugar Santo). Os pecados do povo eram cobertos, mas o povo era purificado, pois o sacrifício apontava para a morte de Cristo.

Assim era necessária a purificação anual do Templo, quando somente o Sumo Sacerdote entrava no Santo dos Santos, no Dia da Expiação, e o templo e o povo eram purificados. O templo era purificado de todo o pecado *acumulado*:

> *Depois degolará o bode da expiação, que será para o povo, e trará o seu sangue como fez com o sangue do novilho, e o espargirá sobre o propiciatório, e perante a face do propiciatório. Assim fará expiação pelo santuário por causa das imundícias dos filhos de Israel e das suas transgressões, segundo todos os seus pecados* (Lv 17.15,16).

A tradução do grego da palavra *propiciatório* (*hilasterion* = propiciação) é a mesma palavra usada para descrever o Senhor Jesus Cristo, em Romanos 3.25:

> *A quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé, para manifestar a sua justiça, por ter Deus, na sua tolerância, deixado impunes os pecados anteriormente cometidos.*

O ato do Sumo Sacerdote entrar no Santo dos Santos era uma *prefiguração* da entrada de Cristo num templo nos céus, depois de sua morte e ressurreição:

> *Quando, porém, veio Cristo como sumo-sacerdote dos bens já realizados, mediante o maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos, quer dizer, não desta criação, não por meio de sangue de bodes e de bezerros, mas pelo seu próprio sangue, entrou no Santo dos Santos, uma vez por todas, tendo obtido eterna redenção* (Hb 9.11,12).

> *Era necessário, portanto, que as figuras das coisas que se acham nos céus se purificassem com tais sacrifícios, mas as próprias coisas celestiais com sacrifícios a eles superiores* (Hb 9.23).

Isto quer dizer que, assim como no templo terreno havia a necessidade de uma purificação, a qual era anual, assim o templo celeste, figura do anterior, também necessita de uma purificação. Só que através de um sacrifício maior e mais digno, por tratar-se de *coisas celestiais*. Aí encontramos o Sangue de Cristo, mais valioso, mais precioso, digno de aceitação.

> *Porque Cristo não entrou em santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, porém no mesmo céu, para comparecer, agora, por nós, diante de Deus (Hb 9.24).*

Isto faz um contraste com o Sumo Sacerdote, que somente podia entrar no Santo dos Santos uma vez por ano. Cristo permanece para sempre na presença de Deus, assumindo a sua personalidade e atributos divinos, com todo poder e glória.

Por outro lado, o Dia da Expiação, uma vez por ano, é figura do Juízo Final, no qual todos os que não estiverem com seus pecados confessados e não se purificarem dos tais sofrerão punição (Nm 19.20; Ap 20.15). Assim também era no Dia da Expiação.

Quando o Sumo Sacerdote entrava no santuário a nação israelita permanecia no átrio, aguardando a sua reconciliação com Deus, através do sacrifício anual.

Nas vestes sacerdotais, como vimos anteriormente, havia campainhas (como pequenos sinos) que tocavam quando ele andava, indicando aos que estavam atentos a posição em que o Sumo Sacerdote estava dentro do templo.

Havia, sem dúvida, uma enorme expectativa nesse momento, pois todo o povo seria reconciliado com o Senhor, que, segundo sua paciência, aguardava tal sacrifício. Todos sabiam que quando o Sumo Sacerdote saísse de dentro do Templo o povo já estaria perdoado e reconciliado com o Senhor.

Cristo entrou num santuário celeste, e agora se encontra na presença de Deus, intercedendo pela Igreja, a qual aguarda que Ele saia, ou seja, aguarda a sua vinda como Messias, que reconciliará o seu povo com o seu Senhor. A nação de Israel ,ainda na cegueira espiritual, aguarda essa vinda, mas antes Ele, virá para a Igreja. Judeus que quiserem ser salvos hoje precisam reconhecer a Jesus como o Messias. Do contrário, não participarão da salvação: *Quanto ao evangelho, eles são, na verdade, inimigos por causa de vós* (Rm 11.28).

No futuro, quando o Senhor restaurar Israel, um pequeno grupo será salvo, os remanescentes, como diz o texto do Apocalipse e algumas profecias do Antigo Testamento. Não serão restaurados todos os judeus indistintamente, porque nem todos terão fé. A genética não salva ninguém, como disse Jesus, somente a fé:

> *Produzi frutos próprios de arrependimento; e não comeceis a dizer a vós mesmos: Abraão é nosso pai; porque eu vos digo que até destas pedras Deus pode dar filhos a Abraão* (Lc 3.8).

Note que há também uma *distinção* entre *Nova Jerusalém* e *templo celestial*. A Nova Jerusalém é a cidade que possui muro de jaspe, e a cidade é de ouro puro, semelhante a vidro

puro, mar de cristal, entre outras riquezas. Ela é descrita em Apocalipse 21 e 22.

Mas nós estamos falando do *templo celestial. Arão fará chegar o novilho da sua oferta pelo pecado, e fará expiação por si* (Lv 16.11). Cristo, tendo levado nossos pecados para longe, não se lembrará mais deles. No passado foi aconselhado em Levítico 20.22:

> *Guardai, pois, todos os meus estatutos, e todos os meus juízos, e cumpri-os, para que vos não vomite a terra, para a qual eu vos levo para habitar nela.*

Porém hoje não sofre alteração: *Acrescenta: Também de nenhum modo me lembrarei dos seus pecados e das suas iniquidades, para sempre* (Hb 10.17). Serão novos céus e nova terra, e tudo se fará novo, puro, santo, justo e verdadeiro. E haveremos de estar na Cidade de Deus, a celestial, incorrupta:

> *E ali nunca mais haverá maldição contra alguém; e nela estará o trono de Deus e o Cordeiro, e os seus servos o servirão. E verão o seu rosto, e nas suas testas estará o seu nome. E ali não haverá mais noite, e não necessitarão de lâmpada nem de luz do sol, porque o Senhor Deus os alumia; e reinarão para todo o sempre* (Ap 22.3-5).

Considerações finais

Devo confessar que quando li pela primeira vez o livro do Levítico, fiquei surpreso ao descobrir nele a base ética das leis, a preocupação e sabedoria de Deus em falar da salvação por meio de figuras. Eu era praticamente um novo convertido à época.

A tradição judaica transmitia ao seu povo todos os valores morais e espirituais que vemos neste livro. Decerto eles possuíam muitos outros valores e códigos.

A tradição cristã primitiva tentava converter esses valores ao Cristo já revelado, pois sabia que tudo se cumpria n'Ele. E sem Ele nenhum valor, figura ou sacrifício teria sentido nem efeito.

É certo que as revelações contidas em Levítico não deveriam ser de propriedade exclusiva dos judeus. Elas deveriam ser estendidas aos demais povos para que houvesse salvação *a todo aquele que crê*.

O Evangelho foi mais feliz ao expressar e divulgar melhor a sua mensagem aos povos. Bem mais feliz que o judaísmo. Exatamente por este motivo, por cumprir o propósito transcultural, abriu mão da tradição judaica e imprimiu suas marcas nas culturas por onde foi e é pregado. Quebrou muitos tabus, rompeu muitas barreiras, mas pregou a sua mensagem apresen-

tando uma única figura: *o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo*(Jo 1.29b).

A mensagem da salvação é universal, deve ser pregada a todos os povos indistintamente, e é de interesse universal, pois todo ser humano procura pela salvação. Até mesmo os ateus creem em algo, embora substituam o Senhor por outro deus: a ciência, o partido político, a torcida uniformizada. Todos têm a religiosidade e a espiritualidade de nascença.

Há um caso curioso entre os Dyaks, de Bornéu, povo que esperava a salvação e fazia rituais por meio de "galinhas expiatórias". Sabiamente, o missionário entre aquele povo não hesitou em substituir as "galinhas" pelo Cordeiro, e assim houve grande número de conversões entre os Dyaks, de Bornéu.

Por outro lado, a preocupação necessária em pregar o Cristo descomprometido com tradições é o que devemos tentar fazer. A mensagem do Evangelho não deve ser adulterada em sua essência, mas deve ser adaptada a cada cultura, a cada povo, de modo que apresente Cristo como o Caminho, a Verdade e a Vida. Ele reúne em Si as bases para uma vida plena.

Pouco importa ao ouvinte que ouve a Mensagem pela primeira vez o que representa aos judeus o Yom Kipur. Muito menos querem saber se o animal usado deve ou não ter determinadas características predeterminadas. Este novo ouvinte quer saber se Cristo salva ou não, se cura ou não, quais as referências e testemunhos do que Ele já fez, para que possa vir a crer.

Após a conversão, todo cristão busca fontes históricas para aumentar seu conhecimento e melhorar sua revelação da Palavra.

Neste último capítulo tentei, e creio que com êxito, trazer bem próximo do leitor a realidade bíblica que devemos adotar

para nos aproximar de Deus dentro daquilo que Ele próprio revelou ao homem. Tanto no Antigo Testamento quanto no Novo, que interpreta e cumpre o Antigo Testamento.

Espero, com este livro, poder ter suprido, ao menos em parte, suas necessidades de aprofundar-se nesses detalhes da obra de Cristo. Detalhes estes que me deixam entusiasmado e fascinado por crer num Deus incrível, sábio, e acima de tudo, um Deus pessoal, tão próximo, que procura revelar-se a todos nós, mudando-nos a cada dia.

Referências Bibliográficas

Bíblia Sagrada, edição revista e corrigida, 74ª reimpressão. Trad. João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica do Brasil, 1991.

Bíblia Sagrada, Nova Versão Internacional. São Paulo: Editora Vida, 2001.

Bíblia Vida Nova, edição revista e atualizada no Brasil, trad. João Ferreira de Almeida, 13ª ed. São Paulo: Ediçoes Vida Nova e Sociedade Bíblica do Brasil: 1990.

CONCISO Dicionário Bíblico (Ilustrado), 18ª ed., Trad. dr. S. L. Watson. Imprensa Bíblica Brasileira.

DAVIS, John D. *Dicionário da Bíblia,* 2ª ed, trad. rev. J. R. Carvalho Braga. Casa Publicadora Batista.

DURKHEIM, Émile. As formas elementares de vida religiosa (o sistema totêmico na Austrália), 2ª ed. São Paulo: Paulus, 1989.

HAWARD, Rick C. Tendas, *Templos e Palácios - Uma introdução ao Velho Testamento.,* 1ª ed. International Correspondence Institute.

MELAMED, Rabino Meir Matzliah. *A Lei de Moisés e as Haftarót,* 3ª ed., tradução e comentários em português.

MERYON, Rosalind. *General Gordon on Golgotha - Letters to the Royal Household from Jerusalem in 1883.* Jerusalem: The

Garden Tomb, 2012.

PAGANELLI, Magno. *O Milênio - o tempo que o homem busca. O mundo que Deus pode dar*. São Paulo: Arte Editorial, 2014.

SANTOS, Flávio. *Escatologia, revelações e juízos para o fim dos tempos*. Pindamonhangaba: IBAD, 2008.

SCOFIELD, C. I. A Bíblia Sagrada com as referências e anotações de Dr. C. I. Scofield. Flórida: Imprensa Batista Regular do Brasil, 1983.

Sobre o Autor

Magno Paganelli é doutorando em História Social na Universidade de São Paulo (USP), Mestre em Ciências da Religião (Univ. Presbiteriana Mackenzie), graduado em Teologia com pós-gradu-ação em Novo Testamento (lato sensu) e em Pedagogia. É membro do GT Oriente Médio e Mundo Muçulmano (USP), professor de Religiões Comparadas e de Teologia, palestrante, jornalista e escritor, tendo escrito e publicado mais de 30 livros. É casado com Roseli e pai do Magninho.

